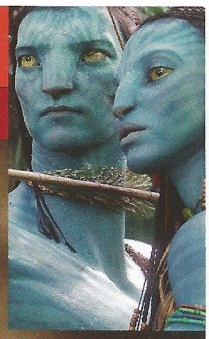
JAMES CAMERON E A REVOLUÇÃO DE *AVATAR*

SET



CINEMA ✪ ENTRETENIMENTO ✪ TECNOLOGIA

aver editora

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Dezembro 2009 - Ed. 267 - Ano 22 - R$ 9,90

2012
E O FIM DO MUNDO
VISTO PELO CINEMA

MEGAN FOX
ELA É O DIABO EM
GAROTA INFERNAL

MERYL STREEP
VAI PARA A COZINHA
EM *JULIE & JULIA*

LUA NOVA
A REINVENÇÃO DA SAGA CREPÚSCULO

† OS BASTIDORES DE UM DOS MAIORES SUCESSOS DO ANO
† OS NOVOS PERSONAGENS
† O FUTURO DA SÉRIE

Se você quiser ver esta interessante mistura religiosa, aonde você tem que ir?

A ( ) Recife, PE
B ( ) Salvador, BA
C ( ) Aracaju, SE
D ( ) Tiradentes, MG

Se você é brasileiro e não sabe a resposta, está na hora de conhecer melhor o Brasil.

RESPOSTA: B – SALVADOR, BA

NAS FÉRIAS, VIAJE PELO BRASIL. É BOM PARA VOCÊ. É BOM PARA O PAÍS.

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Consulte seu agente de viagem. www.turismo.gov.br

BRASIL

Conecte-se voando com as pessoas e com os preços baixos.

Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. A Webjet não apenas voa para todas essas cidades como oferece tarifas superpromocionais. Tudo para conectar você a sua família, seus amigos e também seus negócios.

Acesse webjet.com.br ou consulte seu agente de viagens preferido.

Agora com traslado gratuito entre os aeroportos de Guarulhos e Congonhas, em São Paulo.

webjet.com.br
webjet
webjet
conecte-se

NESTA EDIÇÃO

40

DEVORADORA DE HOMENS: Megan Fox canibaliza geral em *Garota Infernal* e conta como foi a história

26 AMOR ALÉM DA VIDA

LUA NOVA continua a saga *Crepúsculo* e leva os apaixonados Edward e Bella para a Itália em um filme que reinventa a série e a prepara para o futuro

34 VOANDO ALTO

O ambicioso BESOURO coloca o cinema nacional na rota das aventuras marciais ao narrar a lenda de um capoeirista que tenta salvar seus companheiros da escravidão

40 THE GOOD GIRL/THE BAD GIRL

SET explora as diferentes faces de duas das jovens atrizes mais celebradas do cinema atual em entrevistas exclusivas: ZOOEY DESCHANEL e MEGAN FOX

46 A COZINHA MARAVILHOSA DE DONA EPHRON

A diretora de *Sintonia de Amor* explica como transformou Meryl Streep numa cozinheira de mão cheia em JULIE & JULIA

50 É O FIM DO MUNDO COMO CONHECEMOS

Com a estreia do filme-catástrofe 2012, lembramos das diferentes formas que o cinema já acabou com a vida na Terra

56 SET ENTREVISTA

Da série de TV *A Gata e o Rato* ao novo *Substitutos*, BRUCE WILLIS conta como aprendeu a não se levar tão a sério e que, em Hollywwod, envelhecer pode ser o.k.

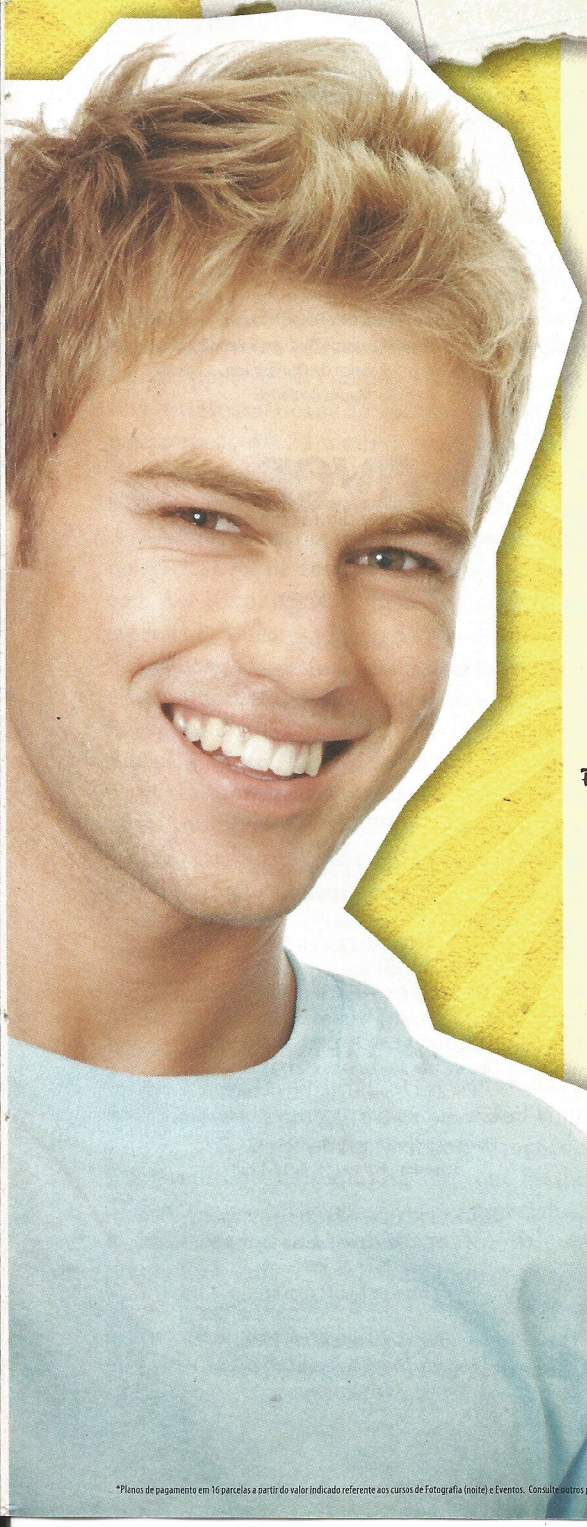
SEÇÕES

8 EDITORIAL **10** CARTAS **12** TAKES **62** CINEMA **68** DVD & BLU-RAY **76** TV PAGA **81** PRÓXIMAS ATRAÇÕES **82** HQ HUMOR

NA CAPA: Robert Pattinson e Kristen Stewart em *Lua Nova* (Paris); Meryl Streep em *Julie & Julia* (Sony)

Comunicação e Artes

os melhores cursos da região!



PARCELAS A PARTIR DE R$ 234,43*

CINEMA
- Produção e edição de vídeo em alta definição desde 2004
- Estúdio de 200m² com maquinaria completa
- Os melhores softwares: FinalCut, ProTools, Motion e Color

EVENTOS
- Centro de Convenções com 8.268m²
- Auditórios multimeios e Teatro Escola
- Novas instalações e equipamentos para todos os tipos de eventos

JORNALISMO
- Jornal universitário com tiragem de 30.000 exemplares
- Laboratório de telejornalismo totalmente digital
- Produção de programas de rádio e TV semanais

FOTOGRAFIA - manhã
- Sem aulas aos sábados
- Equipamentos 35mm e médio formato
- Turmas reduzidas com enfoque no desenvolvimento individual

RÁDIO E TV
- Edição de vídeo em alta definição
- 3 estúdios de rádio e gravação
- Vivência profissional desde o início do curso

FOTOGRAFIA - noite
- 5 estúdios constantemente atualizados
- 2 laboratórios de revelação e ampliação
- Equipamentos digitais e analógicos

RELAÇÕES PÚBLICAS
- Ênfase em comunicação corporativa
- Professores atuantes no mercado
- Experiência prática em organização e divulgação de eventos

PUBLICIDADE E PROPAGANDA
- Maior expertise em Macintoshes da região
- Agência Experimental com os melhores softwares
- Professores altamente qualificados e com grande experiência na área

TEATRO
- Foco na formação de atores
- Teatro Escola equipado e com 250 lugares
- Apresentações teatrais desde o 1º ano do curso

Processo Seletivo ou Vestibular 29/11

www.ceunsp.edu.br

0800 10 95 35

CEUNSP

muito mais vida universitária!

*Planos de pagamento em 16 parcelas a partir do valor indicado referente aos cursos de Fotografia (noite) e Eventos. Consulte outros planos ligando para 0800 10 95 35. Todos os cursos sujeitos à disponibilidade de vagas.

É impossível prever um fenômeno. Músicas que grudam no imaginário coletivo, jogadores de futebol que saem do nada para brilhar nos gramados, atores e atrizes em cinema e TV que, sem maiores explicações, caem no gosto do público, e de lá não saem mais. E livros, claro. *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, relata um romance impossível (*pero no mucho*) entre uma adolescente e um vampiro – na verdade, as fantasias da autora transportadas para o papel. Vai entender por que, mas a coisa pegou. *Crepúsculo* virou série em quatro livros, Hollywood cresceu os olhos e, rapidinho, um filme já estava no forno. O resultado? Mais um fenômeno, imprevisível, agarrando principalmente a imaginação de adolescentes que queriam ser Bella, protagonista do filme, para viver um amor impossível com um rapaz mais que humano. A continuação do fenômeno chegou aos cinemas – mais ambiciosa, mais elegante, com cada centavo investido aparecendo em cena – e fez ainda mais barulho. O segredo? Sobreviver sem a muleta do filme anterior, ao mesmo tempo que deve mostrar um universo familiar – como explica em entrevista exclusiva o diretor de *Lua Nova*, Chris Weitz.

Por falar em fenômeno, *Avatar* ainda precisa mostrar a que veio, mas nos bastidores já começou a mudar as regras de como fazer um filme – fazer, vender, abraçar a tecnologia. O primeiro trabalho mainstream de James Cameron depois de *Titanic* chega aos cinemas carregado de uma ambição que vai além do desejo do seu criador: são os olhos da indústria e do mundo vendo se, de fato, o futuro do cinema como entretenimento, como ferramenta tecnológica e como narrativa está mesmo nas mãos de uma história de amor.

Reinvenção. Palavra que se tornou rotina aqui na redação. Desde que SET passou a ser publicada pela Aver Editora, a pergunta que reverbera constantemente em nossa mente é: como mudar a cara de SET sem que ela perca as características que a tornaram a maior revista sobre cinema do Brasil? Não é tarefa fácil, principalmente com os atos e baixos deste ano que se encerra. A edição que você tem em mãos mostra uma revista que, aos poucos, vai ganhando sua cara definitiva. 2010 aparece aos poucos no horizonte como mais um desafio, e nosso compromisso permanece o mesmo: trazer a você o melhor do cinema mundial, de maneira acessível e completa, para que cada SET se torne peça de colecionador. É o recomeço de uma jornada bacana. Que a gente divide, todo mês, com você.

Roberto Sadovski
Editor-Chefe

SET

PUBLISHER
Cláudio Magnavita

Diretor Editorial José Aparecido Miguel
Diretor de Núcleo Turismo/Aviação Rodrigo Figueiredo

REDAÇÃO
Editor-Chefe Roberto Sadovski

ARTE
Editor de Arte Ken Tanaka
Designers Ayami Tanaka e Sidney João Rossini
Tratamento de Imagens Silvio Rogério da Silva

FOTOGRAFIA
Pesquisa de Imagens Marilene Bucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Alfredo Sternhein, Ana Elisa Faria, Ariane Brogini, Dennison Ramalho, Dulce Damasceno de Brito (*in memoriam*), Eduardo Torelli, Elaine Guerrini, Felipe Goulart, João Lins de Albuquerque, Juliana Pereira, Luiz Felipe Mazzoni, Paulo Cabral, Renato Villiegas, Roberto Larroude, Rodrigo Salem, Sérgio Rizzo
Ilustração Fábrica de Quadrinhos
Revisão Mauro de Barros

aver editora
www.avereditora.com.br

PRESIDENTE
Cláudio Magnavita

Vice-Presidentes
Hélcio Estrella, Anderson Espinosa

GERENTE DE PUBLICIDADE
Dervail Cabral

CIRCULAÇÃO E OPERAÇÕES
Wagner Pinheiro

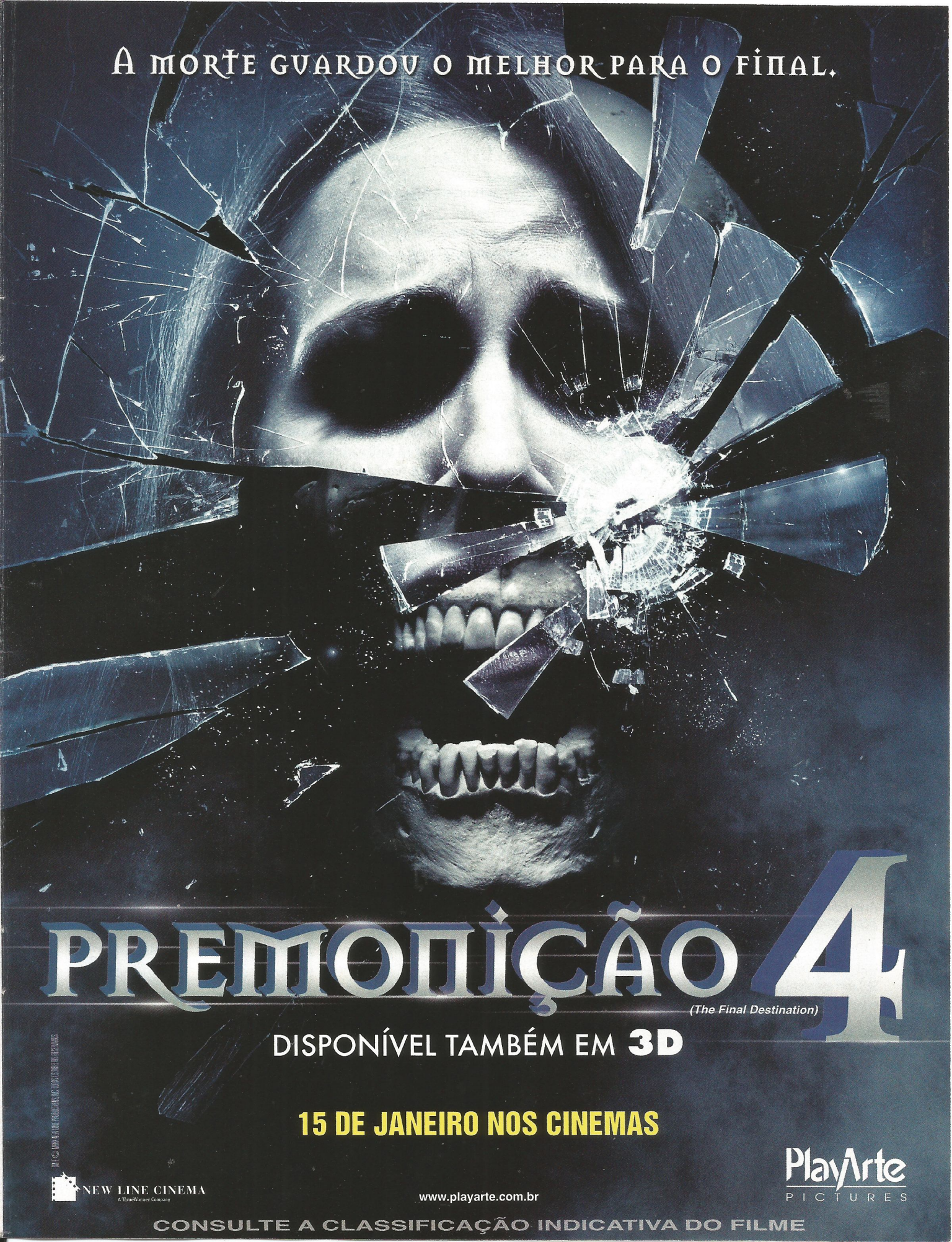
ASSISTENTE DE DIRETORIA
Elisângela Delabilia

REDAÇÃO E ESCRITÓRIO
São Paulo: Rua da Consolação, 1992, 10º andar, CEP 01302-000, Fone/fax (11) 3257-0577

REDAÇÕES E ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio de Janeiro - Fone/fax (21) 2509-1675
Brasília - Fone/fax (61) 3327-1449
Porto Alegre - Fones (51) 3231-3745 e 3061-3483
Florianópolis - Fones (48) 3024-3571/3575
Salvador - Fones (71) 3017-1938

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3257-0577. De segunda a sexta-feira, das 9 às 18h.
www.revistaset.com.br

SET é uma publicação da Aver Editora.
Distribuição: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.


A MORTE GUARDOU O MELHOR PARA O FINAL.
PREMONIÇÃO 4
(The Final Destination)
DISPONÍVEL TAMBÉM EM 3D
15 DE JANEIRO NOS CINEMAS
NEW LINE CINEMA
A TimeWarner Company
www.playarte.com.br
PlayArte
PICTURES
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

É o amor!

Um dia destes eu estava revendo *Simplesmente Amor*, de Richard Curtis. Em uma cena, comenta-se que a sala de desembarque dos aeroportos é onde a gente vê que o amor entre as pessoas é mais sólido! Com lágrimas nos olhos, devo dizer que a seção de cartas de SET equivale a Cumbica! A novíssima SET foi aprovada por você, caro leitor, que entupiu a caixa postal (eletrônica) da revista com centenas de mensagens bacanas. Com boas-vindas. Bom, um me cobrou uma grana, mas isso é outro papo... O fato é que, de mangas arregaçadas, estamos trabalhando para você ter sempre a melhor revista sobre cinema do Brasil. E com o respondedor de cartas mais charmoso! Duvida?

LOVE IS IN THE AIR

Ao cara mais charmoso, simpático e maravilhoso da seção de cartas... (*blablablá*)... Fico muito feliz com a sua volta... (*blablablá*)... Beijos e mais uma vez bem-vindo!

Andréa S. Rodrigues

Curitiba-PR

Eu voltei, agora pra ficar... Só o Rei Roberto para me inspirar nestes momentos tão inesquecíveis!

QUALIDADE É TUDO

Vejo com bons olhos a troca de editoras por parte da revista SET. A nova editora, presidida pelo jornalista Cláudio Magnavita, pode dar o suporte necessário para a SET aumentar a qualidade de suas informações. Lembramos que nas últimas edições, a revista esteve um pouco deficiente na capacidade de transmitir as notícias e curiosidades para seus leitores. Com a experiência de outras publicações, a *Aver Editora* pode elaborar com primazia o conteúdo a ser passado para todos aqueles que veem na revista SET um excelente veículo de informação sobre o cinema.

Orlando Kremer Machado

Assinante de SET e membro do Conselho de Turismo da CNC

Eu não teria colocado de forma tão perfeita!

NUVEM NEGRA

Os últimos meses foram de grande preocupação para mim como ávido leitor da SET, foram várias as mudanças, saídas e retornos. Parece que esta nuvem negra ficou para trás. Finalmente pude pôr minhas mãos na edição de setembro. Reencontro o Sadovski e o respondedor oficial, e fico feliz pela Aver estar aqui e me brindar com a garantia de um futuro promissor.

Wagner Caetano Bruginski

por email

A equipe agradece! Chuif...

E OLHA O LEITOR AMIGO!

O filme que o leitor Luís Wagner se refere é uma ficção científica da produtora britânica Hammer, realizada em 1967 e com o título original *Quatermass and the Pit*. No Brasil, o filme foi chamado de *Uma Sepultura para a Eternidade* e nos EUA recebeu o título de *Five Million Years to Earth*. Como o leitor se lembra, a história realmente é sobre uma escavação de metrô que deflagra uma descoberta arqueológica: a nave alienígena de uma civilização antiga que teve influência sobre as origens do ser humano. A memória de Luís Wagner só o trai em dois aspectos: a história se passa em Londres, não em Nova York, e o filme é do final da década de 60, e não na década de 50. Por outro lado, este filme, dirigido por Roy Ward Baker (o mesmo de *Somente Deus por Testemunha?*), é uma adaptação de uma série de TV da BBC exibida em 1958. Fica, então, um último mistério: o leitor assistiu à série (que é em p/b como ele descreve) ou ao filme (que é colorido)? O próprio Luís Wagner pode descobrir, pois o Google tem fotos das duas produções e ambas constam no YouTube. Infelizmente, nenhuma foi lançada em DVD no Brasil.

Marco Antônio Pereira

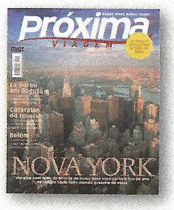
por email

Caramba! É por isso que eu gosto do nosso leitor. Por isso que você, Marco, ganha um "valeu rapá!" caprichado – junto com outros cinéfilos que atenderam ao Luís!

ESCLARECIMENTO

A SET vive uma nova etapa, marcada especialmente por sua aquisição pela Aver Editora. Uma transição assim provoca a necessidade de adequação de circulação e entrega da revista, até que se atinja o ritmo próprio das operações do setor. A vigência de sua assinatura, em qualquer hipótese, será preservada. A Aver Editora trabalha para manter e ampliar a qualidade da SET em todos os níveis.

Outras publicações da AVER EDITORA

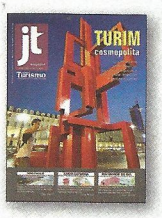


Próxima Viagem

Jornal de Teatro

Jornal de Turismo

Aviação em Revista



JT Magazine

Catálogo Abav

CONVERSE COM A GENTE

Fone: (11) 3257-0577 - E-mail: set@avereditora.com.br ou acesse www.setonline.com.br - Endereço: Rua da Consolação, 1992, 10º andar, CEP 01302-000, São Paulo (SP)

ASSINATURA SET

Fone: (11) 3038-1450

França.Br 2009

Confira a programação:
anodafrancanobrasil.cultura.gov.br

Os perfumes franceses você já conhece

Mas tem uma outra França que você nem imagina

ANO DA FRANÇA NO BRASIL. A FRANÇA MUITO ALÉM DO QUE VOCÊ IMAGINA.

Em 2005, a França dedicou um ano ao Brasil. Agora, em 2009, é a nossa vez de retribuir. **De 21 de abril a 15 de novembro,** acontecem centenas de eventos em todas as regiões brasileiras para mostrar a riqueza e a diversidade da França contemporânea. Espetáculos, shows, exposições, palestras e debates proporcionam uma grande oportunidade para fortalecer ainda mais a parceria entre os nossos países nas áreas de economia, tecnologia e cultura. Participe.

Liberté • Égalité • Fraternité
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Polanski (aqui no set de *Oliver Twist*): processo de décadas pode terminar em cadeia

O Fugitivo

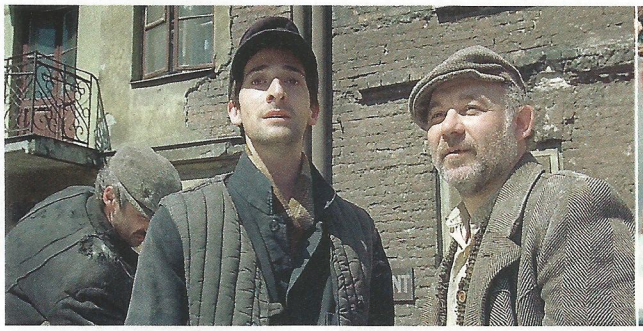
Prisão de Roman Polanski na Suíça mostra que a Justiça (ianque) não esquece

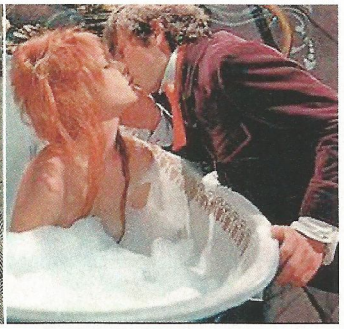
POR ALFREDO STERNHEIM

É impressionante. Desde menino, Roman Polanski se viu diante de situações extremas que, na maioria vezes, o impeliram a fugir. A primeira foi o seu confinamento em um campo de concentração dos nazistas. A mais recente, em Zurique, Suíça, no dia 26 de setembro. Mal chegou de Paris ao aeroporto local, foi preso devido a um pedido de extradição da Justiça dos Estados Unidos por conta de um processo ocorrido em 1978. Triste sina para o cineasta, que aos 76 anos tinha viajado para receber um prêmio durante um festival de cinema naquela cidade. A sua saga de prisão e fuga começou durante a Segunda Guerra Mundial. Nascido em Paris, em 18 de agosto de 1933, Roman Liebling (seu nome de batismo) era cidadão polonês e aos 3 anos, junto com seus pais, judeus, já vivia em Varsóvia. Quando a capital da Polônia passou a ser ocupada pelas tropas alemãs, ele tinha 9 anos. Para evitar ser preso junto com sua família, se escondeu em um armário. Em vão. Depois de algum tempo de padecimentos e humilhações, além da morte da mãe, conseguiu fugir do campo nazista e se abrigou em vários lares católicos no meio rural do país. Lá aguardou o final da guerra.

Após a paz voltar à Europa, Roman dedicou-se ao cinema como ator e, mais tarde, estudando roteiro e direção na famosa escola de Lodz. Fez alguns curtas e em 1962, já assinando Roman Polanski, apresentou o seu primeiro longa, *A Faca na Água*, um filme denso e sarcástico com apenas três personagens que lhe deu fama internacional.

JAMES BOND 23 está a caminho – pelo menos é o que diz DANIEL CRAIG. Em de Hugh Jackman, o ator confirmou que a nova aventura, ainda sem diretor,





Lampejos de gênio: *O Pianista*, que lhe deu o Oscar de melhor diretor; e com Sharon Tate em *A Dança dos Vampiros*

Nessa condição, na Inglaterra realizou *Repulsa ao Sexo* (*Repulsion*), com Catherine Deneuve.Acompanhando a sua exibição, mas fazendo parte da delegação polonesa, o diretor veio ao Brasil pela primeira vez. Em 1965, no 1º Festival Internacional do Rio, tive oportunidade de conhecê-lo. Ficou feliz de saber que *A Faca na Água* havia tido boa repercussão entre nós. Mas sua atenção estava mais voltada para as praias e as mulheres de biquíni. E assim se manteve, mesmo depois de anunciar publicamente que havia se tornado cidadão britânico. "Eu quero respirar liberdade", disse com aquele maroto e sempre de olho nas moças que circulavam pelo Copacabana Palace, ao mesmo tempo que pedia ajuda do ator John Herbert para conhecer belas brasileiras. Ele estava recém-separado da primeira esposa, a atriz polonesa Barbara Laas. A delegação da Polônia ficou uma fera com a sua deserção. O falecido Zbigniew Cybulski, ator do cult *Cinzas e Diamantes*, não hesitou em chamá-lo de traidor. Um escândalo.

Em 9 de agosto de 1969, em meio ao estrondoso êxito de *O Bebê de Rosemary*, aconteceu na sua residência em Hollywood a maior das tragédias na vida de Polanski, que filmava na Europa: cinco pessoas, entre elas a sua esposa, a atriz Sharon Tate, que estava grávida de oito meses, foram vítimas de uma chacina. Um grupo liderado pelo psicopata Charles Mason invadiu a mansão, alugada de Doris Day, e matou a todos com requintes de crueldade. Coincidência irônica: no dia da detenção do cineasta na Suíça, uma das assassinas, a que escreveu a palavra porco na parede da propriedade, morreu de câncer na penitenciária onde cumpria pena de prisão perpétua. Mas Polanski parecia ter superado a tragédia, não abandonou Hollywood. Tanto que lá fez em 1974 uma obra-prima: *Chinatown*, com Jack Nicholson. Foi na casa desse ator, em 1977, que o cineasta teve relações sexuais com uma garota de 13 anos. O fato gerou um processo e em 1978, antes do julgamento que daria a sentença final, ele foi para a Europa. Por isso, passou a ser foragido da Justiça norte-americana. Daí o processo de extradição que, agora, provocou a sua detenção na Suíça.

Apesar da queixa ter sido retirada pela vitima – Polanski é réu confesso –, o governo de Tio Sam insiste em trazê-lo de volta para Los Angeles para acertar as contas. As irregularidades no processo, apontadas em um documentário, *Roman Polanski: Wanted and Desired*, feito em 2007, adicionam camadas que deixam sua situação ainda mais complicada. Até o fechamento desta edição, Polanski, agora com 76 anos, continuava preso – mas já sugeria que a extradição para os Estados Unidos seria a melhor opção para não ficar na prisão e resolver rapidamente o problema. Sua genialidade como artista e as tragédias de sua vida não são – e nem devem ser – atenuantes para o crime.

cartaz na Broadway em *A Steady Rain* ao lado vai para frente das câmeras no fim de 2010

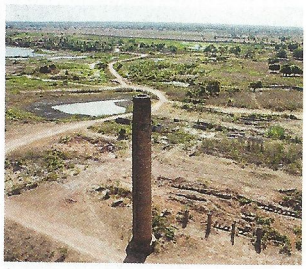
■ A animação *Rio*, de Carlos Saldanha (*A Era do Gelo 3*), já tem seu time de vozes: Anne Hathaway, Neil Patrick Harris e Rodrigo Santoro estão no elenco da história da arara que sai de uma cidadezinha no Minnesota para viver aventuras na Cidade Maravilhosa.

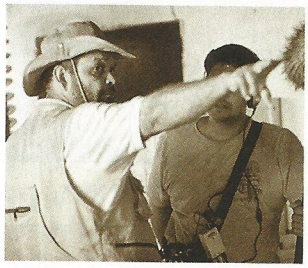
■ *Homem-Aranha 4* já está esquentando para começar a rodar em março, e o ator Dylan Baker confirmou que está no filme. Baker interpreta o cientista Curt Connors no segundo e terceiro filmes da série – nos quadrinhos, ele se torna o vilão Lagarto.

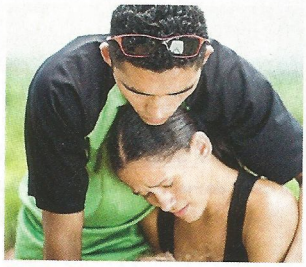
■ A roteirista Laeta Kalogridis, responsável pelo texto do ainda inédito *A Ilha do Medo*, de Martin Scorsese, vai escrever a versão para cinema da animação *Ghost in the Shell*, que a DreamWorks quer produzir como uma aventura live-action em 3D.

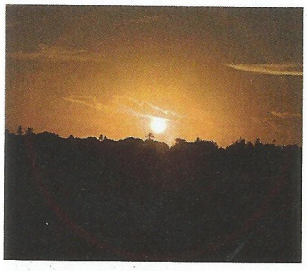
Um dia de fúria

Documentário *Sangue do Barro* mostra o crime que parou uma cidade – e a mídia, que sangrou o caso até o fim









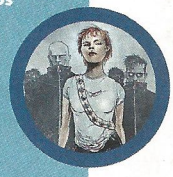
Memória do terror: lugares, pessoas e consequências do ataque de um assassino há mais de dez anos no documentário de Fábio DeSilva (na foto em preto-e-branco) e Mary Land Brito

Era 22 de maio de 1997, e a vida prosseguia bucólica no minúsculo distrito de Santo Antônio dos Barreiros, município de São Gonçalo do Amarante, próximo a Natal, no Rio Grande do Norte. Até então o lugar era conhecido por seus tijolos de qualidade e pela cultura dos ceramistas – as torres do forno são parte da paisagem local. Mas doze horas e quatorze assassinatos depois, Santo Antônio dos Barreiros ganharia para sempre outro apelido: a cidade do serial killer Genildo Ferreira de França. Ex-escoteiro, ex-atirador de elite do Exército, Genildo, conhecido por Neguinho de Zé Ferreira, municiou-se de pistolas e balas e passou uma noite inteira matando. A chacina chamou a atenção da imprensa mundial – foi notícia no *New York Times* e na *CNN* – e ganhou cobertura sensacionalista por parte da imprensa local. É também o tema do documentário *Sangue do Barro*, de Fábio DeSilva e Mary Land Brito, que retornaram ao distrito para, mais de uma década depois, entrevistar os sobreviventes do massacre.

"A ideia foi apresentar os fatos, e não julgar o que aconteceu", conta DeSilva, depois de uma exibição de *Sangue do Barro* durante o Goiamum Audiovisual, festival de cinema realizado em Natal em setembro. "A gente rodou o filme com linguagem de cinema para deixar que o público tirasse suas próprias conclusões." Para traçar os passos de Genildo no dia fatídico, os cineastas entrevistaram também o delegado que assumiu a caça ao assassino e os repórteres que acompanharam o caso. Até hoje os motivos da ação do matador, que aparentemente se suicidou quando finalmente foi acuado pela polícia, são desconhecidos. Alguns dizem que ele ficou perturbado depois da morte de seu filho, atropelado meses antes. Outros contam que ele queria se vingar das pessoas que o tacharam de homossexual, o que para ele, em um lugar tão pequeno, seria uma ofensa irreparável à sua honra.

No trabalho de DeSilva e Brito, o mais surpreendente é a montagem do material jornalístico da época, com repórteres de um programa de TV revelando os corpos ao vivo no noticiário. "Foi impressionante perceber que, uma década depois, o lugar ainda vive assombrado pela tragédia", continua DeSilva. "Mais importante ainda foi registrar o caso em filme. Porque Genildo não é vítima nem algoz. É produto do meio. E quantos outros podem existir sem que a gente sequer se dê conta?" *Sangue do Barro* foi produzido com recursos do projeto Doc.TV do Governo Federal e já foi exibido na TV Brasil e na TV Cultura.

A continuação de *30 Dias de Noite*, em que vampiros dizimam uma cidadezinha do Alaska, já está sendo rodada. *Dias Sombrios* tem direção de Ben Ketai, não traz ninguém do elenco original e tem toda pinta de filme direto para vídeo...



E o já lendário *Mad Max 4* esquenta os motores mais uma vez. O canal E! anunciou que o diretor George Miller quer Charlize Theron no reboot da série, que não trará Mel Gibson. Em seu lugar entraria Tom Hardy (*Falcão Negro em Perigo*).

No calcanhar do sucesso de seu *Distrito 9*, o diretor Neill Blomkamp já assegurou financiamento para seu próximo filme – uma ficção científica ainda sem título. Para manter sua liberdade artística, Neill vai mais uma ver rodar longe dos grandes estúdios, e só com o filme pronto buscar um distribuidor. Lição dada

De Hollywood à realeza

Grace Kelly, que completaria 80 anos em novembro, brilhou como atriz e princesa

POR ALFREDO STERNHEIM

Uma vida relativamente curta que mais parece um conto de fadas. Nascida de uma família milionária da Filadélfia em 12 de novembro de 1929, a norte-americana Grace Patrícia Kelly, em vez de ser dondoca, estudou arte dramática na Nova York de 1947. Passou pelo teatro antes de atuar no cinema. Nessa área, fez cerca de 20 produções para a TV e apenas onze longas. A bem-sucedida carreira foi encerrada em 1956, quando se tornou princesa de Mônaco, onde morreu.

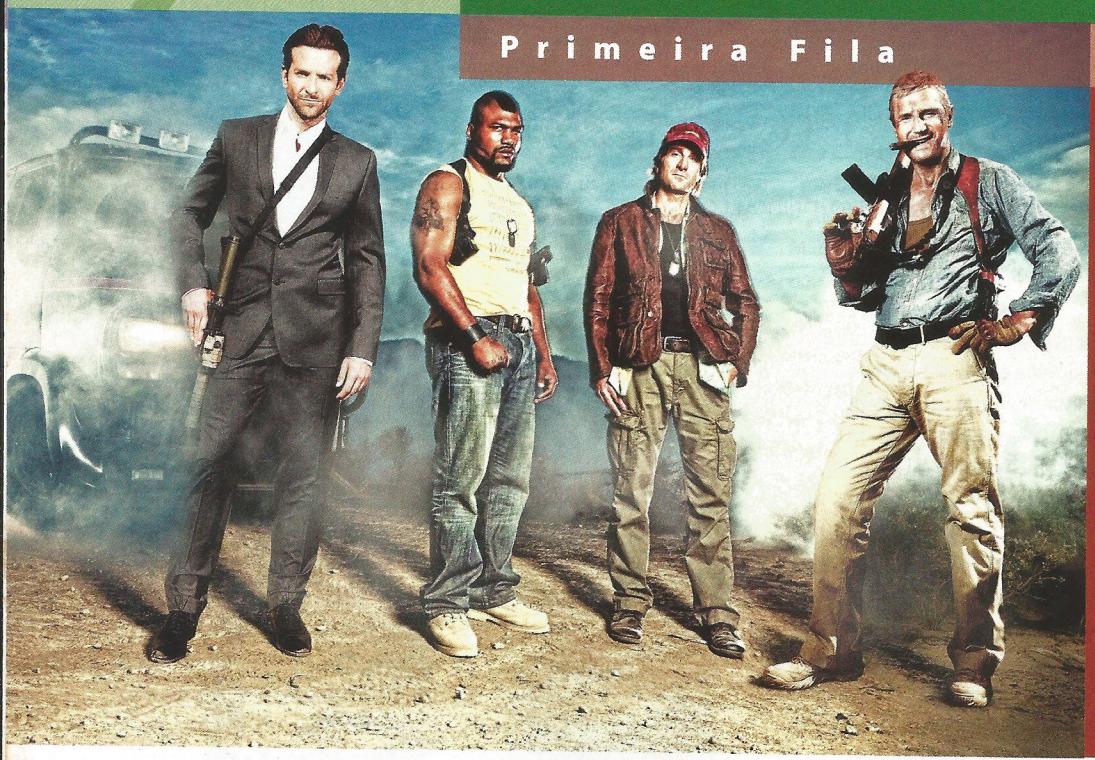
Em 1951, a sua estréia em Hollywood não despertou atenção: deu-se em um pequeno papel no thriller *Horas Intermináveis* (*Fourteen Hours*), de Henry Hathaway. No ano seguinte, após vários filmes de TV, surgiu a primeira grande oportunidade no cinema em *Matar ou Morrer* (*High Noon*)*, o clássico western de Fred Zinneman. Em 1953, fez *Mogambo*, de John Ford, que lhe valeu o Globo de Ouro de melhor coadjuvante. Mas foi Alfred Hitchcock quem mais valorizou a forte carga de sensualidade naquela mulher de beleza glacial. Em 1954, ele a dirigiu em *Disque M para Matar* (*Dial M for Murder*)* e *Janela Indiscreta* (*Rear Window*)*. No mesmo ano, ela viveu a esposa de um alcoólatra em *Amar É Sofrer* (*The Country Girl*), de George Seaton. Com esse desempenho, ganhou o Oscar de melhor atriz.

Em 1955, Grace filmava *Ladrão de Casaca* (*To Catch a Thief*)*, de Hitchcock, na Riviera Francesa, quando o amigo e jornalista francês Pierre Galante, marido de Olivia de Havilland, a levou ao Palácio Grimaldi, sede do principado de Mônaco, para fazer uma reportagem da Paris Match. Lá, conheceu o Príncipe Rainier III. O romance prosperou e em 19 de abril de 1956, logo após concluir seu último filme, *Alta Sociedade* (*High Society*)*, de Charles Walters, ocorreu o casamento.

Grace passou a dedicar-se apenas aos seus deveres de soberana e de mãe de Caroline, Albert (atual príncipe de Mônaco) e Stephanie. Foi na companhia da filha caçula que sofreu um desastre de carro, causa de sua morte, em 14 de setembro de 1982. O acidente deu-se na mesma estrada onde ela filmou cena de velocidade e charme com Cary Grant em *Ladrão de Casaca*. Triste ironia. Mas ainda brilha a imagem luminosa da princesa que se classificou em 13º lugar na lista elaborada pelo AFI (American Film Institute), apontando as cinquenta maiores lendas femininas do cinema.

** Disponível em DVD*

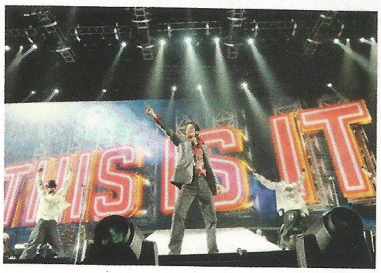
Primeira Fila



Esquadrão Classe A

É isso que a gente chama de uma imagem icônica: em milésimos de segundo, a rapaziada aqui da editora bateu os olhos nessa foto e matou que era da versão para cinema da série dos anos 80. Prontos para a chamada? Da esquerda para a direita, Templeton "Cara de Pau" Peck (Bradley Cooper), Bosco "B.A." Baracus (Rampage Jackson), Murdock (Sharlto Copley) e John "Hannibal" Smith (Liam Neeson). Só faltou a vilã Jessica Biel para embelezar a foto....

O pop do rei

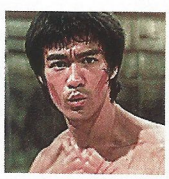


Música e cinema sempre tiveram uma relação estreita, mas poucas vezes um concerto como *This Is It*, registro dos ensaios de Michael Jackson para a turnê cancelada com sua morte, pode ser apreciado numa tela grande. O U2 fez isso em 1989 com *Rattle and Hum*. *Pink Floyd: Live at Pompeii* registrou o grupo tendo como plateia ninguém além de sua equipe. *This Is It* é fruto do infortúnio, mas os produtores já anunciam uma bilheteria que pode chegar a 600 milhões de dólares. Caça-níqueis ou espetáculo derradeiro de um artista completo? E por que não os dois?

Estrela apagada

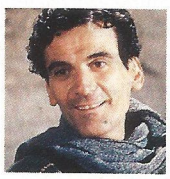
SET lembra outros astros que partiram antes de ver seu trabalho completo

JAMES DEAN
Com *Juventude Transviada* (1955) e *Assim Caminha a Humanidade* (1956), James Dean consolidou seu status de superastro, a voz de uma nova geração que começava a se descobrir no cinema – e, também, em sociedade. Mas ele nunca viu o peso de sua influência. Dean morreu num acidente de carro em 30 de setembro de 1955, um mês antes da estreia do filme de Nicholas Ray.



BRUCE LEE
Operação Dragão fez de Bruce Lee um astro no Ocidente, criando a primeira superprodução de artes marciais dos Estados Unidos – e uma legião incomparável de imitadores. O astro, porém, encerrou seu legado com este filme, já que foi vítima de um edema cerebral em 20 de julho de 1973, aos 33 anos, um mês antes do lançamento de *Dragão. Jogo da Morte*, que chegou aos cinemas cinco anos depois, usou algumas cenas de luta que ele havia gravado antes de sua morte, mas não trouxe uma performance completa.

HEATH LEDGER
Quando começou a rodar *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, Heath Ledger parecia ter encontrado um equilíbrio que buscara com ardor em sua curta carreira. Avesso às armadilhas da fama, que lhe mordia o calcanhar desde a indicação ao Oscar por *O Segredo de Brokeback Mountain*, ele viu no Coringa o personagem perfeito para criar um trabalho sem as amarras geralmente atreladas a uma produção de tal porte, ao mesmo tempo que podia colher os frutos da fama sem sacrificar sua arte – pelo papel, ele se tornou o segundo ator a ganhar o Oscar postumamente. Ele ainda deixou boa parte de seu trabalho em *O Mundo Imaginário do Dr. Parnassus* na lata, e o diretor Terry Gillian conseguiu completar o filme (ainda inédito no Brasil) com a ajuda de Johnny Depp, Jude Law e Colin Farrell.



MASSIMO TROISI
Indicado ao Oscar por seu trabalho no sensível *O Carteiro e O Poeta*, drama dirigido por Michael Radford que se tornou um dos filmes mais celebrados de sua época, o italiano Massimo Troisi não chegou a acompanhar sua consagração. Um ataque do coração levou o ator de apenas 41 anos em 4 de junho de 1994, três meses antes de o filme começar sua carreira vitoriosa no Festival de Veneza do mesmo ano.

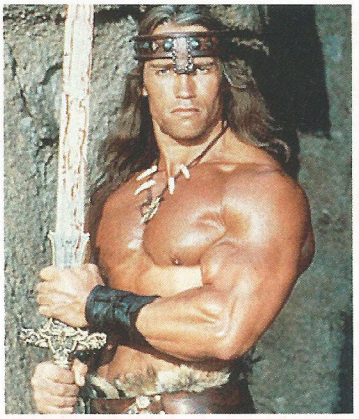
BRANDON LEE
Depois de dois filmes de ação genéricos, Brandon Lee preparava-se para tornar-se um ícone, como seu pai, com o superestilizado *O Corvo*, adaptação do personagem criado por James O´Barr, com Alex Proyas na direção. Um acidente com uma arma cenográfica, porém, lhe tirou a vida aos 28 anos. Com o filme incompleto, Proyas reescreveu o roteiro e terminou *O Corvo*, que se tornou um sucesso.

Howardiana – Pulp, glória e sangue no cinema dos bárbaros

Entre a era da ascensão de Reagan e o fim do mundo de 2012, por nós vagou o legado de Robert E. Howard

Os eruditos já denominaram a tradição literária por ele criada de Howardiana (como o estilo de pintura americana, que tem seu maior baluarte em Norman Rockwell). Os fãs de quadrinhos e literatura reverenciam-no como "o pai do gênero fantasia." E o cinema nutre-se de seu extenso universo de histórias (e até mesmo de sua vida pessoal) para gerar adaptações ora cultuadas, ora malditas. Um fato não se contesta: a obra do escritor pulp americano Robert Ervin Howard envelhece muito bem, obrigado. Se você, leitor, não sabe quem é Howard, vou dar a senha que até nossas avós conhecem: *Conan* – sua mais celebrada criação.

Se a memória ainda não esquentou, prepare-se para tê-la fundida a aço e fogo entre 2009 e 2011, começando pela gloriosa estreia de outro exemplar de Howardiana que bombou nas telas do Festival de Toronto, em agosto: *Solomon Kane*! O longa, que conta as façanhas do herói puritano inglês em sua batalha contra as forças do inferno, é fruto das páginas do periódico de ficção americano *Weird Tales*, principal plataforma de lançamento da obra de Howard. Nos anos 20, essa antologia abrigou grandes autores de terror, ficção científica, aventura, crime e fantasia. De suas páginas nomes como August Derleth, Fritz Leiber, H.P. Lovecraft e Clark Ashton-Smith (além do próprio Howard, é claro) alçaram-se de meros escribas de entretenimento a expoentes da literatura norte-americana do século 20. Desses, além de Lovecraft (que foi fartamente explorado pelo cinema de horror), quem mais ganhou adaptações influenciais para o cinema foi Howard. Antes do sabre de Solomon Kane talhar o celuloide sob a direção de Michael Basset (e interpretação de James Purefoy, o Marco Antônio da série *Roma*), Hollywood pariu mais quatro exemplares de Howardiana entre os anos 80 e 90, todos representantes do que os leigos podem (singelamente) lembrar como "filmes de bárbaro".



Arnold Schwarzenegger como Conan: a expressão máxima das criações de Howard

O primeiro e mais relevante (e sem o qual nenhum dos outros três – e nem uma miríade de imitações – poderia ter sido possível) foi o arrebatador *Conan, o Bárbaro* (1982, de John Milius). O filme, com roteiro de Oliver Stone, é um dos raros exemplares de uma fita de fantasia feita para adultos, permeada de filosofia, sexo, paganismo e violência desabrida. O diretor John Milius imbuiu o longa de um tom sombrio e sensual, que lhe emprestou peso dramático incomum a filmes de aventura. *Conan*, além de ser a primeira adaptação de Robert E. Howard para o cinema, reserva-se também o mérito de lançar Arnold Schwarzenegger ao estrelato e firmá-lo como o *action hero* definitivo dos anos 80. Dezenas de derivações perseguiram uma fração do sucesso de *Conan* (*O Senhor das Feras*, *A Espada e os Bárbaros*, para citar alguns).

Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, e dentro dessa lógica os filmes seguintes de Howardiana a chegar às telas foram um mico – como adaptações e como sucessos. *Guerreiros de Fogo* (1986) e a nova aventura do bárbaro *Conan, o Destruidor* (1984), ambos dirigidos por Richard Fleischer, foram diluições de padaria dirigidas ao público juvenil e que pouco ecoaram o peso mitológico do universo de Howard. Para piorar, *Conan* ganhou uma série de TV animada e outra em live-action que foram a pá de cal no processo de infantilização do herói mais brutal jamais gerado pela literatura americana. Em 1997, Dino de Laurentiis (que assinou todas as quatro produções de Howardiana para o cinema) deu uma nova cartada: *Kull, o Conquistador* (1997, de John Nicolella). Este, pior do que os arremedos de *Conan*, destroçou um dos mais fantásticos heróis do panteão de Howard. O Rei Kull, aventureiro que dominou o mundo antediluviano, foi arrasado pelo ator-halterofilista Kevin Sorbo e por uma trilha sonora roqueira (uma blasfêmia frente às inspirações wagnerianas de Howard).

Até a première de *Solomon Kane* em Toronto, numerosos boatos grassaram por mais de uma década pela internet, especulando novas adaptações de Howard para o cinema. Enquanto nenhuma se concretizava, o próprio autor foi personagem do drama *The Whole Wide World*, dirigido por Dan Ireland, a partir do livro de memórias *One Who Walked Alone*, de Novalyne Price Ellis (namorada de adolescência de Howard, que presenciou sua luta contra a depressão crônica, causadora de seu suicídio em 1936). Vincent D'Onoffrio viveu Howard e Novalyne ganhou as carnes de Renée Zellweger. Um dos boatos, ao menos, já está pra lá de confirmado: a estreia em 2010 de uma promissora adaptação de *Red Sonja* – que vai ganhar produção de Robert Rodriguez e as curvas de Rose McGowan (a heroína com perna de metralhadora de *Planeta Terror*). Fala-se também de uma nova adaptação de *Conan*, sob a batuta do diretor Marcus Nispel (*Desbravadores*). A julgar pelos inúmeros rumores, é melhor relaxar e ouvir a fala final do narrador de Conan, o Bárbaro: "... mas isto já é outra história".

O roteirista e diretor Dennison Ramalho escreveu *Encarnação do Demônio* e dirigiu o curta *Amor Só de Mãe*

Anselmo Duarte: 1920-2009

Ele sempre foi lembrado como o diretor do único filme brasileiro premiado com a Palma de Ouro em Cannes.

POR ALFREDO STERNHEIM

O homem da Palma: Anselmo Duarte trabalhou como ator, produtor e diretor, garantindo para o Brasil sua única premiação máxima em Cannes, dada a *O Pagador de Promessas*

Em 1957, o ator Anselmo Duarte fez uma louvada estréia como diretor em Absolutamente Certo. Em seguida, foi para a Europa onde morou e trabalhou como ator em produções portuguesas e espanholas. Na volta, ele estava decidido a fazer um longa para ganhar a Palma de Ouro no festival de Cannes. Essa obstinação prosseguiu durante e após a conclusão de seu segundo longa, *O Pagador de Promessas*. Pouco dias antes da viagem para Cannes em maio de 1962, o produtor Oswaldo Massaini deu uma festa em sua mansão – lá, Anselmo voltou a repetir que traria o prêmio máximo do certame. Todos concordavam, mas por trás, manifestavam descrença – afinal, seus concorrentes eram Buñuel, Lumet, Antonioni e outros nomes que poderiam impressionar o júri presidido por François Truffaut. Mas *O Pagador de Promessas* ganhou a Palma de Ouro. O momento maior na vida de Anselmo, um paulista nascido em Salto, onde foi enterrado no último dia 8 de novembro, aos 89 anos.

Foi em 1947 no Rio de Janeiro, que ele começou a sua carreira de ator, ganhando papéis importantes em filmes como *Querida Suzana*, *Pinguinho de Gente*, *Terra Violenta* e *Carnaval no Fogo*, entre outros. Já galã famoso da Atlântida, em 1951 a Vera Cruz o contratou. Naqueles estúdios em São Bernardo do Campo, tornou-se o astro de *Tico-Tico no Fubá*, *Veneno*, *Apassionata* e *Sinhá Moça*. Mas, apesar do êxito de bilheteria dessa aventura abolicionista em 1953, dois anos depois a empresa fechou suas portas.

Mesmo assim, Anselmo não parou de trabalhar no cinema. Porém, como diretor, o triunfo de *O Pagador de Promessas* acirrou divergências criadas pelos marqueteiros do cinema novo. E o fracasso do seu terceiro longa, *Vereda da Salvação*, o deixou mais ressentido. No total, foram cerca de 38 atuações, alguns roteiros e onze direções de oito longas e três episódios. Quanto a Palma de Ouro, ela permaneceu por mais de duas décadas em um armário de vidro na Cinedistri, a empresa de Oswaldo Massaini na Boca do Lixo. Em 1962, o prêmio costumava ser entregue ao produtor e Massaini se achou no direito, que ninguém contestou, de colocá-la na sua sala de espera. Nos anos de 1980, Anselmo a solicitou emprestada para exibi-la em uma palestra e nunca mais a devolveu. A amizade entre os dois acabou.

Quero ser John Malkovich

de Spike Jonze

Existe algo deliciosamente fora do eixo na estreia de um dos diretores mais festejados da última década

O.k., vamos fazer as contas. Desde que estreou como diretor em *Quero Ser John Malkovich*, Spike Jonze rodou *Adaptação*, o lúdico (e ainda inédito no Brasil) *Onde Vivem os Monstros* e... bom, e só. Provando que qualidade não se mede por quantidade, ele poderia ter parado nesta comédia surreal e ainda assim ter seu nome grafado na história do cinema. Tudo porque *Quero Ser John Malkovich* foi o filme certo na hora certa – uma alegoria insana para marcar a virada do milênio, uma exploração do mundo das celebridades e de como o homem comum faria tudo para estar na pele de alguém famoso. Literalmente. É o que acontece quando o titereiro Craig (John Cusack) descobre que, ao atravessar uma porta em seu escritório, é jogado dentro do cérebro do ator John Malkovich, onde experimenta o mundo por seus olhos, por quinze minutos. Lotte (Cameron Diaz), mulher de Craig, termina se envolvendo com a colega do marido, Maxine (Catherine Keener), que passa a vender viagens para a cabeça do ator por 200 dólares... Enquanto cada um enxerga na aberração a chance de mudar de vida – especialmente Craig, que se descobre capaz de manipular o ator como a um marionete –, Lotte descobre o verdadeiro propósito do experimento. Dirigindo o roteiro de Charlie Kaufman, o estreante caminhou pela tênue linha que separa realidade de ficção ao mesmo tempo que escancarou o absurdo que é a cobiça e o poder sem o equilíbrio de um compasso moral. Acima de tudo, *Quero Ser John Malkovich* mostrou que, em meio à aridez de ideias que acomete o cinemão, é possível criar uma obra ousada e completamente original – além de tecnicamente perfeita, magistralmente dirigida e focada no que é mais importante: a interação entre os personagens. Em especial o próprio Malkovich, que vê o que nenhum homem deveria ver quando atravessa seu próprio portal... ROBERTO SADOVSKI

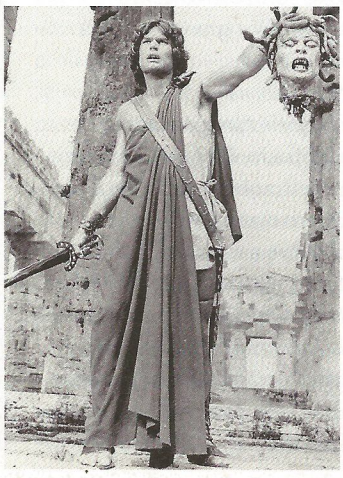
Craig Schwartz: Tem uma porta minúscula em meu escritório,
Maxine: É um portal que leva você pra dentro de John Malkovich. Você vê o mundo pelos olhos de John Malkovich... e então, depois de quinze minutos, você é cuspido... numa vala ao lado do pedágio de Nova Jersey.
Maxine: Que ótimo! Quem diabos é John Malkovich?
Craig Schwartz: Ah, ele é um ator. Um dos grandes atores americanos do século 20.
Maxine: Ah, é? Que filme ele fez?
Craig Schwartz: Muitos, muitos. Aquele filme do ladrão de joias, por exemplo. Ele é muito respeitado. De qualquer forma, a questão é... que isso é algo muito estranho. É supernatural, na falta de uma palavra melhor. Quero dizer, levanta todo tipo de pergunta filosófica, sabe... sobre a natureza do ser, sobre a existência de uma alma. Sabe, eu sou eu? Malkovich é Malkovich? Eu tinha um pedaço de madeira em minha mão, Maxine. Não tenho mais. Onde está? Sumiu? Como assim? Ainda está na cabeça de Malkovich? Eu não sei! Você percebe que problemão esse portal é? Eu não vejo como vou conseguir viver minha vida do jeito que vivia antes."

FOTO: DIVULGAÇÃO

De Cara Nova

Clash of The Titans

Sam Worthington acertou no alvo em 2009. Primeiro, encarnou o personagem mais bacana no irregular *O Exterminador do Futuro – A Salvação*: Marcus, que luta para recuperar a humanidade perdida. Mês que vem ele é o protagonista de *Avatar*, a volta de James Cameron treze anos depois de *Titanic*. Como é de imaginar, o telefone do sujeito não para de tocar – mas ele não tem tempo de atender, já que não sai do set de filmagem. E é com ele que a refilmagem de *Fúria de Titãs*, de 1981, sai da faixa infanto-juvenil e perde seu charme cafona (ampliado pelos efeitos inesquecíveis de Ray Harryhausen) para se mostrar como uma aventura mais suja e crua, seguindo, ao menos visualmente, os passos de épicos recentes como *Tróia* (urgh...) ou *O Senhor dos Anéis* (yeah!). Sob o comando do diretor Louis Leterrier (*O Incrível Hulk*), Worthington é Perseu, guerreiro que precisa enfrentar um exército de monstros para salvar sua amada. Se no original o ator Harry Hamlin (na foto em destaque) tinha um ar de líder de boy band, a nova encarnação do personagem parece carregar a fúria necessária para uma jornada traçada pelos deuses e pontuada por criaturas míticas. *Clash of the Titans* estreia em terras brasilis em 2 de abril de 2010.



Cara feia: Sam Worthington (acima) arrebenta criaturas míticas na nova versão de *Fúria de Titãs* (ao lado, cena do original)

■ Gerard Butler, ainda aproveitando seu momento como herói de ação/galã romântico (decida-se, homem!), vai testar suas habilidades em terreno mais perigoso. O ator vai aparecer na adaptação da tragédia *Coriolanus*, de William Shakespeare, que também marca a estreia de Ralph Fiennes como diretor.

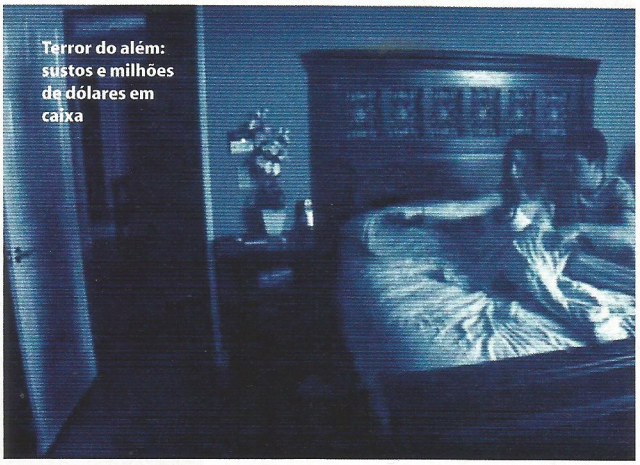
■ A espetacular série em quadrinhos *Bone*, de Jeff Smith, vai ganhar mais uma chance na telona. No limbo há quase uma década, o próprio Smith confirmou que *Bone* pode se tornar uma trilogia em animação digital – embora ele não esconda sua preferência por desenhos tradicionais. É o futuro, Jeff...

■ A coisa vai ficar pesada no Velho Oeste. Os roqueiros monolíticos do Mastodon confirmaram sua participação na trilha sonora de *Jonah Hex*, que chega aos cinemas ano que vem. Os temas da banda, uma das mais respeitadas do novo metal, serão incorporados à trilha do compositor John Powell.

(Lucro) De arrepiar

O terror *Paranormal Activity* repete o fenômeno do filme independente que fatura alto nas bilheterias

É uma coisa geracional. De vez em quando, um filme chega aos cinemas sem o apoio de um grande estúdio, sem diretor de renome, sem astros. Ora, sem um centavo no orçamento para pagar o almoço de um George Clooney! Ainda assim, às vezes os deuses do cinema sorriem e, presto!, surge uma produção para deixar executivos de queixo caído e algum produtor independente com um lucro assombroso. Foi o que aconteceu há dez anos com *A Bruxa de Blair*, que estreou no Festival de Sundance como "o filme dos moleques que morreram na floresta", usou a internet para propagar a "lenda" de que tudo era real e terminou com um faturamento de inacreditáveis 280 milhões de dólares – o orçamento de Blair não passou de 35 mil dólares, um lucro de 355 mil por cento. Agora, o fenômeno se repete. *Paranormal Activity* (ou "atividade paranormal"), que mostra um casal lidando com uma entidade sobrenatural que parece perseguí-los dentro de casa, fechou o fim de semana de 16 de outubro, seu quarto em cartaz – e primeiro com circuito expandido – em terceiro lugar no ranking das bilheterias ianques. Cinco dias depois, o filme do estreante Oren Peli já estava no topo, somando quase 40 milhões de dólares. Nada mal para uma produção sem astros que gastou a merreca de 11 mil dólares. Enquanto executivos coçam a cabeça (mais uma vez) para tentar entender como um filme tão fora da equação clicou com a molecada que lota os cinemas, um observador mais atento não precisa ir longe para ligar os pontos: internet. *Paranormal Activity* foi comprado pela Paramount, que organizou sessões-teste do longa e filmou a reação aterrorizada da plateia. Esse material foi parar nos teasers do filme, difundidos pela rede com uma campanha esperta: se você quer ver o filme, peça para a distribuidora por email. Em poucas semanas mais de 350 mil fanáticos exigiram *Paranormal Activity* em suas cidades – dado que o estúdio não tardou a usar em sua campanha. Aos poucos o cinema aprende a usar as ferramentas online a seu favor, deixando o pavor da pirataria um pouco de lado. Afinal, ver a um bom filme – principalmente de terror – ainda é uma experiência para ser compartilhada com os amigos em uma sala lotada.



Terror do além: sustos e milhões de dólares em caixa

Big Money Os cinco filmes mais lucrativos da história

	FILME*	ORÇAMENTO	BILHETERIA	PERCENTUAL DE LUCRO
	1 A Bruxa de Blair *(1999)*	US$ 35,000	US$ 248.300.000	354.614,29 %
	2 Tarnation *(2004)*	US$ 218	US$ 1.162.015	266.416,97 %
	3 Mad Max *(1980)*	US$ 200,000	US$ 99.750.000	24.837,50 %
	4 Super Size Me *(2004)*	US$ 65,000	US$ 29.259.368	22.614,90 %
	5 A Noite dos Mortos Vivos *(1968)*	US$ 114,000	US$ 30.000.000	13.057,89 %

* fonte: www.the-numbers.com

A crise da "máquina dos sonhos"

Com o ano chegando ao fim, será que o Brasil tem o que ensinar ao cinemão americano?

POR JOÃO LINS DE ALBUQUERQUE

Enquanto 2009 foi considerado um ano farto para o cinema brasileiro – mais de 15 milhões de espectadores terão assistido, até o final dezembro, a quatro filmes nacionais de grande sucesso em todo o país –, nos Estados Unidos a "máquina de sonhos" de Hollywood agoniza. Para os padrões brasileiros, um público de 15 milhões de pessoas não é nada mal. Isto porque nossas produções, por melhor que sejam, dificilmente no passado atraíam um público superior a 1 milhão de pessoas, num único ano. Hoje, essas cifras mudaram. Exemplos: somente o filme mais recente de Daniel Filho, *Se Eu Fosse Você 2*, já levou nada menos que 6 milhões de pessoas aos cinemas; outra comédia divertida, *A Mulher Invisível*, de Cláudio Torres, com Selton Mello e Luana Piovani, já foi vista por mais de 3 milhões de pessoas em todo o Brasil. Ao contrário dessa experiência bem-sucedida, nos Estados Unidos os cinemas de todo o país estão vendendo menos ingressos e a comercialização específica de DVDs, que gera enormes lucros, esfriou.

Em julho passado, a Paramount – graças ao triunfo comercial de *Star Trek* e de *Transformers: A Vingança dos Derrotados* – projetava um lucro de bilheteria superior a 1 bilhão de dólares para o segundo semestre de 2009. No começo de agosto toda essa ilusão caiu por terra. A revista *Variety* divulgou estatísticas da Viacom, empresa proprietária dos estúdios da Paramount, indicando que esses "lucros" eram bem mais modestos do que os esperados. Ou seja, revelavam uma queda de 32% – uma perda de 25 milhões de dólares só para o estúdio. Para os produtores independentes, de fora do sistema dos grandes estúdios, a situação é diferente. Apesar das previsões catastróficas feitas no final de 2008, durante a crise financeira, o público continuou frequentando os cinemas. Esta foi a grande lição da crise: a fidelidade do público. Filmes como *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, de David Yates, e até como *Wolverine*, de Gavin Hood, continuaram rendendo importantes dividendos. Isso, aliás, fez lembrar a depressão dos anos 1930, quando o espectador, empobrecido e massacrado pela crise, tinha necessidade de ir ao cinema para refrescar as idéias. Daí o grande sucesso das comédias. E daí, talvez, o relativo sucesso do filme do polêmico Michael Moore, *Capitalism: a Love Story*, no Festival de Veneza, onde o diretor procurou mostrar a crise do "capitalismo selvagem e a ladroeira financeira de Wall Street". A verdade é que, passageira ou não, a crise agora está atingindo Hollywood. Já faz algum tempo que os custos exponenciais das superproduções (mais de 240 milhões de dólares para *Avatar*, o novo filme de James Cameron em 3D) reduzem a margem dos benefícios dos estúdios. Cameron, que produziu e dirigiu *Titanic*, a maior arrecadação da história do cinema, assegura que a crise é passageira. "A arrecadação de *Avatar* vai fazer à de *Titanic* parecer um piquenique de colegiais", diz o diretor, indicando que o filme entrará em cartaz antes do Natal.

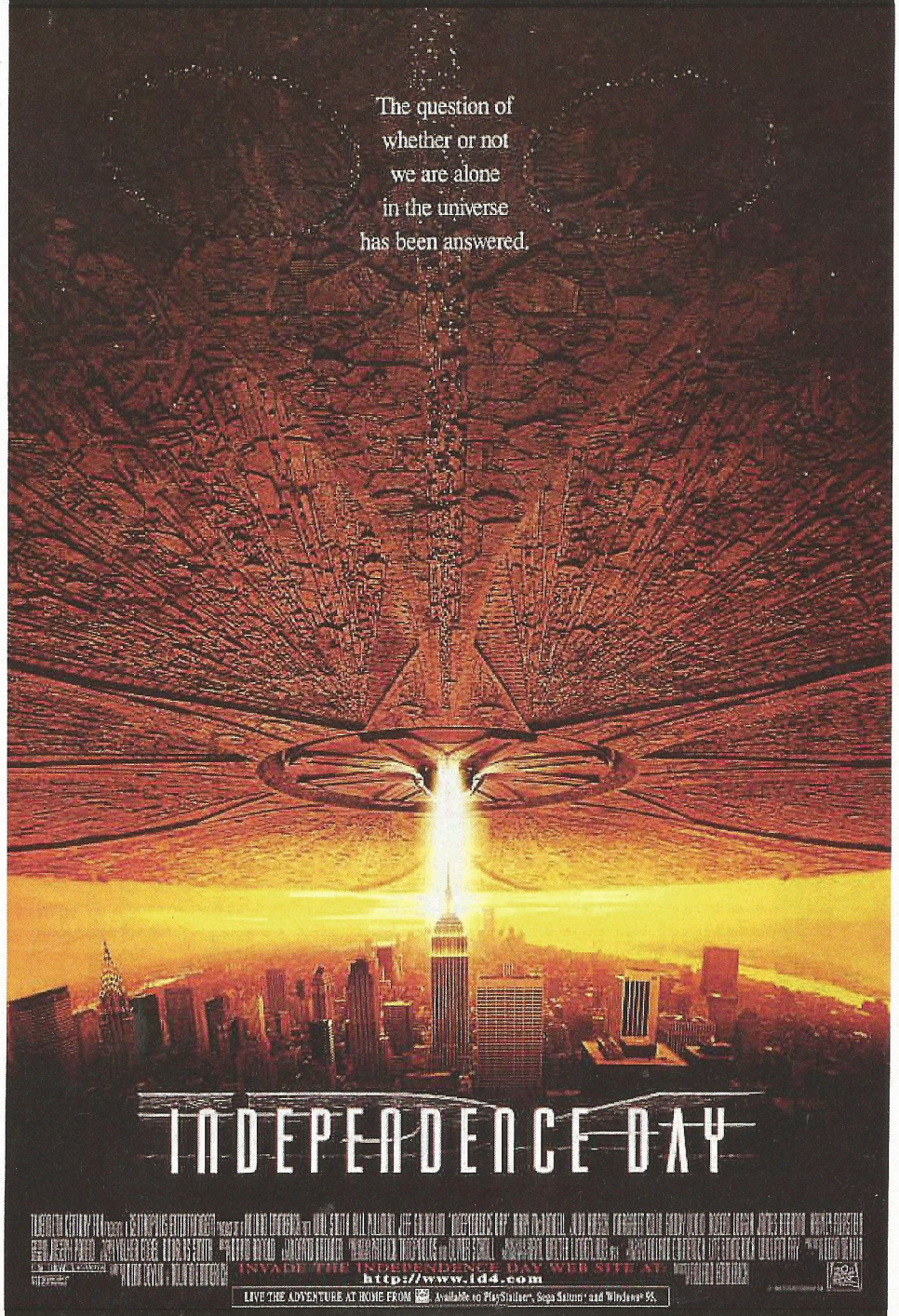
***Se Eu Fosse Você 2*: triunfo brasileiro nas bilheterias dirigido por Daniel Filho**

Pode ser que Hollywood , com sua magia e encanto, acabe vencendo os obstáculos. No mês de outubro, contudo, a constatação é de que a crise aprofunda-se. Nesse contexto, os exemplos são muitos: *O Elo Perdido*, com Will Ferrel (que custou 100 milhões de dólares) e *O Solista*, com Jamie Foxx (também beirando os 100 milhões) são fracassos patentes de bilheteria. Outro fenômeno ligado à crise e que, naturalmente, está atormentado a vida de Hollywood é o chamado "cinema adulto" e o "sistema de estrelato", que parece já não funcionar como antes. Um filme espetacular como *Jogos do Poder*, com Russell Crowe e Ben Affleck, tornou-se um "flop" – muitos atores sofreram penosas quedas de popularidade.

Assim, enquanto Daniel Filho celebrou, em 2009, seu êxito absoluto como cineasta e o Festival do Rio exibiu com relativo sucesso mais de trezentos filmes, em 25 salas de projeção, em Hollywood pergunta-se: como se comportarão os espectadores daqui para adiante? Ou o futuro do cinema estará nas mãos da internet, nas pequenas telas das TV de plasma e nos cinemas minúsculos dos shoppings? Pode até parecer ilusão, mas no Brasil as reflexões, em 2009, foram outras. Daniel Filho que o diga.

João Lins de Albuquerque é jornalista e escritor, chefiou o serviço de língua portuguesa da Rádio das Nações Unidas, em Nova York. É autor do livro *Conversações – 50 Entrevistas Essenciais para Entender o Mundo*, pela Livraria Cultura, e prepara-se para lançar *Antônio Olinto – 90 Anos de Paixão*, sobre o acadêmico brasileiro que morreu dia 12 de setembro.

Cartaz em cartaz



INDEPENDENCE DAY

(EUA, 1996)

Direção: Roland Emmerich **Roteiro**: Roland Emmerich e Dean Devlin **Produção:** Dean Devlin **Direção de fotografia:** Karl Walter Lindenlaub **Desenho de produção:** Oliver Scholl e Patrick Tatopoulos **Direção de arte:** Jim Teegarden Figurino: Joseph Porro **Edição:** David Brenner Música: David Arnold **Estúdio:** 20th Century Fox, Centropolis Entertainment

817
milhões de dólares foi a bilheteria mundial de *ID4*

SINOPSE

Quatro dias antes da celebração do Dia da Independência americano, gigantescas naves alienígenas surgem nos céus das maiores metrópoles do planeta: seu ataque é fulminante. Um piloto da Força Aérea Americana, um cientista e o presidente dos EUA comandam o contra-ataque contra o invasor alienígena.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Capitão Steven Hiller: Rejeitado pela NASA em seu sonho de ser astronauta, Hiller é um piloto de caça e sobrevive ao primeiro combate com as forças alienígenas. Ele realiza seu sonho em ir ao espaço na missão suicida que pode definir o futuro da humanidade.
Presidente Thomas J. Whitmore: Herói de guerra eleito por seu histórico militar, o presidente Whitmore vê Washington tombar ante a força do ataque de uma das naves das criaturas e comanda as forças do mundo todo no contra-ataque.
David Levinson: Cientista que trabalha em uma rede de TV, ele decifra o código da primeira investida dos seres de outro mundo na Terra e ajuda a descobrir a forma de derrotar os invasores.
Russell Casse: Abduzido décadas antes, uma experiência que o deixou perturbado e alcoólico, Russell terá uma chance de se vingar quando todo piloto habilitado é convocado para a investida contra uma das naves-mãe dos ETs.
Dr. Brackish Okun: Ciente da existência de vida em outros planetas há décadas, Okun é um dos responsáveis pela mítica Área 51, que de fato mantém o corpo de aliens que caíram no Novo México no fim dos anos 1940.

CURIOSIDADES

■ A abreviação *ID4* não foi invenção do departamento de marketing do estúdio, e sim uma saída legal para o problema (hoje inexistente) em usar o nome *Independence Day* ■ A ideia do filme surgiu quando o diretor Roland Emmerich estava discutindo a existência de vida em outros planetas durante a divulgação de *Stargate* (1994), que ele também pilotou ■ Na versão do diretor lançada em DVD, a relação entre Russell Casse e seu filho, Miguel, é mais bem explicada e fecha rombos no plot original ■ Um final alternativo mostra que Russell foi rejeitado para pilotar um caça no ataque final à nave-mãe, mas entra na batalha usando seu biplano para pulverizar plantações – o que seria ainda mais implausível ■ A solução para derrotar os aliens – um vírus de computador – é uma homenagem ao final de *A Guerra dos Mundos*, em que os invasores alienígenas são derrotados por um vírus, o da gripe ■ A gigantesca arma de raios da nave-mãe que explode no clímax do filme é, na verdade, a mesma maquete do Empire State, mostrada de cabeça para baixo ■ O cenário do interior da Casa Branca foi construído originalmente para o drama *Meu Querido Presidente* (1995), sendo reutilizado em *Marte Ataca!* (1996) ■ *ID4* tem o recorde de maior número de miniaturas usado em um único filme. Como atualmente a tecnologia digital substituiu a carpintaria de técnicos em miniatura, é provável que este recorde jamais seja quebrado ■ A música que toca na primeira cena do filme é "It's the End of the World as We Know It (And I Feel Fine)", do R.E.M. ■ O desenhista de produção, Patrick Tatopoulos, virou nome de personagem de *Godzilla* (1998), também dirigido por Emmerich. Ele estreou como diretor em *Anjos da Noite: A Rebelião*.

DATA DE ESTREIA

6 de abril de 2009 (prémiere em Austin, Texas)

Capitão Steven Hiller (Will Smith)

Presidente Thomas J. Whitmore (Bill Pullman)

David Levinson (Jeff Goldblum)

Russell Casse (Randy Quaid)

Dr. Brackish Okun (Brent Spiner)

"Bem-vindo à Terra"
Capitão Steven Hiller

UP - ALTAS AVENTURAS

(Up, EUA, 2009)

Direção: Pete Docter e Bob Peterson **Roteiro:** Bob Peterson, Thomas McCarthy e Pete Docter **Produção:** Jonas Rivera, Andrew Stanton e John Lasseter **Desenho de produção:** Ricky Nierva **Direção de arte:** Ralph Eggleston, Bryn Imagire, Harley Jessup, Daniel Lopez Munoz e Don Shank **Edição**: Kevin Nolting **Música:** Michael Giacchino **Estúdio:** Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios

4
meses separaram a estreia americana da brasileira, para evitar a competição local com *A Era do Gelo 3*

SINOPSE

Viúvo e solitário, Carl Fredrickson, aos 78 anos, decide viver a aventura que planejou por toda a vida com sua esposa: conhecer uma catarata na América do Sul. Quando ele se vê ameaçado de perder sua casa e ser colocado numa casa de repouco, ele ergue sua casa com milhares de balões de gás e ganha o céu – acompanhado inesperadamente pelo escoteiro Russell. Mas sabe a dupla que eles terão de lidar com um aventureiro desaparecido há anos, cachorros falantes e um pássaro raríssimo antes de descobrir um jeito de voltar para casa.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Carl Fredrickson: desde criança Carl sonhava em ser um aventureiro, paixão que compartilhou com sua amiguinha de infância – que se tornou sua esposa –, Ellie. Sete décadas depois ele parte em busca de seu sonho ao transformar sua casa em um veículo aéreo bizarro.
Russell: De todas as medalhas de que precisa para se graduar como escoteiro, a única que falta a Russell é a de ajudar os mais velhos. Para isso ele gruda em Fredrickson, insistindo em ser de alguma forma útil. Quando termina parte da aventura do septuagenário, Russell vai se mostrar o melhor dos companheiros.
Charles Muntz: Famoso explorador de cinco décadas atrás e desaparecido nas selvas sul-americanas desde então, Charles é encontrado por Carl e Russell – mas acha que a dupla quer roubar-lhe o mérito de capturar o pássaro mais raro do mundo.
Dug: Se o melhor amigo do homem pudesse falar, ele seria então Dug, um cachorro gente fina que expressa seus pensamentos por meio de um colar especial. Treinado para caçar, ele só quer ser feliz e fazer amigos.
Alpha: O perigoso líder dos cães falantes de Charles Muntz é dono de uma voz ameaçadora – isso quando seu transmissor não está quebrado, o que lhe deixa menos ameaçador.

CURIOSIDADES

■ *Up – Altas Aventuras* foi a primeira animação – e o primeiro filme em 3D – a abrir o Festival de Cannes ■ Exceto por Dug, todos os cachorros do filme ganharam nomes do alfabeto grego – Alpha, Beta, Gamma, etc. ■ John Ratzenberger empresta sua voz a mais um personagem de uma animação da Pixar, fazendo dele o único ator presente em todos os filmes do estúdio ■ As expressões de Carl Fredrickson são inspiradas no rosto de Spencer Tracy e de Walter Matthau ■ Chico Anysio emprestou sua voz para Carl na dublagem brasileira de *Up*; na versão francesa, ele foi dublado pelo cantor Charles Aznavour ■ Com 293 milhões de dólares arrecadados nas bilheterias americanas, é o segundo maior sucesso da Pixar nos EUA – *Procurando Nemo* (2003), com 340 milhões, é a primeira.

DATA DE ESTREIA

4 de setembro de 2009 (Brasil)

Carl Fredrickson (Ed Asner)

Russell (Jordan Nagai)

Charles Muntz (Christopher Plummer)

Dug (Bob Peterson)

Alpha (Bob Peterson)

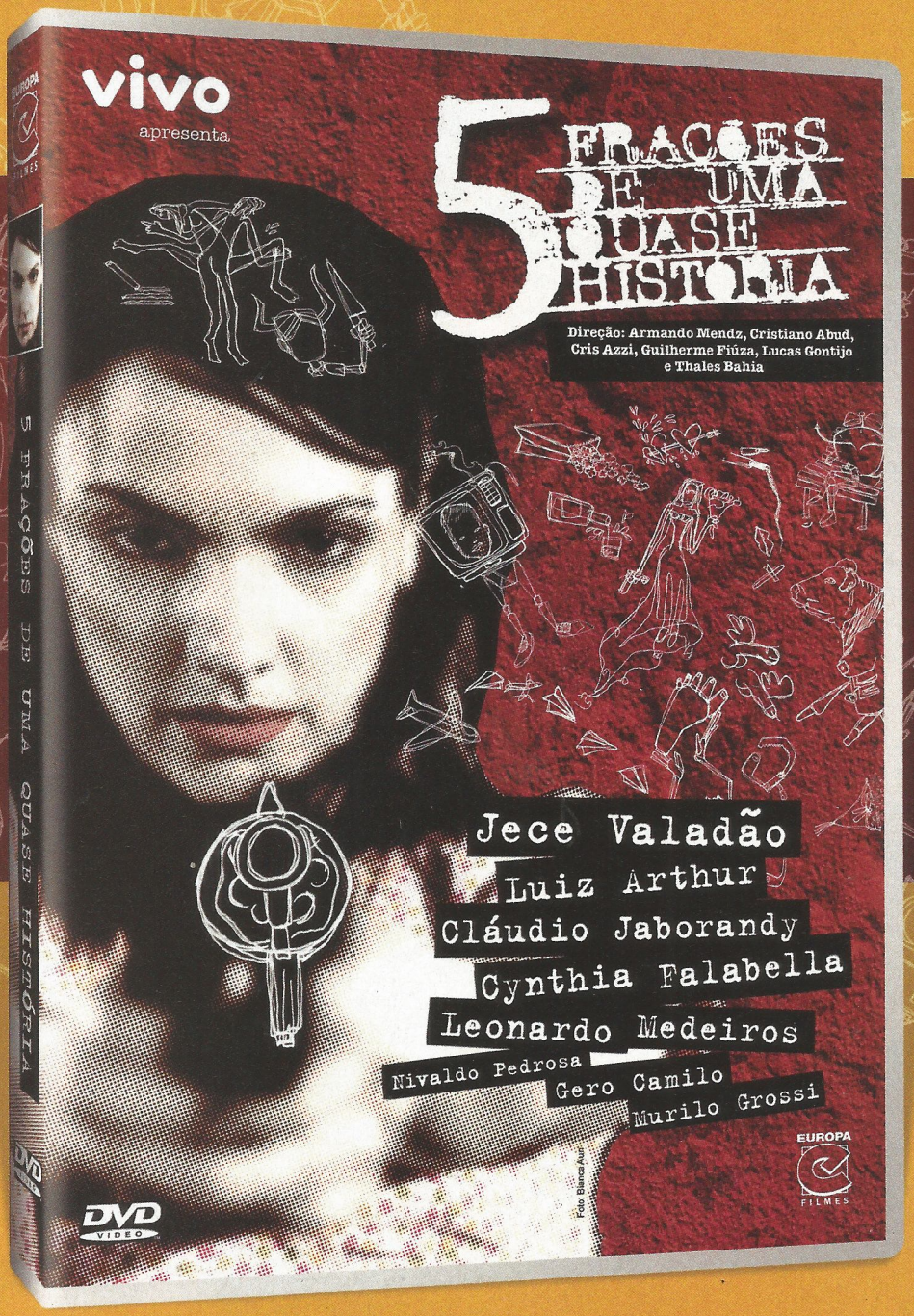
"Eu acabei de te conhecer. e eu te amo!"
Dug, o cachorro

5 PERSONAGENS TERÃO SUAS VIDAS TOTALMENTE MODIFICADAS A PARTIR DE UM QUENTE FINAL DE SEMANA

JECE VALADÃO LUIZ ARTHUR CLÁUDIO JABORANDY CYNTHIA FALABELLA LEONARDO MEDEIROS

12º FESTIVAL DE CINEMA DE MIAMI
PRÊMIO DE MELHOR ROTEIRO/CRISTIANO ABUD
PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI/CYNTHIA FALABELLA

CINE PE - FESTIVAL DE RECIFE
PRÊMIO ESPECIAL DO JÚRI
MELHOR DIREÇÃO DE ARTE

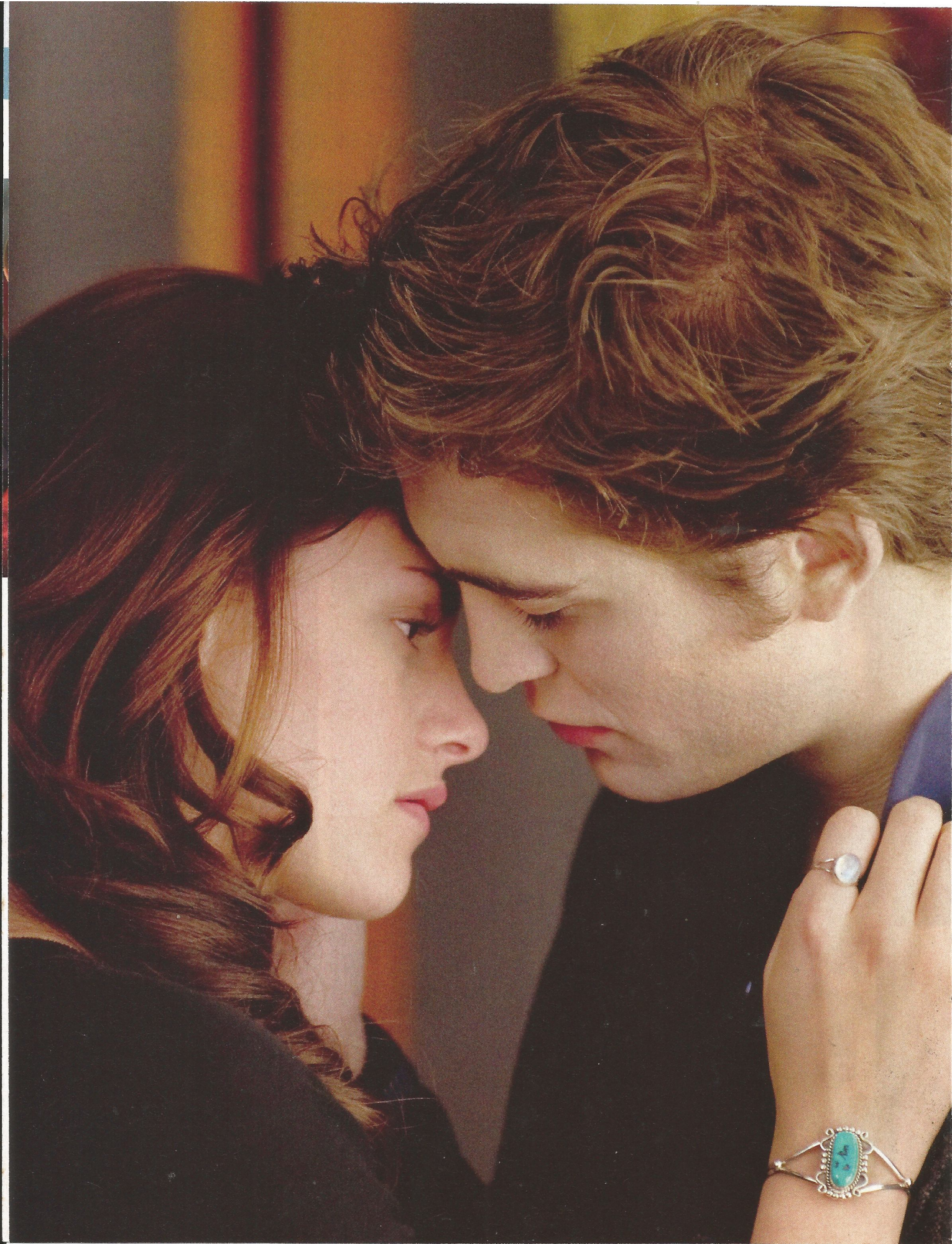


"Cresce à força de um afinado elenco."
Rodrigo Fonseca - O Globo

"Cada episódio toca o outro de leve e a estrutura revela inteligência cinematográfica."
Luiz Zanin Oricchio - O Estado de São Paulo

EUROPA FILMES

NAS LOJAS
www.europafilmes.com.br



AMOR ALÉM DA VIDA

O diretor de A Bússola de Ouro *assume o comando dos vampiros românticos de* Crepúsculo *e reinventa a roda em* Lua Nova

POR ROBERTO SADOVSKI

Chris Weitz está saindo de uma gripe violenta. Pudera. Desde que assumiu o comando de *Lua Nova* - e a responsabilidade de entregar um filme capaz de repetir o sucesso de *Crepúsculo* -, o diretor de 40 anos praticamente mudou-se para a sala de edição, tralhando melhor os efeitos especiais (um dos muitos pontos negativos do filme anterior) e dando forma à continuação do romance do vampiro Edward Cullen com a humana Bella Swan. Mas engana-se quem pensa que Weitz está tenso. "Está tudo correndo muito bem", conta, por telefone, em um intervalo do trabalho da finalização de *Lua Nova*. "Trabalhar com efeitos especiais e pós-produção deixou de ser um monstro quando fiz *A Bússola de Ouro*. *Lua Nova* está sendo um passeio." Quando eu pergunto se ele teve tempo de comemorar os dez anos de seu primeiro sucesso, *American Pie*, ele tosse um sorriso: "Juro que nem pensei nisso, mas tenho certeza de que a turma vai pensar em alguma coisa. Se lembrarem de mim em meu bunker, com certeza estarei lá".

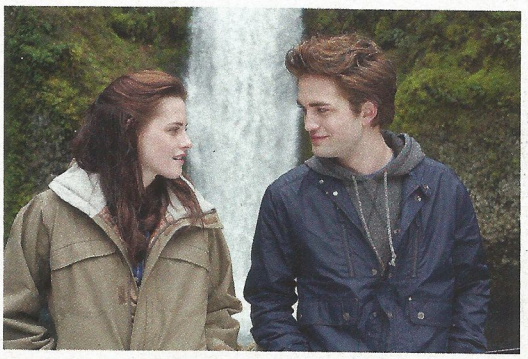
Com tanto humor e tranquilidade, o cineasta dá a impressão de que criar a sequência não só de um dos maiores fenômenos do cinema recente, mas atender a expectativas de milhões de fãs em todo o planeta, seria tarefa fácil: bastava seguir uma fórmula pronta. Afinal, *Crepúsculo* traduziu quase ao pé da letra o livro da escritora Stephenie Meyer e, mesmo com a pouca habilidade da diretora Catherine Hardwicke em criar cenas de ação convincentes, deu aos fãs o que eles queriam: uma representação em carne e osso do romance adolescente que haviam experimentado no papel. Mas não estava nos planos de Weitz seguir o caminho fácil, então ele tratou de arranjar problemas para si próprio. Em outras palavras, ele tinha de entregar mais do mesmo, embora reinventasse o conceito da saga desde o início.

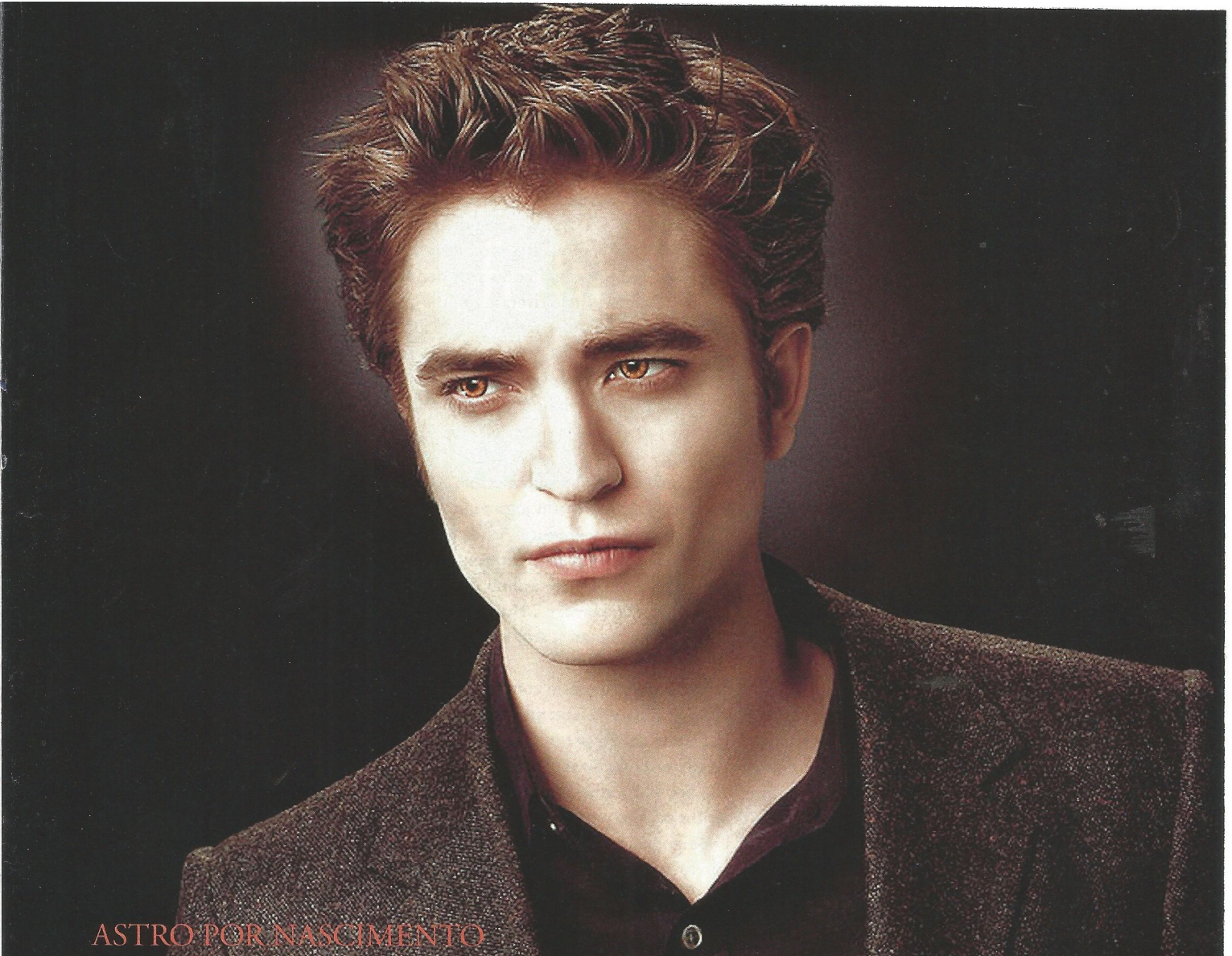
DINHEIRO NO BOLSO

"Existem aspectos técnicos que precisamos levar em conta ao criar um filme assim", explica Weitz. "A paleta de cores, por exemplo, é completamente diferente, e isso já modifica a atmosfera do filme." Na prática, saem os tons verdes e azulados de *Crepúsculo*, entram cores mais quentes, refletindo não só o estado de espírito dos personagens como também a mudança radical de locações. "Stephenie percebeu que já tinha contado a história que podia contar em Forks, e foi inteligente ao ampliar o escopo da história", continua. "Assim a gente percebe que o mundo dos vampiros é mais amplo do que foi sugerido no primeiro livro. Não é um universo compacto, feito por uma família e alguns nômades. É toda uma sociedade que vive às margens da nossa." O diretor está se referindo aos Volturi, um séquito de vampiros que protege e policia sua raça, não hesitando em matar um dos seus para preservar sua existência. Seu refúgio é na Itália, e é lá que boa parte de *Lua Nova* foi rodada.

O aumento na escala de *Lua Nova* é resultado direto dos dólares injetados no Summit, o estúdio que bancou a conta de *Crepúsculo* quando todos os outros se afastaram dos livros de Meyers - vendido como "o novo *Harry Potter*" por causa da paixão dos fãs, pegou as majors decepcionadas com o resultado de ou-

Troca de gerência: o diretor Chris Weitz (acima) dirige Kristen Stewart. Abaixo, os pombinhos em momento de felicidade





ASTRO POR NASCIMENTO

Depois de Harry Potter e o Cálice de Fogo, *Robert Pattinson encontrou a fama como o vampiro romântico de* Crepúsculo

Uma carreira muito curta, mas já suficiente para transformar Robert Pattinson no maior ícone pop dos últimos dois anos. Aos 23 anos, o ator teve sua vida virada de cabeça para baixo quando, em 2008, protagonizou *Crepúsculo*, o primeiro longa de uma série de quatro. O mais interessante disso tudo é que Pattinson é pouco associado a seu papel em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, onde interpretou Cedric Diggory. Talvez ali não existisse espaço para ele mesmo, afinal não é nada fácil dividir a atenção com os três personagens centrais da história criada pela escritora J.K. Rowling. Assim, sobrou para Robert buscar uma outra alternativa que veio num filme também feito a partir de um grande sucesso literário. Só que no lugar de bruxos e vassouras voadoras estão os velhos e bons vampiros reembalados para o público jovem. Toda essa transformação na vida do ator aconteceu em apenas quatro anos de profissão. Sua estreia no cinema se deu em 2004 no filme *Feira das Vaidades* e foi um tanto quanto desastrada – sua participação acabou cortada da edição final. Mas nada que fizesse esse pianista e guitarrista desistir, tanto que ainda em 2004 ele conseguiu o papel de Giselher, no longa para TV *A Maldição do Anel*. Já no ano seguinte, Pattinson conseguiu o papel de Cedric em *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e, apesar das atenções estarem no protagonista, abriu caminho para ser reconhecido. Depois de mais dois filmes para a TV, foi a vez de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. E quem acompanha a série do bruxo, sabe que ali foi a última aparição do personagem na história.

Para ficar com o papel de Edward Cullen, o ator teve de vencer nada menos do que três mil candidatos. Tamanha disputa, como todo mundo viu e está vendo, tinha uma razão de ser. Com a chegada de *Crepúsculo* aos cinemas, Pattinson virou um superastro internacional. Com seu jeito cool, cabelos desarrumados e alguns traços que lembram James Dean, o ator é o objeto de desejo de dez entre dez adolescentes alucinadas pelos livros de Stephenie Meyer. Nada mal para o filho de um vendedor de carros. Robert tem duas irmãs mais velhas e meio que vem sua vida toda se preparando para a carreira artística. Ainda muito novinho, cerca de 3 anos de idade, começou a estudar piano. Aos 5 foi se aventurar também na guitarra. Hoje ele é um grande instrumentista e letrista, mas nada supera a entrada de Edward Cullen em sua vida.

EDWARD, O VAMPIRO

Edward, apesar da carinha de jovem, tem 108 anos e nasceu em 1901, em Chicago. Alguns anos mais tarde, em 1918, a família de Edward contraiu a gripe espanhola e seus pais morreram. O rapaz, muito enfermo, foi salvo pelo médico da família, Dr. Carlisle Cullen. O médico era um vampiro e o único jeito de curar Edward era transformá-lo. Depois de ter sido mordido, Edward virou um vampiro que fazia qualquer coisa para beber sangue. Assim, ele ia atrás de gente que não prestava e que merecia morrer, segundo o julgamento dele próprio. Para encontrar suas vítimas, Edward usava sua capacidade de ler mentes e assim decidia quem deveria perder a vida. Ao longo de sua trajetória, Edward mudou seu jeito de se alimentar e adotou a filosofia de vida de Carlisle de se alimentar apenas do sangue de animais para acabar com a mortandade de humanos. Com o tempo, Carlisle formou uma família com pessoas que ele – por um motivo ou outro – foi transformando em vampiros. Instalado na cidadezinha de Forks, o clã dos Cullen faz tudo para levar uma vida normal na comunidade, obviamente escondendo suas origens. É nesse lugar que Edward, fazendo-se passar por um estudante do colegial, conhece e se apaixona por Bella. O romance começa complicado porque o vampiro teme não resistir à tentação de seu sangue tão irresistível a ele e acabar mordendo a garota. Quem assistiu a *Crepúsculo* sabe que ele acaba cravando os dentes na moça, mas para salvar sua vida, e com controle o suficiente para não matá-la ou transformá-la em vampira.

tros "clones", como *Eragon* e *Crônicas de Spiderwick*. Quando os números fecharam numa bilheteria mundial de quase 400 milhões de dólares, o estúdio passou a ampliar suas aquisições e apressar a produção das sequências, antes que a novidade passasse. "Estou trabalhando sem nenhum contato com meu elenco", brinca Weitz. Eles, na verdade, não tiveram um dia de folga, praticamente começando o trabalho em *Eclipse*, agora sob a direção de Davie Slade (*30 Dias de Noite*) menos de duas semanas depois de encerrarem as filmagens de *Lua Nova* - a terceira parte da saga, por sinal, chega aos cinemas menos de um ano depois do novo filme, em 30 de junho de 2010. "Eu nunca vi algo assim, e olha que não é meu primeiro filme de grande escala."

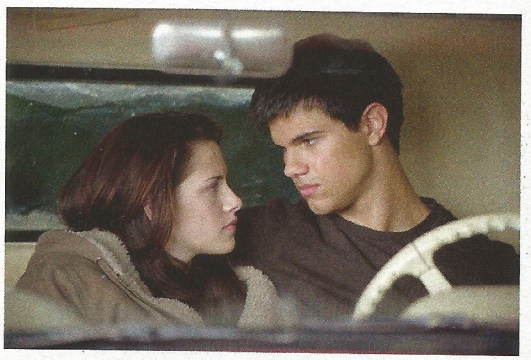
FIO DA NAVALHA

Não é o primeiro, mas é diferente. Weitz conta que esperava o mesmo tipo de pressão dos fãs de *Crepúsculo* que ele teve com os leitores de *A Bússola de Ouro*, mas encontrou um jogo mais tranquilo. "A polêmica com *A Bússola de Ouro* foi maior, envolvia religião, era outro tipo de cobrança", conta. Ainda bem que a experiência deixou Weitz preparado para encarar os efeitos de *Lua Nova* - o desafio, claro, era criar um mundo mais realista, ainda que fantástico, com efeitos convincentes. Para isso, ele chamou a mesma equipe que ganhou o Oscar com a adaptação estrelada por Nicole Kidman: "Até eu achei que aquela estatueta já era de *Transformers*". Para o design das criaturas, ele seguiu a descrição do livro à risca: "Os lobisomens são mostrados como lobos gigantes, sem nenhuma característica das criaturas clássicas, e foi isso que fizemos".

O filme é também a terceira adaptação de um sucesso literário comandada por Weitz, e sua relação com os autores foi sempre tranquila: "Eu me tornei amigo de Philip Pullman, e lamento saber que não vamos poder continuar suas histórias no cinema devido a uma série de fatores. Já Stephenie sempre esteve perto, nunca interferiu, e ainda se mostrou fã de um de meus filmes, *Um Grande Garoto*". Weitz também se integrou à "família" da série quando os rostos já estavam definidos - e não alterou o elenco escolhido por Catherine Hardwicke. "Ela montou um time perfeito", derrete-se. "Eu não saberia escolher atores mais perfeitos para os personagens." Isso inclui Taylor Lautner, que para repetir o papel de Jacob teve de entrar num regime rigoroso para ganhar massa muscular e definir seu físico, imponente como o personagem agora exige: "Tudo foi questão de tempo, sempre apostei em Taylor e o resultado valeu a pena". O diretor também não queria correr o risco de decepcionar as fãs de Lautner e de seu personagem. Divididas em "equipe Edward" e "equipe Jacob", elas apostam sua sensibilidade romântica em um dos dois protagonistas: "O filme é para estes fãs, minha função é pegar um livro que eles adoram e colocá-lo em filme sem mudar o que eles são".

Lua Nova começa com Edward (Robert Pattinson) e Bella (Kristen Stewart) aproveitando o romance e longe das ameaças de outros vampiros. No aniversário da moça, porém, ela volta a ter ideia do perigo ao qual está exposta: um corte no dedo e uma gota de sangue despertam os instintos de Jasper (Jackson Ra-

Fúria animal: o sanguessuga Jasper (Jackson Rathbone, acima) surta ao ver o sangue de Bella, que encontra conforto nos braços do *muy amigo* Jacob



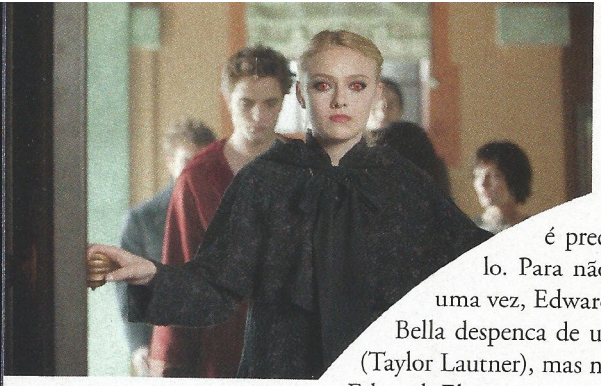
MENINA DO LADO

Se Robert Patinson se transformou no desejo de todas as adolescentes, Kristen Stewart é o que elas gostariam de ser.

Embora seja quatro anos mais nova que Robert Pattinson, a atriz nascida em Los Angeles tem uma carreira bem mais longa que a de seu colega – e possível namorado. Kristen é filha de John Stewart, produtor que trabalha na Fox TV. Sua mãe é Jules Mann-Stewart, supervisora de roteiros que já participou de várias séries e longas-metragens. Atualmente ela prepara *K-11*, seu primeiro filme como diretora e que é estrelado por Kristen. Justamente por ter pais envolvidos com a indústria do cinema e da TV é que Kristen começou cedo na carreira. Em 2001, com apenas 11 anos, ela estreou nas telas com *The Safety of Objects*. Em 2002 a atriz já conseguiu um papel com um pouco mais de destaque no longa *Quarto do Pânico*, estrelado por Jodie Foster. Em 2003, ela foi uma das protagonistas de *Zathura*, longa de aventura dirigido por Jon Favreau antes de comandar *Homem de Ferro*. Obviamente que, assim como Edward, *Crepúsculo* foi o grande longa dela até aqui. Ela conquistou todos os fãs da série com sua atuação que ora vai para o lado melancólico que ora fica muito feliz.

ISABELLA, A MUSA

Filha de pais separados, Isabella – ou simplesmente Bella – vive uma vida normal de qualquer adolescente. Tem muitas dúvidas, medos e inseguranças da idade. Seus pais são separados e ela vive com a mãe em Phoenix. A garota tem de se mudar para Forks no dia em que sua mãe tem de viajar para acompanhar o namorado que é jogador de futebol americano. É na cidade, já na nova escola, que Bella conhece Edward e se apaixona perdidamente por ele. Não demora muito ela percebe que há algo de errado com seu colega. Aos poucos ambos vão se aproximando e surge um romance que vai ter reflexos muito sérios na vida de ambos – e na das pessoas próximas a eles também. Sentindo-se confiante ao lado da garota, Edward revela a ela quem realmente é. Bella não apenas não se assusta com a história como até deseja se transformar numa vampira, coisa que Edward não faz – pelo menos em *Crepúsculo*.



Doce vampira: Dakota Fanning mostra as presas como uma Volturi capaz de causar dor a seus inimigos

thbone), irmão adotivo de Edward, e é preciso o esforço de toda a família para detê-lo. Para não deixar sua amada correndo risco de vida mais uma vez, Edward decide terminar o relacionamento. Tomada pela dor, Bella despenca de uma colina no mar revolto e é salva por seu amigo Jacob (Taylor Lautner), mas não antes de perceber que a adrenalina lhe deixa mais próxima a Edward. Ela passa, então, a viver no fio da navalha, expondo-se a situações perigosas para estar mais próxima de seu amado. Quando o boato de que Bella está morta chega aos ouvidos de Edward, porém, ele decide terminar com a própria vida, e parte para a Itália para se colocar nas mãos dos Volturi, clã vampírico que o matará se ele revelar sua verdadeira natureza aos humanos normais - o que colocaria a raça de vampiros em perigo. Bella parte, então, para a Itália para salvar seu amado. Ufa! Ah, no meio da trama, Jacob também revela ser mais que humano: ele e sua tribo são lobisomens, prontos para defender as pessoas de Forks. A pergunta é: qual de seus amores sobrenaturais a moça vai escolher?

NOITE QUENTE

É a pergunta que milhares de adolescentes se faziam numa noite quente de verão em San Diego, Califórnia. Esperando repetir o sucesso (e o boca a boca) da apresentação de *Crepúsculo* durante a Comic Con do ano anterior, os produtores reservaram espaço no salão principal do evento, e na mesma manhã em que um dos filmes mais esperados do ano seria apresentado: *Avatar*, de James Cameron. Um dia inteiro antes, porém, centenas de fãs (mães e filhas, basicamente) já se preparavam para o esperado encontro com seus ídolos, praticamente armando acampamentos na fila. Eram barracas de camping até camas inteiras, tudo para garantir o conforto das jovens fãs - que, acredite, não faziam ideia de quem seria James Cameron ou o que era um Avatar. Por sinal, se existe uma certeza absoluta em *Crepúsculo* é apontar a faixa etária e o gênero de seus devotos mais fervorosos: adolescentes entre 12 e 15 anos.

Na manhã seguinte, foi o caos controlado já esperado: gritaria, flashes pipocando e a emoção em ver os intérpretes de seu objeto de desejo ao vivo. Mais tarde, todos estavam igualmente estupefatos, exatamente como no ano anterior, apesar de serem veteranos da febre *Crepúsculo* evidenciada neste último ano. Em particupar Pattinson e Kristen, que ora assumem, ora negam, que são namorados na vida real. Entre toda a especulação, o estúdio fica contente - cada linha de notícia alimenta o motor de marketing que deve explodir em dólares dia 20, quando *Lua Nova* chegar aos cinemas. Chris Weitz, por outro lado, apara as arestas de seu trabalho, na esperança de quem as mudanças no tom e no modo de contar o romance não afaste o público-alvo. "É a última coisa que eu quero", decreta. "Tudo que penso é entregar um bom filme, uma continuação que tenha vida própria, que funcione até para quem não assistiu a *Crepúsculo*. Se isso acontecer, meu trabalho está cumprido." A essa altura, a gente nem precisa se perguntar: não existe alguém que entre no cinema para ver *Lua Nova* que não tenha, antes, experimentado a dose de romance sobrenatural que foi *Crepúsculo*. Mesmo que ainda não tenha escolhido um lado para torcer.

E AGORA, EDWARD?

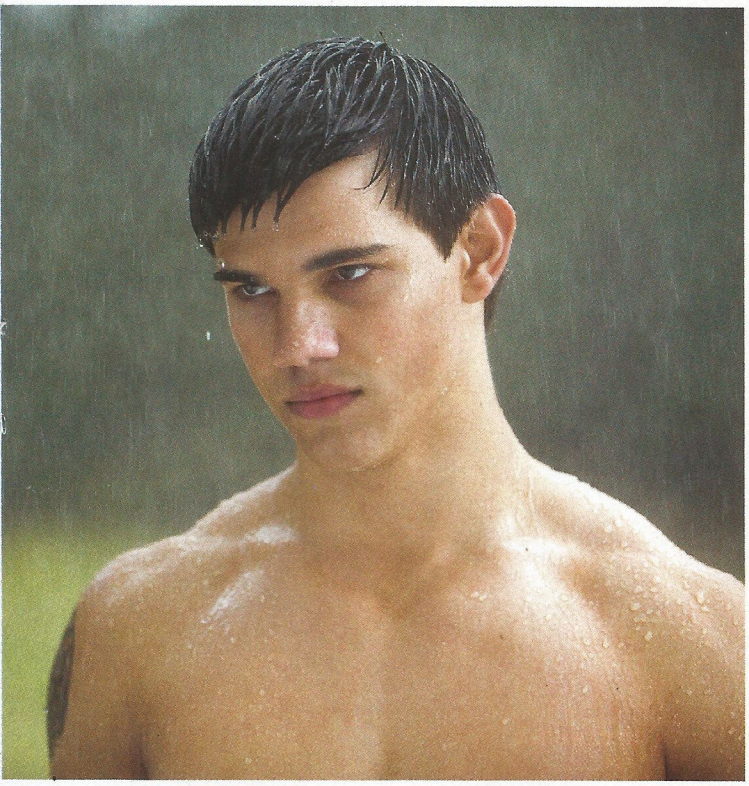
Os dois livros que concluem a saga mostram como pode terminar o romance no cinema

ECLIPSE

Victoria quer sangue, muito sangue. Com todas as tentativas de destruir Bella e os Cullen pela morte de seu amado James frustradas, ela decide apelar e recrutar um exército de vampiros recém-transformados para invadir Forks e acabar com tudo e todos por lá. Numa união inédita, vampiros (os Cullen) e lobos (os quileutes transmorfos) se unem para tentar impedir uma tragédia. Enquanto isso, Bella quer se acertar com Jacob e parece cada vez mais dividida entre os beijos gelados e deliciosos de Edward e os braços generosos e quentes de Jacob.

AMANHECER

É o fim. E com ele grandes questões da humanidade crepusculiana serão resolvidas. É nesse livro que sabemos se Bella vai ser transformada ou não em vampira, se finalmente Edward e sua amada terão sua noite de amor tão exaustivamente adiada... Novos e fortes laços surgirão, como uma grande cumplicidade entre Rosalie e Bella. É de longe o livro mais sangrento da série, com uma sequência digna de George A. Romero, apesar de uma primeira parte romântica e excessivamente melosa. Em meio a eventos inacreditáveis, os Cullen convocam todos os grandes clãs vampirescos do mundo para evitar a maior guerra no mundo dentuço desde que os Volturi assumiram o papel de "polícia" dos sanguessugas.



O OUTRO CARA

Taylor Lautner vê seu personagem crescer em Lua Nova *e se prepara para o futuro*

Nascido em 1992, na cidade de Grand Rapids, no Michigan, Taylor buscou a vida artística desde cedo. Aos 6 anos começou a treinar karatê e rapidamente mostrou um grande talento na arte marcial, o que o fez se destacar no esporte. Praticamente ao mesmo tempo, Taylor começou a participar de testes para comerciais de TV e filmes. Como o garoto estava mesmo decidido a seguir na carreira artística, quando completou 10 anos de idade, sua família decidiu se mudar para Los Angeles, o que deixaria Taylor em melhores condições de brigar por papéis. O resultado apareceu rápido e a partir de 2001 o jovem ator começou a trabalhar sem parar, principalmente em pequenos papéis em séries de TV como *Summerland*, *My Wife and Kids*, entre outras. Também fez dublagens de desenhos animados para episódios recentes de *Scooby-Doo* e *Duck Dodgers*. Sua primeira grande chance veio com o diretor Robert Rodriguez, que o escalou para ser um dos protagonistas da fantasia infantil *As Aventuras de Sharkboy e Lavagirl* (2005). No papel do super-herói imaginário, Lautner trazia uma personalidade forte e arrogante, diferente do que mostrou com Jacob em *Crepúsculo* – papel que ele conseguiu após vencer vários concorrentes. Antes do lançamento do primeiro filme, durante a Comic-Con de 2008, o ator era o mais empolgado com a recepção das fãs, que se dividiam com camisetas ora apoiando o romance de Bella com Edward, ora torcendo por Jacob. "Me sinto como um astro do rock", comentou, ainda sem saber o tamanho da encrenca em que havia entrado...

JACOB, O LOBISOMEM

Jacob mora em Forks, onde vive com sua família e membros da reserva indígena dos Quileutes em La Push. Em *Crepúsculo*, a participação de Jacob é pequena, mas fundamental para o desenrolar da história. É ele quem conta a Bella sobre a lenda dos Quileutes e a briga que eles tinham contra um outro grupo de seres que espreitava pelas florestas da região. Desse jeito, Jacob tentava alertar Bella sobre seu envolvimento com Edward. O jovem claramente gosta de Bella, e este também é um dos motivos que o movem para tentar afastar o vampiro da garota. Em *Lua Nova*, como já foi mostrado nos trailers, existe um outro motivo para a animosidade de Jacob e Edward: ele é um lobisomem, adversários seculares dos vampiros. Uma trégua foi instaurada anos antes em Forks, permitindo que as duas raças convivessem em uma tensa harmonia. Mas a disputa pelo coração de Bella pode alterar a situação.

OUTROS PERSONAGENS

O CLÃ CULLEN

Carlisle Cullen *(Peter Facinelli)*
Carlisle é o patriarca dos Cullen. Para as pessoas comuns de Forks, ele é apenas um médico. Todos que moram em sua casa são vampiros adotados por ele – uma grande família que, apesar de sua natureza, vive pacificamente e feliz.

Esme Cullen *(Elizabeth Reaser)*
Esme é casada com Carlisle e mãe adotiva de Edward.

Alice Cullen *(Ashley Greene)*
Além de ser vampira, tem o poder da clarividência.

Emmett Cullen *(Kellan Lutz)*
Casado com Rosalie Hale e é o vampiro mais forte da família.

Rosalie Hale *(Nikki Reed)*
É casada com Emmett. Carlisle a transformou em vampira.

Jasper Hale *(Jackson Rathbone)*
Jasper é casado com Alice Cullen. Foi um vampiro muito feroz no passado, mas voltou-se para o bem.

VAMPIROS NÔMADES

Victoria *(Rachel Lafevre)*
Quer se vingar de Bella por causa da morte de James (o vampiro caçador de *Crepúsculo*). Em *Eclipse*, terceiro filme da saga, haverá uma mudança de atriz, com Bryce Dallas Howard assumindo o papel.

Laurent *(Edi Gathegi)*
Vampiro nômade que fez parte do grupo de James e Victoria em *Crepúsculo*, Laurent se vê frente a frente com Bella em *Lua Nova* – e talvez não consiga conter sua sede de sangue.

OS VOLTURI

São o maior clã existente e estão na ativa há mais de três mil anos. De Volterra, Itália, eles comandam o mundo aniquilando qualquer ameaça a sua espécie, mesmo que isso signifique matar um dos seus. Diferente dos Cullen, os Volturi seguem uma dieta rica em sangue humano. Todos do clã tem alguma habilidade. **Aro** (*Michael Sheen*, que foi um lobisomem em *Anjos da Noite*), um dos líderes, pode ouvir os pensamentos de qualquer pessoa ou vampiro que tenha tocado. **Marcus** *(Christopher Heyerdahl)*, outro líder, sente qual o tipo de relacionamento as pessoas, vivas ou morta-vivas, têm umas com as outras. **Caius** *(Jamie Campbell Bower)*, o terceiro líder, é impiedoso e caçou lobos até sua quase extinção, também foi responsável por exterminar crianças vampiras. Mas as grandes estrelas do clã são os gêmeos **Jane** *(Dakota Fanning)* e **Alec** *(Cameron Bright)*. Ela é capaz de infringir uma dor excruciante, insuportável, manipulando o cérebro, e ele desarma todos os sensos da presa, deixando-a sem enxergar, ouvir ou sentir qualquer coisa.

OS QUILEUTE

Tribo indígena da região de Forks com antepassados lobisomens. Com a volta dos Cullen e o aparecimento de outros vampiros na região, a nova geração da tribo desperta para sua capacidade de se transformar em lobos e proteger sua tribo e os humanos da cidade. Quando lobos, podem ouvir todos os pensamentos de seus companheiros do bando. Além de Jacob, são transmorfos: **Sam Uley** *(Chaske Spencer)*, líder alpha dos lobisomens; **Leah Clearwater**, a única integrante mulher; seu irmão **Seth**; **Emby Call** *(Kiowa Gordon)*; **Jared** *(Bronson Pelletier)*; **Paul** *(Alex Meraz)*; **Quil Ateara** *(Tyson Houseman)*; e os caçulas **Collin e Brady**. ■

PLANETA PROIBIDO

Avatar chega aos cinemas para revolucionar a tecnologia de fazer filmes – e o hábito de quem gosta da experiência comunitária na sala escura

POR ROBERTO SADOVSKI, DE SAN DIEGO

"Eu sou o rei do mundo!" Com um par de Oscars nas mãos, James Cameron não continha o sorriso. Era a festa da Academia no começo de 1998, e *Titanic* coroava o status de maior bilheteria da história com onze estatuetas douradas. Era também o triunfo de um time: Cameron, diretor determinado e implacável, e seu parceiro, o produtor Jon Landau. Os fãs, a indústria e o mundo que acompanha as engrenagens do cinema se perguntavam, o que será que eles vão fazer agora? A resposta demorou mais de uma década e começou a ser revelada em julho passado durante a Comic Con, festa maior da cultura pop/nerd/geek que acontece em San Diego. O presidente da Fox, Tom Rothman (que subiu ao palco acompanhado de vaias e gritos de "*Wolverine* é uma porcaria"), apresentou Cameron, que foi rápido e direto. "Todo mundo pergunta o que eu tenho feito nos últimos anos. Vocês estão prestes a ser os primeiros a descobrir."

25 minutos depois, sete mil pessoas retiravam os óculos 3D em choque. Os aplausos que seguram a apresentação das primeiras imagens de *Avatar* pegaram todo mundo de surpresa. Não era uma adaptação de um super-heróis dos quadrinhos, nem a histeria causadas pelas fãs de um fenômeno adolescente. Também não se tratava da comunidade hollywoodiana migrando a San Diego para vender seu peixe. *Avatar* era algo mais, era algo novo. Tão novo e tão surpreendente que, até agora, ainda não foi assimilado nem por quem faz e nem por quem gosta de cinema – mas os efeitos do filme, que estreia mundialmente 18 de dezembro, aos poucos começam a reverberar. E o barulho, que chega para mudar a forma de encarar o entretenimento, vai se tornar ensurdecedor. Quem garante é o homem que acompanha James Cameron nos bastidores, ajudando a dar forma a suas ideias. O produtor Jon Landau.

EMOÇÃO GENUÍNA

"O futuro do cinema e de nossa indústria é em 3D", afirma Landau, que também trabalhou em *Dick Tracy* e em *Querida, Encolhi as Crianças*, além da parceria com Cameron, e conversou com SET com exclusividade durante a festa na California. "É o modo como percebemos o mundo, é o próximo passo lógico. Quando li o primeiro roteiro em 1995, vi que *Avatar* era o filme que eu sempre sonhei em fazer, algo que transporte a plateia para outro mundo. O problema é que a gente ainda não tinha as ferramentas para chegar lá." O que se seguiu foi um processo de maturação, em que o desafio era fazer com que o mundo na mente do diretor pudesse se tornar real e palpável numa tela de cinema. A tecnologia 3D, claro, é só a pontinha do iceberg da revolução que é Avatar. "A idéia nunca foi testar os limites, e sim ver onde estavam estes limites e o que a gente precisaria para ultrapassá-los e contar a história", continua. "Às vezes alguma coisa não era viável quando Jim a escreveu, e algum tempo depois ela se tornava viável. Foi assim com o homem de metal líquido em *T2*, e foi assim com várias coisas em *Avatar*."

Assim, James Cameron tratou de trabalhar a serviço do único bem que ele não podia comprar: tempo. "Estamos tendo uma festa de *Titanic* no set de *Avatar*", me contou o ator Ioan Gruffud quando lançou *Quarteto Fantástico e o Surfista Prateado*. "Daqui a pouco eu vou no estúdio aqui do lado conversar cmo Jim Cameron, ele está rodando *Avatar* bem aqui", provocou um dos especialistas de efetiso especiais de *Homem de Ferro*, ainda no set da primeira aventura do herói da Marvel. *Avatar* era um sussurro. Aos poucos tomava forma nos bastidores, à medida que a tecnologia alcançava a visão do diretor. Mas ninguém sabia o que esperar até aquela tarde em San Diego. Quando começou a jornada, nem o próprio Cameron. "O novo roteiro é muito mais detalhado do que o original", diz o diretor, em papo exclusivo com SET. "Mas é também um texto mais simples, enxuto, com

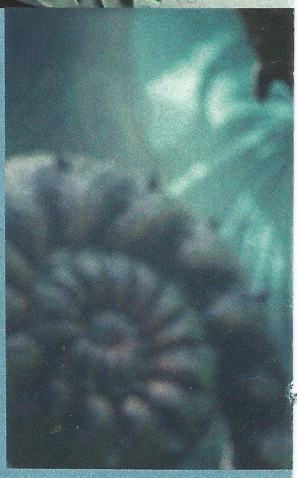
menos personagens que minha ideia original e que se move mais velozmente."

"As ferramentas servem à história", explica Landau. "Num projeto dessa escala, o cuidado é para que a fascinação com os novos brinquedos não seja mais importante que os personagens, que sua jornada." Mesmo tendo críticos ferrenhos, James Cameron apegou-se a essa filosofia em todos os seus filmes, em que sua imensa capacidade criativa de construir novas maneiras de deixar a platéia na beirada das poltronas sempre andou apegada a personagens que resistiram ao teste do tempo. Como Sarah Connor. Harry Tasker. Ellen Ripley. Jack Dawson. Eles representam os anseios, medos e a determinação da platéia. E transmitem emoção genuina. Afinal, assim como seus filmes anteriores, o centro de *Avatar* está na emoção mais pura e forte: o amor.

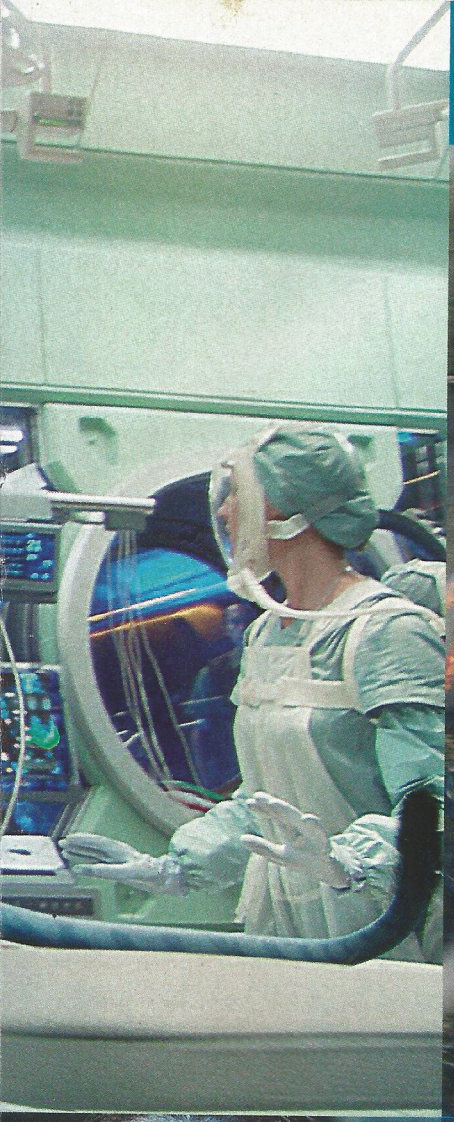
COPA DO MUNDO

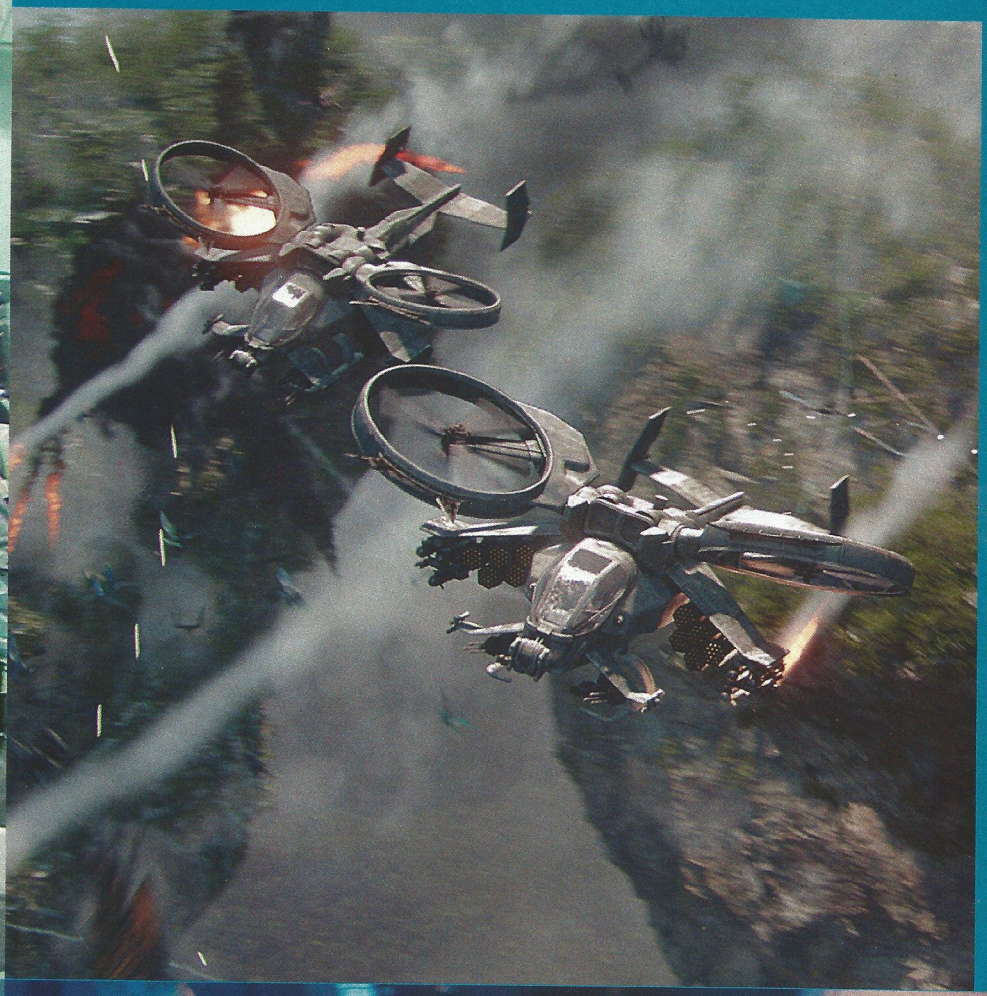
"Ok, *Avatar* é uma história de amor", confessa o diretor com um sorriso. Mas traz consigo uma trama que diz muito sobre quem somos como pessoas e nosso lugar no mundo. É isso que circula a mente do soldado Jake Sully (Sam Worthington, que rodou sua parte em Avatar bem antes de trabalhar em *O Exterminador do Futuro – A Salvação*). Paralítico, ele é chamado a Pandora, lua florestal de um planeta gasoso longe da Terra, com uma proposta irrecusável: recuperar o uso de suas pernas. Mas não da forma que ele acredita. Pandora é um mundo selvagem, mas é também um imenso depósito natural de uma substância que vale milhões – e burocratas, aqui representados por Parker Seltridge (Giovanni Ribisi), querem essa riqueza para si. A maior reserva da tal substância encontra-se embaixo da aldeia da espécie inteligente nativa de Pandora, os na'vi. O militar linhadura Miles Quaritch (Stephen Lang, que perdeu o papel de Kyle Reese para Michael Biehn no primeiro *Exterminador do Futuro*) que varrer os "selvagens" do lugar. A cientista Grace (Sigourney Weaver) defende uma solução pacífica. E Jake é a chave.

"Os na'vi são como felinos, movem-se com graça e destreza", conta Zoe Saldana (*Star Trek*), que em *Avatar* é Neytiri, nativa que envolve-se com Sully. "Tivemos de reaprender a nos mover, para nossa interpretação ser lida com as roupas de captura de movimento." Mas ela não protagoniza um romance interracial com Sully – não com ele em sua forma humana: Grace e sua equipe desenvolveram corpos clonados de DNA humano misturado com de na'vi, em que a consciência de uma pessoa é transferida a seu córtex, criando um humanóide "pilotado" por Jake – seu avatar foi feito com material genético de seu irmão. E é como um gigante quase felino e azul que ele infiltra-se na comunidade na'vi, apaixona-se por Pandora (e por Neytiri) e encabeça a batalha que vai determinar o futuro deste mundo. "Cada na'vi nos tomava um ano de trabalho até que a gente casasse a performance do ator nos trajes de captura de movimento com o trabalho dos artistas em sua versão digital", conta Cameron. "Quando isso acontecia, cada personagem se tornava um ser vivo." "O mais difícil foi definir o visual dos na'vi e dos avatares", completa Jon Landau. "Eles precisavam ser críveis. Maquiagem mantém detalhes, como o brilho no olhar, o espelho da alma. Queriamos preservar essas qualidades, mas usando CGI."



Mas não é só tecnológica a revolução proporcionada por *Avatar*. "É um novo paradigma, o oposto do que fizemos em *Titanic*. Ali, as cenas com multidões precisavam de uma multidão. Em *Avatar*, conseguimos um efeito ainda melhor com uma equipe reduzida. A tecnologia ajuda a ser mais eficiente.", explica Jon Landau. "A parte live action do filme usou sets pequenos e uma equipe mínima. Se você tem uma ou uma centena de criatiras em cena, não faz diferença no preço. Mas tudo depende da história – *Titanic* provavelmente seria rodado





Um novo mundo (acima, em sent. horário): Neytiri, a Na'vi interpretada por Zoe Saldana; Jake Sully (Sam Worthington) acorda em seu avatar; os militares atacam; Jake admira seu novo corpo

Milagre digital: absolutamente nada em Pandora, a lua florestal de *Avatar*, é real

hoje da mesma maneira, Jim queria que as pessoas sentissem o que era estar a bordo do navio, precisava daquela escala. Talvez hoje *Titanic* fosse em 3D." Ele teoriza que todo filme, até dramas como *Juno*, seriam melhor explorados usando a nova tecnologia: "Hoje em dia, o 2D está para o 3D como os filmes em preto e branco estavam para os filmes coloridos nos anos 1930. Preto e branco era o modo predominante de fazer filmes. Isso não acontece da noite pro dia. Imagino ver a final da Copa do Mundo em 3D, em casa. Eu quero viver neste mundo".

EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA

Landau também espera um efeito positivo de *Avatar* na indústria. "Eu vejo pessoas tomando decisões baseadas apenas em dinheiro, e cinema é um empreendimento criativo", critica. "Enquanto não voltarmos a pensar no negócio como algo criativo e de risco, a experiência vai continuar perdendo espaço." De *Titanic* pra cá, ir ao cinema se tornou um compromisso maior: "Precisamos entregar algo que seja único. Se você quer Batman, sabe que existe uma centena de outras maneiras de 'consumir' o personagem. Mas não existe outra maneira de experimentar Pandora de maneira completa a não ser na sala escura". Ainda assim, o produtor sabe que hoje cinema é parte de um vértice que abrange outras formas de entretenimento. "O negócio precisa funcionar em simbiose", explica. "Eu trabalhei próximo ao pessoal da Ubisoft para criar o jogo baseado em *Avatar*, para ter certeza de que seria uma experiência única como o filme. Precisamos dessa interação. Muitas criaturas que desenvolvemos sequer estão no filme, mas só nos jogos."

Nem James Cameron e nem Jon Landau pretendem esperar outra década para tcar um novo projeto. *Battle Angel Alita*, adaptação do mangá, ainda está na mira do diretor. O drama *The Dive* é outra possibilidade. Já um retorno a franquias como *Alien* e *O Exterminador do Futuro* está descartado. "Se o governador quiser revisitar *True Lies*, por que não?", brinca o produtor. Só uma coisa é certa: não importa a escala da produção, é certo que James Cameron não fará mais filmes que não sejam em 3D. "O grande barato é compartilhar a experiência", determina o diretor. "Ainda é comunitária e requer os óculos", completa o produtor, que revela já ser possível assistir umfilme em 3D sem o uso dos óculos, mas ela é limitada: "Já é possível ver algo em 3D na tela de seu computador, mas se você se mover para os lados o efeito não funciona mais". O mais importante, agora, é devolver o prazer de ir ao cinema ao público, que parece cada vez mais inclinado a procurar outras formas de entretenimento. "É da natureza humana preservar a experiência comunitária, não importa as novas tecnologias", conclui Landau. "Nos temos de contribuir para a saúde dessa indústria entregando produtos que as pessoas tenham prazer em experimentar juntas numa sala escura."

Sigourney Weaver

Ela é de verdade

A protagonista de *Aliens - O Resgate* volta a dividir o set com Jim Cameron e fala sobre sua paixão por ficção científica

Você esperava voltar a trabalhar com James Cameron tanto tempo depois de *Aliens*?
Eu sempre espero trabalhar de novo com quem trabalhei antes, e sempre me surpreendo que isso não aconteça com tanta freqüência. É engraçado, nunca perdemos contato. Um dia o telefone toca e era ele, dizendo que tinha um papel pra mim. E o roteiro já era muito denso, tudo que está no filme já estava no roteiro. Era o filme mais ambicioso que eu já tinha visto.

Isso acontece com freqüência, você receber um texto com tantos detalhes?
Geralmente eles são detalhados, mas este foi... diferente. Porque minha personagem é uma botânica, e a descrição da fauna e da flora de Pandora me surpreendeu, porque tudo veio de sua imaginação. Estava pronto para ir.

Como foi voltar a trabalhar com Cameron?
É engraçado, as pessoas dizem que Jim é duro no set, é um diretor severo. A verdade é que ele é um perfeccionista. E meu personagem, Grace, também é assim. Ele a escreveu não como um reflexo, mas é o mais próximo que eu posso pensar de como seria ver o mundo como Jim. Ela é focada em seu trabalho, exige muito de quem trabalha com ela, mas também sabe relaxar e dar risadas. A verdade é que a pessoa que mais exige dele é ele mesmo. Jim passava nossos dias de folga editando o filme, às vezes ele mesmo operava a câmera.

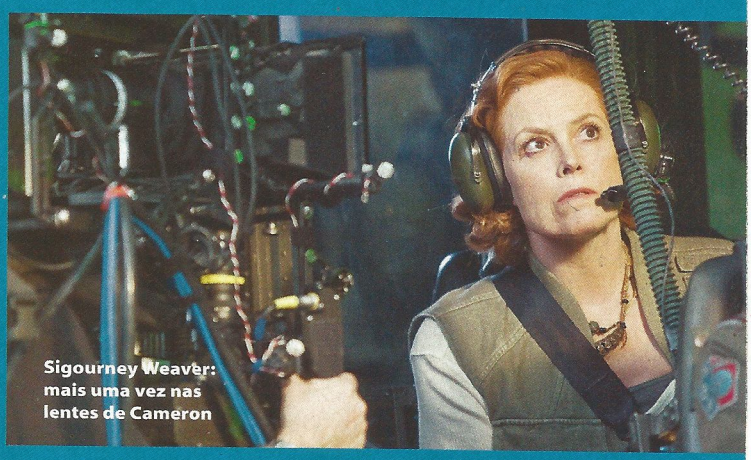
Como foi trabalhar com os efeitos especiais?
Devo confessar que adorei a captura de movimentos. Todo o processo é, de certa forma, libertador. A gente trabalha muito com a imaginação, que é o que atores fazem em primeiro lugar. Acho que o mais difícil foi estar longe de minha família quando trabalhamos na Nova Zelândia. Mas eu adorei esse trabalho, de todas as formas.

O que mais te fascina na ficção científica?
Acho que é herança do meu pai. Ele sempre viveu passos à frente de todo mundo, sempre foi um entusiasta e um futurista, acreditava que a TV era um foguete capaz de levar nossa imaginação a outros lugares, outros mundos e outras épocas. Eu acho que o propósito da ficção científica seja fazer com que o ser humano observe o que significa ser humano, pesar nossa relação uns com os outros e com o mundo em que vivemos. Embora os filmes sejam entretenimento, existem coisas que ressoam – muitas vezes é só a gente enxergar, no lugar de aliens, os seres humanos. Talvez isso seja válido com qualquer gênero, mas na ficção científica a experiência é mais profunda. O curioso é que eu não fiz muitos filmes do gênero, porque Alien é algo difícil de ser superado. Então, tirando *Heróis Fora de Órbita*, que eu amo loucamente, porque eu sou aquela personagem, eu sou a pessoa que sabe rir dos absurdos do gênero, foi um prazer reencontrar essa linha em *Avatar*.

Ainda assim, é difícil superar um personagem como Ripley...
Sabe, a reação das pessoas na Comic Con, o entusiasmo quando eu subi ao palco, foi muito terna e me pegou de surpresa, especialmente por ser uma platéia tão jovem. Não imaginava que Ripley ainda tivesse tanto significado. Mas acredito que seja o modo como ela foi construída, em um mundo de ficção científica que foi muito realista. O crédito vai para todos os diretores que trabalharam na série e compreenderam esse aspecto. Eu gosto muito de Ripley. Mas devo dizer que também adorei Grace, acho que ela representa algo muito bom, especialmente para as jovens que gostam do gênero e tem um bom espelho em mulheres fortes.

O mundo retratado em *Avatar* é muito rico e detalhista... Você crê em vida assim em outros mundos?
Eu conto com isso! Todo dia espero que o alien de Roswell apareça em meu quintal (*risos*), mas sei que ele deve ter coisas mais importantes a fazer do que isso.

Existe um movimento circulando *Os Caça-Fantasmas 3*. Você faria parte de um novo filme?
Eu sei que o roteiro está sendo escrito, e não sei até que ponto meu personagem estaria envolvido. Mas seria bacana se Dana surgisse como um fantasma. (*risos*) ■



Sigourney Weaver: mais uma vez nas lentes de Cameron

The good girl

FOTO: LARRY BUSACCA/GETTY IMAGES

FOTO: MATT CARR/GETTY IMAGES

Zooey Deschanel

Apaixonada por comédias românticas, a atriz de (500) Dias com Ela fala sobre amor, casamento... e cinema

TEXTO POR JULIANA PEREIRA ENTREVISTA POR BRAD BALFOUR/IFA

Agridoce. Com delicadeza, Zooey Deschanel se expressa no senso fashionista, no talento para a música, na expressão natural de intérprete, no tato para alternar escolhas *indies* e *mainstreams*, e num ar de ausência de si mesma e das próprias qualidades que não é *blasé*. Prestes a se tornar balzaquiana, ela comemora também uma década de carreira como atriz. Zooey estreou na tela grande em *Dr. Mumford*, que Lawrence Kasdan dirigiu em 1999 – antes disso ela deu as caras na extinta série de TV *Veronica's Closet*. No mesmo ano, participou do videoclipe de "Shes's Got Issues" do The Offspring.

FOTOS: FOX

Foi no ano seguinte, em *Quase Famosos*, de Cameron Crowe, que a moça de olhos espertos se apresentou ao mundo como a irmã mais velha – e rebelde – do personagem de Patrick Fugit. Bastaram poucas cenas para que ela se destacasse entre um elenco gigante, e para que Hollywood começasse a bater em sua porta. Veio então aparecer no pequeno Maníaco como uma paciente com problemas mentais, dividindo a cena com Joseph Gordon-Levitt; e como a namorado do filho do protagonista no fracasso de bilheteria *Grande Problema*, ao lado de Tim Allen. Em *Por um Sentido na Vida*, de 2002, em que trabalhou com Jennifer Aniston, Zooey continua escolhendo personagens ordinários e empresta sua sutileza a uma balconista insatisfeita. Só no ano seguinte a atriz passou a ser a queridinha do cinema independente. Foi em *Prova de Amor*, em que ela interpreta Noel, uma virgem de 18 anos com suas curiosidades sexuais que exercita com o mecânico, de 22, Paul. O filme lhe deu uma indicação ao Independent Spirit Awards e um parceiro: ela volta a trabalhar com o diretor David Gordon Green (*Segurando as Pontas*) ano que vem em Your Highness.

Ela ainda tem uma história de deliciosas peculiaridades: seu nome é inspirado no livro de J.D. Salinger, *Franny and Zooey*; adora moda, jazz e filosofia; toca piano; e interpretou um elfo de armazém em *Um Duende em Nova York* ao lado de Will Ferrell de 2003 – seu primeiro blockbuster. O sucesso não alterou sua percepção do cinema, e entre 2004 e 2008 exercitou seu ecletismo. Fez uma série de trabalhos diversos de dublagem (na série *American Dad*, na animação de pinguins surfistas *Ta Dando Onda* e no sempre bacana *Os Simpsons*), trabalhou em TV nas séries *Tin Man* e *Weeds*, e abraçou o cinemão atuando em *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, *Sim Senhor* (com Jim Carrey) e o filme mais recente de M. Night Shyamalan, *Fim dos Tempos*, em que divide a condução da história com Mark Wahlberg.

Sem abandonar as habilidades musicais, nesse período Zooey participou de duas canções da banda do amigo Jason Schwartzman, Coconut Records, e lançou o próprio CD num duo indie com o músico M. Ward, que chamou de She & Him. Suave e com personalidade, como se imagina. Logo após se tornou queridinha, ao protagonizar *(500) Dias com Ela* com seu amigo de longa data Joseph Gordon-Levitt, que se apaixona por sua personagem, que, por sua vez, não acredita no amor. Levemente diferente da experiência real da moça que ficou noiva neste ano do também artista Benjamin Gibbard. Do futuro ela sabe uma coisa: quer interpretar a nerd protagonista do roteiro que chamou de Circus Girl, ainda em desenvolvimento, que envolve uma bruxa, balões vermelhos e um diamante gigante.

Como você vê a personagem Summer?
Eu a vejo como um desafio, pois queria interpretar alguém de verdade apesar do contexto tão subjetivo do filme. Eu não queria representar uma romantização da personagem e, sim, criar uma versão real dela.

Você acredita que o gênero comédia romântica é o ideal para sua personalidade e talento?
Acredito que é o gênero que mais me interessa e, por isso, meu desempenho corresponde. Não acho que faria tão bem filmes de ação... e, olha, não estou dizendo que não faria um filme de ação. Mas eu gosto de roteiros e de personagens que tratam de dramas e

A DAMA EM APUROS DE *TRANSFORMERS* É POSSUÍDA PELO DEMÔNIO EM *GAROTA INFERNAL* E ALIMENTA SEM PUDOR A FAMA DE REBELDE

MEGAN FOX

TEXTO POR ANA ELISA FARIA ENTREVISTA POR CLIFF FORD/IFA

Linda, sexy e poderosa. Essa é Megan Fox, a musa hollywoodiana da vez. Devidamente apresentada ao grande público em poses provocantes e roupas coladas como a sedutora Mikaela Banes de *Transformers* (2007), filme do controverso Michael Bay (*A Ilha*, *Pearl Harbor*), a novata roubou a cena do protagonista Shia LaBeouf e dos robôs alienígenas da trama. Isso aconteceu não pelo fato de a moça em questão se mostrar uma exímia atriz – muito pelo contrário, que fique claro –, mas por seu poder de sedução e um ar misterioso, capazes de deixar homens e mulheres boquiabertos no cinema. Para a surpresa de muitos, porém, Megan não é o clichê do rostinho (e, no caso, corpão também) bonito e só. Além dessas características, ela é inteligente, pois soube usar a seu favor todos os atributos físicos avantajados que a vida lhe deu para ofuscar sua falta de aptidão na hora de atuar. Tudo bem acompanhado por uma suave rebeldia, muitas tatuagens e declarações polêmicas que a mídia adora explorar, o que, premeditado ou não, a mantém todos os dias nas notas dos tablóides e sites "especializados" em celebridades. As confissões dela para o mundo vão desde "os homens são sujos" e "não tenho dúvidas de que sou bissexual" como disse certa vez à revista *Esquire*. Ou coisas mais engraçadinhas do tipo: "Eu sempre tive medo de voar, mas sei que meu destino não é morrer ouvindo Britney Spears. Então, quando entro em um avião, coloco Britney no meu iPod. Só aí sei que o avião não terá nenhum acidente".

Quando você olha para uma personagem, mesmo que ela seja um pouco demoníaca, você precisa criar certa empatia por ela de algum modo? Você precisa fazê-la vulnerável?

Acho que isso é necessário. Eu não vou querer vê-la somente como uma personagem que odiei. Quero que as pessoas sintam falta dela ao final do filme. Somente em algumas cenas principais eu precisei trabalhar a minha mente para tentar fazê-la o mais realista possível, porque se você entrar bem fundo na história verá que ela é uma vítima. Ela era vítima antes mesmo de ter começado a atacar as pessoas.

O que você fez para estar um pouco mais selvagem nesse papel?

Não me preocupei com o que queria fazer da personagem nesse sentido. Pessoalmente, eu sempre achei muito assustador quando uma garotinha cresce aprendendo a manipular seus pais falando como se ainda fossem bebês. Tenho certeza de que todos os homens já tiveram uma namorada ou esposa que falam como bebezinhos para conseguir o que querem. E eu queria que Jennifer tivesse algo assim porque tenho medo disso. Ela precisa ser intimidante e, às vezes, eu me sinto como uma menininha que não tem muita confiança e que gostaria de ser ameaçadora também. Então, tentei mesclar agressividade e essa coisa psicótica de Lolita.

E muito sangue também?

Sim, mas isso não foi difícil para mim, foram os efeitos especiais.

Nós já temos uma ideia do quão assustador e engraçado esse filme pode ser. Mas o quão sexy ele é?

Esse filme é muito sexy. Um relacionamento um pouco lésbico acontece entre a minha personagem e a personagem da Amanda (Seyfried). Há um beijo na boca entre nós. E além disso, antes de qualquer morte, uma sedução acontece.

Pancada de amor não dói: Joseph Gordon-Levitt e Zooey Deschanel em momento fofo

FOTOS: FOX

relações pessoais.

O que te fisgou nesse caso?
Eu senti como uma história divertida e leve. Mas se os atores não funcionassem, ela se perderia. Fiquei tão nervosa, e aí Jo (*Joseph Gordon-Levitt*) estava comprometido com *GI Joe* (*em que ele interpreta o Comandante Cobra*). Enfim, se não houve uma sintonia entre nós, não teria a delicadeza e a veracidade que merecia. A gente tem sempre de avaliar riscos e reforçar seus desejos e compromissos e os outros profissionais correspondem com a mesma conduta.

Você parece sempre de bem com a vida, ou o personagem parece. É isso mesmo?
Penso que ela é um pouco cínica sobre seguir fórmulas ou padrões para ser feliz. Ela vive o que a faz feliz enquanto espera pela situação ideal e não pela pessoa ideal.

Quanto você tem em comum com Summer em suas abordagens nas relações e no amor?
Eu sou uma pessoa muito romântica, mas não tão quanto Tom (*personagem de Gordon-Levitt*). Eles são ambos desiludidos, cada qual ao seu jeito. Até pouco tempo, não pensava em casamento. Mas agora estou noiva, o que significa que planejo me casar...

Então você é romântica?
Com certeza! Sou romântica, mas eu não sabia até encontrar a pessoa com quem vou me casar. Sabe, fiquei meio "Oh que incrível!". Meus pais estão casados há 35 anos e meus avós há 65 anos. Venho de uma linhagem que funciona em casamentos. Eu só não sentia que era uma coisa que eu deveria fazer até perceber que estava com a pessoa com quem me casaria.

Como no filme?
Não, acho que não. Nunca fui cética sobre casamentos ou taxativa do tipo: não acredito em amor. Eu sempre acreditei em amor, eu só não sonhava com casamento quando menina. Eu imaginava ser atriz, cantora, não esposa.

E sobre a música do filme, você sabia das habilidades de Jo?
Sim. Somos amigos há mais de dez anos e tocamos muito juntos. Jo é um ótimo músico. Ele é muitíssimo talentoso.

Você sempre gostou de música?
Componho desde pequenina e cresci assistindo a musicais. Eu nunca separei totalmente filme de música. Atualmente, estou trabalhando em meu segundo álbum em parceria com meu irmão (*o músico M. Ward, que não é irmão de verdade da atriz e que com ela forma o duo folk She & Him*). Só não sei quando ficará pronto.

Qual a sua comédia romântica favorita? Alguma, em especial, que te inspire?
Gosto muito de Bergman e amo as comédias dos anos 30, como *Aconteceu Naquela Noite*, *Levada da Breca* e *Núpcias de Escândalo*. Adoro também a Nouvelle Vague. *Masculino-Feminino* é um filme que nos inspirou muito e *Uma Mulher É Uma Mulher* também. Tem ainda *Os Desajustados*, um clássico. Meu gosto por comédias está mais para os diálogos afiados de Woody Allen-Cameron Crowe do que para as escrachadas.

Então, este filme promete.
Esperava há tempos por um projeto como este. É um sonho realizado, e fico muito feliz de compartilhá-lo com Joseph.

Quais seus estilistas preferidos?
Adoro Erin Fetherston, acho que ela é a favorita, mas há tantos outros que amo, Karyn Walker (*NZ designer*) e Marc Jacobs e Luella (*Bartley*). Uso muito Luella, mas é difícil encontrar em Los Angeles.

Como você descreve seu estilo?
Superfeminino.

O que você tem feito ultimamente?
Estou compondo, somente. Preparando meu segundo álbum.

Aqueles garotos precisam ser seduzidos para que Jennifer possa devorá-los. Então, isso se torna sexy. Acho que eu estou bem sexy nesse filme.

Obviamente, eu preciso perguntar como foi fazer a cena do beijo com Amanda?

Ela odiou. Ficou chocada.

Você a ajudou?

Não. Eu apenas a beijei. Fiz o que tinha de fazer (*risos*). Fiquei realmente mal por ela ter se traumatizado.

Você é fã de filmes de terror?

Sinceramente, não. Dificilmente eu vejo filmes desse gênero, porque tenho um medo intenso do escuro. O último filme de terror que assisti acho que foi *Lenda Maldita*. Eu tinha uns 15 anos e, depois que o vi, fiquei dormindo com a minha mãe por duas semanas seguidas.

Qual foi a sua reação ao assistir *Garota Infernal*?

Numa das vezes em que assisti, percebi que tinham acrescentado detalhes de som. Era uma parte em que eu gritava muito no set, mas não sabia que tinham adicionado outros gritos. De repente parei e, literalmente, pulei e gritei. Aquilo me deixou aterrorizada por cinco minutos. Depois pensei, "puta merda! Está assustador!". Foi legal poder me ver assustando as pessoas porque eu sou somente uma garotinha. "Olhe para mim, sou tão meiga."

Mesmo que você não seja uma grande fã de filmes de terror, há algum que você não resista?

Sou viciada em *Quando Chega a Escuridão* (*que Kathryn Bigelow dirigiu em 1987*). Eu preciso assistir a esse filme todos os anos.

O que você acha do poder feminino? A sexualidade é um grande poder para a mulher? Sua personagem até menciona algo assim no filme.

Acho que Deus, o universo ou qualquer coisa em que você tenha fé deram aos homens uma natureza corporal bruta e deram às mulheres a sexualidade. É tão fácil de controlar os homens com isso, então eu não sei por que ainda não adotei essa tática e me permiti ter esse poder.

***Garota Infernal* se foca, sob vários aspectos, em bruxaria e no sobrenatural. De alguma forma, essas coisas já fizeram parte da sua vida?**

Eu não posso dizer que isso sempre fez parte da minha vida. Isso é fascinante. Quer dizer, acho fascinante como religião, como fazer um curso de religião na universidade. Mas eu não diria que isso me guiou em qualquer sentido da palavra.

Sua cena na cachoeira é irresistível, principalmente pela fragilidade de sua personagem naquele momento. O que foi mais difícil para você como atriz?

Certamente foi a cena da cachoeira, do sacrifício, muito por conta das personagens. Ela (*Jennifer*) estava sendo humilhada e eu queria estar apta a me conectar com aquilo. Se algo soasse falso, me sentiria muito envergonhada. E, então, eu precisei me permitir sentir humilhada por algumas horas, independentemente do tempo que levamos para filmar. Nós precisamos filmar aquilo diversas vezes. Algumas piadas que estavam inicialmente no roteiro para aquela cena foram tiradas, pois o estúdio não se sentiu confortável com elas. Será que posso falar sobre isso?

Claro, vá em frente.

O estúdio não se sentiu confortável com algumas piadas. Eles acharam que a cena que estava sendo feita era muito real e não se sentiram à vontade para rir em determinados momentos, que eu, pessoalmente, discordo. Acho que as piadas funcionaram muito bem e tornaram a cena única e diferente. Eram tiradas brilhantes, mas algumas pessoas não estão preparadas.

Como você olha para a sua carreira agora, depois que *Transformers 2* se tornou um fenômeno mundial? Como você enxerga sua carreira?

Eu não faço ideia. Apenas espero, daqui a dez anos, continuar trabalhando. Quando você está em alguma coisa tão bem-sucedida quanto esse filme é, seria ridículo tentar vendê-lo como se fosse um longa de atuação, porque evidentemente ele não é. Existe uma pressão para você se provar. Não tenho ideia do que sou capaz de fazer ou não. De certa forma, estou procurando isso e testando os meus limites.

Você acha que estão te dando a chance para descobrir isso?

Sim, e sou abençoada pelas oportunidades que tenho. Nunca poderei me queixar delas, das pessoas que me dão essas chances e que, você sabe, talvez eu nem mereça. Portanto, estou muito feliz com o rumo que as coisas têm tomado.

Você disse que esse filme te ajudou a crescer como artista e como atriz. De alguma forma, ele transformou sua feminilidade?

Não, eu só acho que o filme permitiu que eu exercitasse meus

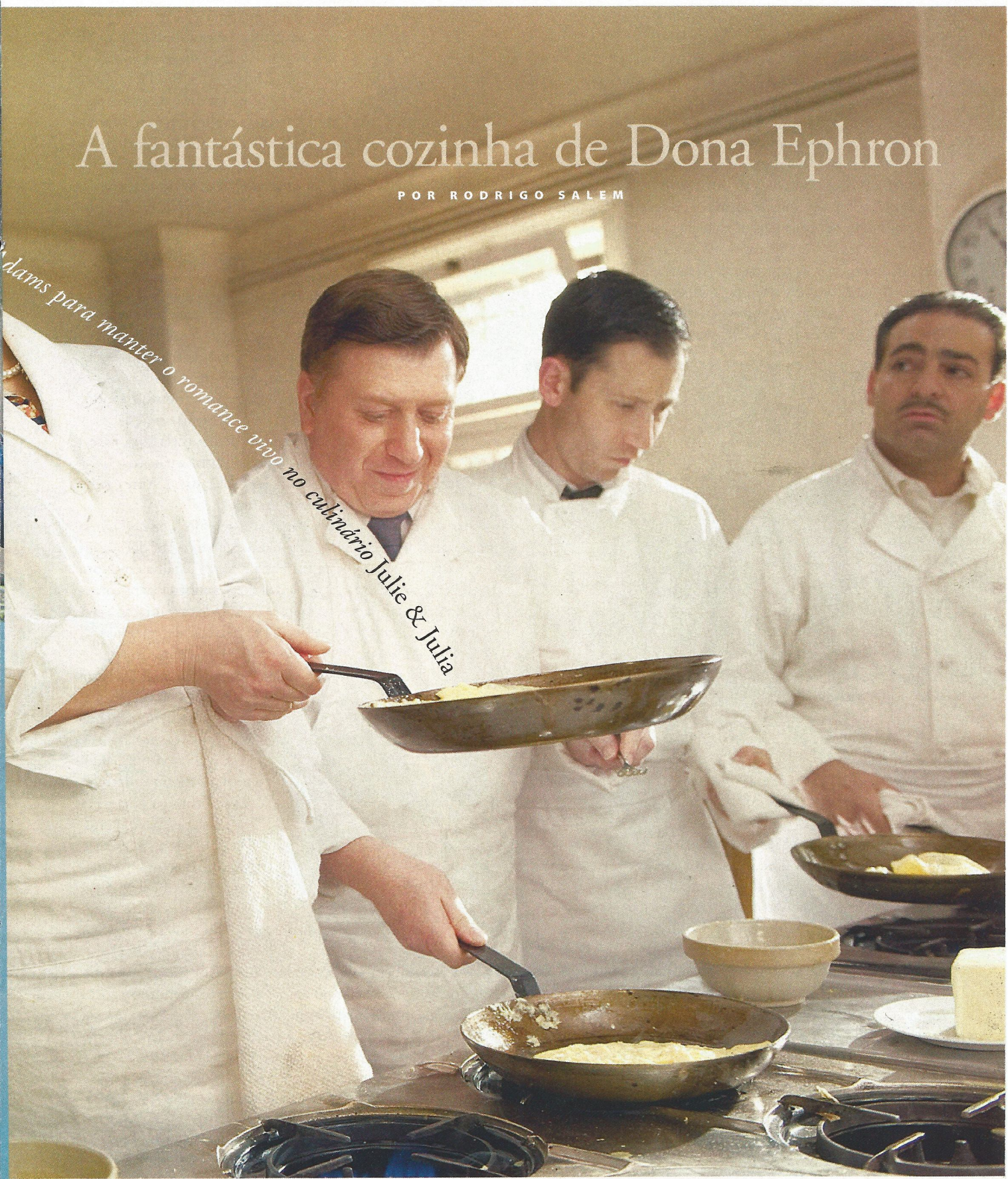
Ela é o demônio: meu amigo, você reclamaria em ter Megan Fox nessa posição?

A diretora de Sintonia de Amor *e* Mensagem para Você *pede ajuda a Meryl Streep e Amy*

A fantástica cozinha de Dona Ephron

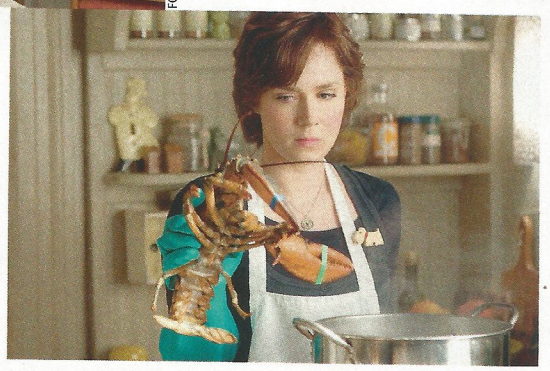
POR RODRIGO SALEM

dams para manter o romance vivo no culinário Julie & Julia



Se o orçamento de *Julie & Julia* não tivesse sido na faixa dos 40 milhões de dólares, números impressionantes para um longa adulto original nos dias de hoje, um massacre poderia ter acontecido nas filmagens em Nova York e Paris. "Teríamos morrido de envenenamento por comida", exagera o ator Chris Messina. "Todas as refeições que você vê no filme são reais, preparadas por chefs de primeira. Imagine se não tivéssemos a grana para contratá-los?" Possivelmente, nem Meryl Streep, escolhida para encarnar a famosa Julia Child, a mulher que mudou o jeito de cozinhar do americano nos anos 1960, teria conseguido esconder o desconforto caso experimentasse até dez pratos por dia nas locações. "Melhor não perguntar o quanto engordei", brinca a diretora Nora Ephron em entrevista exclusiva. "Fiquei parecendo Robert De Niro em *Touro Indomável*", completa Messina.

FOTOS: SONY



Pé na cozinha: Meryl Streep (com Stanley Tucci) como Julia nos anos 1960 (acima) e AmyAdams como Julie em NY em 2002

O aumento no peso do elenco era inevitável. O problema mesmo era com a altura da grande estrela da obra. Meryl Streep não tinha o 1,90m de Julia Child e a produção precisava ajustar o tamanho para uma das maiores características da autora do livro *Mastering the Art of French Cooking* (1961). No começo, pensaram em usar caixas, depois pisos, com alturas diferente. Por último, a figurinista Ann Roth, que trabalhou com Meryl em *Dúvida*, *As Horas* e *Mamma Mia!*, decidiu criar cinco pares de sapatos especiais para a ganhadora do Oscar se equilibrar e causar a diferença de altura entre Julia e seu marido, Paul (Stanley Tucci), um pouco menor que sua colega de tela. "Meryl foi a força por trás da obra", revela Nora. "Quando a encontrei na saída de uma pré-estréia, ela já sabia o que eu estava planejando e falou o 'Bon appetít', bordão de Julia, com uma perfeição impressionante."

A pequena dificuldade enfrentada pela produção de *Julie & Julia* seria o sonho de qualquer grande produção. E é tudo que Nora Ephron sonhou quando pegou a ideia de adaptar dois livros: *My Life in France*, de Julia Child e Alex Prud'homme, e *Julie & Julia*, de Julie Powell. "O filme foi uma desculpa para aplacar minha neurose com comida", explica Ephron. "Eu tenho uma obsessão patológica em relação à comida. Penso nela o tempo todo. Se estou almoçando, penso como será meu jantar." O resto do elenco parece ter uma relação mais normal com as refeições. "Acho que cozinhar pode ser uma atividade bem tediosa", rebate Messina, que utiliza esse lado mais prático para interpretar o marido de Julie Powell, a protagonista da outra linha narrativa do longa, passada em 2002.

Julie, outra personagem verídica, era uma aprendiz de escritora, angustiada com os ataques do 11 de setembro e com a ascensão profissional das amigas. Para ocupar o tempo vago, decidiu fazer um blog com a missão de cozinhar as mais de 500 receitas anotadas por Julia Child em *Mastering the Art of French Cooking* no espaço de um ano. Especialista em transformar atrizes em "namoradinhas da América", Nora foi atrás de Amy Adams para o papel, aproveitando a parceira dela com Meryl em *Dúvida*. "Ela é uma grande atriz", confirma a cineasta. "Mas não existe isso de querer comparar com Meg Ryan. Amy é Amy e ela tem uma carreira incrível pela frente."

Apesar de a comida ser a maior estrela de *Julie & Julia*, o roteiro de Nora Ephron foca no relacionamento dos dois casais – o que vive no pós-guerra em Paris e o que batalha em Nova York. O texto mostra a batalha das duas mulheres para conseguir realizar suas paixões e manter os amados no mesmo nível de interesse. "É um filme sobre amor, casamento e mudança de vida", lista a diretora. "A arte da cozinha é a arte que une famílias. Essa foi a dávida de Julia Child para o mundo." Mas Nora sabe que o sucesso de um casamento não depende da comida preparada pela mulher. "Se fosse assim, meus ex-maridos estariam felizes comigo", conta a cineasta, que se casou três vezes – com o escritor Dan Greenburg, o jornalista Carl Bernstein e, atualmente, com o roteirista Nicholas Pillegi (*Os Bons Companheiros*).

Quem também está sorrindo à toa é a Sony, que apostou num romance tão feminino em pleno verão americano repleto de robôs gigantes, bruxos e mutantes. *Julie & Julia* já rendeu mais do dobro do orçamento e recebeu boas críticas. "Fiquei muito feliz com a recepção ao meu longa. Foi muito difícil combinar os livros", conta Nora Ephron, fora dos cinemas desde 2005, quando adaptou a fracassada versão da série *A Feiticeira*. "Eu não estava parada. Escrevi um livro (*Feel Bad About My Neck: And Other Thoughts on Being a Woman*) e preparei *Julie & Julia* sem pressa. E cozinhei muito." Uau, que surpresa! ■

Agarrado pela boca SET relembra seis filmes em que o astro é a comida

FOTOS: DIVULGAÇÃO

A Festa de Babette *(1987)*

Apesar da comida não fazer parte o tempo todo deste drama que levou o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1988, ela representa todo o tema do longa. Babette é uma refugiada que pede asilo para duas senhoras conservadoras numa cidade da Dinamarca, no fim do século 19. Ela pede apenas um lugar para morar em troca do emprego. Como era católica, recebeu o abrigo. Anos depois, quando recebe um prêmio que a possibilitaria voltar para a França, Babette resolve gastar o dinheiro com um banquete inesquecível para dividir com toda a comunidade.

O Cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante *(1989)*

Um perigoso gângster ajuda a manter o restaurante que visita regularmente ao lado da mulher. A premissa básica serve de desculpa para Peter Greenaway exagerar na sua direção de arte barroca e no roteiro de humor negro: a esposa, na verdade, tem um amante no local e quem esconde o caso é o cozinheiro. Repleto de momentos bizarros, dificilmente você sairá com fome do filme, mas certamente a comida é uma das estrelas.

Como Água Para Chocolate *(1992)*

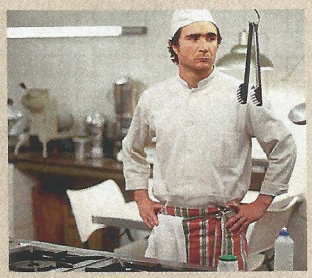
A fábula do diretor Alfonso Arau se passa no meio da revolução mexicana. A garota mais jovem de uma família conservadora é proibida de se casar com o homem que ama para cuidar da mãe. Seu amado, no entanto, topa casar com a irmã dela para ficar sempre perto. A rejeitada assume a cozinha da casa e suas comidas sempre refletem suas emoções: triste no dia do casamento, ela cozinha e todos terminam a festa chorando e vomitando.

Chocolate *(2000)*

Juliette Binoche e sua filha se mudam para um pequeno vilarejo do interior da França. Enfrentando o preconceito dos retrógrados cidadãos, ela abre uma doceria especializada em chocolates ao lado da igreja. Aos poucos, a mãe solteira vai encantando os locais com suas receitas exóticas até se envolver com o andarilho vivido por Johnny Depp.

Simplesmente Martha *(2001)*

Filme que serviu de base para *Sem Reservas*, estrelado por Catherine Zeta-Jones. Martha (Martina Gedeck) é uma obcecada chefe de cozinhas alemã num modesto restaurante em Hamburgo. Sua vida muda quando a irmã morre e deixa a filha de oito anos (Maxine Foerste) sob seus cuidados. Equilibrando a função de tia e o trabalho, Martha recebe a ajuda de um cozinheiro italiano (Sergio Castellitto), que surge como uma luz na vida das duas.



Estômago *(2007)*

João Miguel faz um migrante que se muda para São Paulo em busca de uma nova vida. Ele arruma emprego em um boteco e, quando aprende a fazer coxinhas, o local vira um ponto de encontro obrigatório na culinária paulista. O nordestino começa a subir na carreira, é convidado para um grande restaurante de comida italiana e termina promovendo um banquete para convidados... inusitados.

É O FIM DO MUNDO COMO CONHECEMOS (MAS TUDO BEM)

ROLAND EMMERICH DESTRÓI O PLANETA (DE NOVO) EM *2012* – MAS NÃO É DE HOJE QUE O CINEMA ANUNCIA O FIM DOS TEMPOS

POR EDUARDO TORELLI

Será por simples masoquismo ou por nosso apego a "parábolas" que as histórias sobre o fim de tudo – Apocalipse, Armageddon, Juízo Final, chame-o como quiser – nos fascinam desde a Antiguidade? É difícil saber. Talvez seja um misto das duas coisas. Inegavelmente, é muito "confortável" assistir a essas calamidades no escurinho do cinema, seguros e acomodados em nossas poltronas. Mas também é indiscutível que essas "simulações" do fim dos tempos abrem nossos olhos para a negligência e o despreparo do Homem como "zelador" de seu planeta. As coisas vão de mal a pior sob nossa administração – e nesse caso, nada melhor que uma "dinâmica de grupo" diante do telão, para que tomemos consciência da enorme responsabilidade exigida pelo "cargo". Seja qual for a razão do sucesso, os filmes apocalípticos são, quase sempre, êxitos de bilheteria – apenas dão prejuízo quando gastam além da conta ou exageram em suas pretensões. É o caso dos infames (e não tão ruins assim...) *Waterworld – O Segredo das Águas* e *O Mensageiro*, estrelados por Kevin Costner nos anos 1990. Observadas estas regras, as fitas do gênero encontram facilmente seu público – seja em microproduções feitas para o consumo rápido em locadoras, seja em espetáculos de grande porte. Estes últimos ganharam maior apelo recentemente, com a adição de efeitos especiais que, por si, já justificam o valor do ingresso ou da locação do DVD.

CHOQUE IMINENTE

Herdamos esse fascínio pelas narrativas distópicas dos autores românticos. Foram eles que cunharam, nas páginas de seus livros, as primeiras "profecias" modernas sobre o incerto amanhã; inicialmente, a questão se resumia ao "mau uso da ciência" em detrimento da sobrevivência humana. O "pai" do filão foi H.G. Wells, cujos livros vislumbraram o declínio da civilização sob muitos prismas: por conta de experiências genéticas fora de controle (em *A Ilha do Dr. Moreau*); medicamentos que criavam homens e feras gigantescas (em *O Alimento dos Deuses*); e, ainda, por ofensivas extraterrestres (em *Guerra dos Mundos*, a primeira trama do gênero de que se tem notícia).

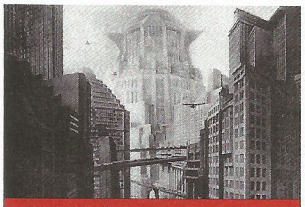
Wells também estava diretamente envolvido em um dos primeiros "filmes apocalípticos" jamais lançados: em 1936, o escritor assinou o roteiro de *Daqui a Cem Anos*, um épico fantástico com produção de Alexander Korda, que estreou nove anos após o ótimo *Metrópolis* (1926), de Fritz Lang. É surpreendente, até hoje, não só a plástica da produção – os cenários megalomaníacos são de cair o queixo! –, mas o próprio escopo da trama, que acompanha a marcha da humanidade, desde as primeiras guerras mundiais ao surgimento de uma Utopia no futuro distante. Até este período, ciclos de barbárie e retrocesso se sucedem.

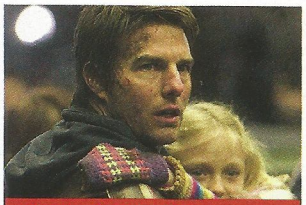
Indiretamente, Wells também influenciou a próxima grande "tacada" do filão, *O Fim do Mundo* (1951). O longa-metragem parecia beber na fonte de seus romances, sempre contrabalançados por comentários sociais e que propunham um estudo informal (nem por isso, menos válido) da natureza humana. Neste filme, a Terra acha-se à beira da extinção por conta do choque iminente com um planeta gigante, Bellus. A única salvação é criar "Arcas de Noé" intergalácticas e despachar para as estrelas os últimos remanescentes da humanidade...

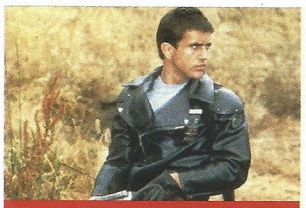
PESADELOS ATÔMICOS

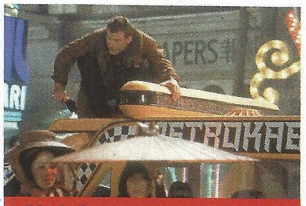
O caos e o fim dos tempos voltaram à baila em *A Guerra dos Mundos*, primeira e melhor adaptação do livro homônimo de Wells para as telas. O ano era 1953 e – claro – a versão do diretor Byron Haskin adicionou uma dose do clima psicológico da Segunda Guerra à receita, atualizando a história. Steven Spielberg tentou seguir o mesmo caminho no remake estrelado por Tom Cruise e mal recebido pela crítica (embora tenha sido sucesso de público). No entanto, a mão do cineasta "pesou" na hora de comparar os marcianos invasores aos terroristas (que, na época, tiravam o sono dos norte-americanos). Bem mais sutil (no contexto da época em que foi lançado) era o apocalipse de *A Hora Final*, estranho drama de 1959 estrelado por Gregory Peck e Ava Gardner. O pesadelo, aqui, não vem do espaço, mas da divisão do átomo: vemos um mundo quase devastado pela guerra nuclear – mas a vida segue em frente, continua a ser possível em países pouco afetados pelo conflito, como a Austrália. As pessoas amam, vivem, divertem-se e ainda têm filhos... Mas há uma onda de melancolia dispersa pelo filme: sabemos, de antemão, que a precipitação

Fugir para onde? John Cusack tenta salvar a filha em *2012*, que materializa a profecia maia do fim do mundo. Quando tudo termina, para onde escapar?


Metrópolis


Guerra dos Mundos


Mad Max


Blade Runner

CADA GERAÇÃO TRAZ UM TIPO DIFERENTE DE ARAUTO DO APOCALIPSE, DE ANIMAIS REVOLTADOS AO MEDO NUCLEAR

nuclear (levada pelos ventos) acabará afetando também este último refúgio da humanidade.

A paranoia nuclear foi um lucrativo precedente para Hollywood – e também para os cineastas japoneses, que exploraram muito essa ideia em seus "filmes de monstros". Neles havia um elemento subliminar, talvez inconsciente: Godzilla e outras criaturas que punham Tóquio abaixo a cada semana eram reencarnações óbvias da bomba atômica; inclusive, em várias dessas tramas, os "monstros" eram produtos da radiação ou acordavam de seu longo sono durante testes nucleares.

A ficção dos anos 60, 70 e 80 foi obcecada por este pesadelo. É vasta a coletânea de filmes sobre o apocalipse atômico – do cândido *A Máquina do Tempo* (a versão original, produzida por George Pal em 1960) ao sombrio *O Planeta dos Macacos* (1968) – este, com direito a uma das imagens apocalípticas mais icônicas do cinema, vista apenas no último frame. Na continuação do último filme, *De Volta ao Planeta dos Macacos* (1970), a Terra é totalmente pulverizada quando Charlton Heston ativa uma "superbomba" que faz os petardos utilizados em Hiroxima e Nagasaki parecerem traques de São João. Uma calamidade tão completa que, para continuar a série, os produtores lançaram mão de um paradoxo temporal e jogaram alguns macacos sobreviventes no passado distante – o único meio de dar continuidade à saga.

"SOB NOVA DIREÇÃO"

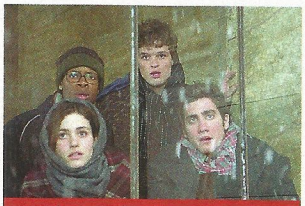
Se chimpanzés puderam herdar a Terra, por que não os pássaros, dobermans e lagartos? Hitchcock orquestrou a obra-prima do "terror zoológico" em 1963, no seminal *Os Pássaros*. Nunca ficou claro se a guerra dos melros e gaivotas contra o homem, na cidadezinha de Bodega Bay, era um fenômeno isolado ou uma "amostra grátis" do Armageddon – mas a segunda hipótese é perfeitamente aceitável com base na cena final. Nela, o "inimigo" deixa os poucos sobreviventes humanos partirem. Não há mais razão para se preocupar com eles: o planeta, agora, está "sob nova direção". Mais tarde foi a vez dos répteis e dos cachorros, nos "bonitinhos, mas ordinários", *A Invasão das Rãs* (1972) e *A Revolta dos Cães* (1976). Neste último, os homens, acuados por seus pets (que se reúnem em "ações de guerrilha" e soltam uivos estranhíssimos durante a noite), acabam confinados em uma biblioteca, no que parece uma homenagem ao clássico dirigido por George Romero uma década antes: *A Noite dos Mortos Vivos*, que criou um "subgênero" de produções de terror e também derivava dos horrores da Segunda Guerra e do Vietnã: os letárgicos zumbis de Romero, que atacam um grupinho de sobreviventes em casarão no interior, são produtos dos resíduos liberados por uma substância fabricada com fins militares.

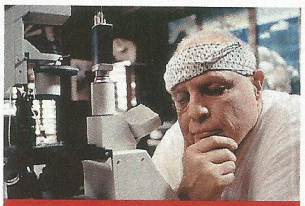
Esporos assassinos, superpopulação e danos irreversíveis ao meio ambiente (e você pensava que a ecologia era um conceito moderno...) foram as "causas" do fim nos igualmente fatalistas *A Última Esperança da Terra* (1971) – uma das versões precursoras da novela *Eu Sou a Lenda*, de Richard Matheson, recentemente readaptada como veículo para Will Smith –, *No Mundo de 2020* (1974) e *Fuga do Século 23* (1976). De um prisma ou de outro, a humanidade parecia condenada a enfrentar as consequências do próprio saber: "monstros" criados em seus tubos de ensaios; abusos perpetrados contra a Natureza; ou máquinas "pensantes" e "temperamentais" que emulavam nosso comportamento. O último mote é um dos mais antigos cacoetes da ficção científica e, no cinema, foi explorado inúmeras vezes – do já referido *Metrópolis* aos quatro episódios da cinessérie *O Exterminador do Futuro*.

MÁQUINAS DO MAL

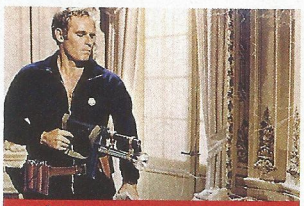
Em *Colossus* (1970), por exemplo, norte-americanos e russos entregam o controle de seus respectivos países a dois supercomputadores que – claro! – se unem para nos escravizar. Outras "máquinas do mal" pintaram e bordaram em *Westworld – Onde Ninguém Tem Alma* (sobre parque de diversões

Armageddon


O Dia Depois de Amanhã


A Ilha do Dr. Moreau

Matrix


A Última Esperança da Terra

Waterworld

Filhos da Esperança

Começo, meio e fim: o cinema raramente vê o amanhã com olhos utópicos, mas sempre como uma extensão dos conflitos de hoje

repleto de androides que se revoltam contra seus criadores), *Blade Runner* (1982) – a aclamada e influente distopia de Ridley Scott – e até em *Laranja Mecânica* (1971), de Stanley Kubrick, que nos apresentou a dois apocalipses pelo preço de um: o social – no futuro, gangues de delinquentes comandam o mundo – e o tecnológico – para reverter o caos, o Estado autoriza a lavagem cerebral em prisioneiros ultraviolentos.

Em plenos e libertários anos 1970, o futuro nunca pareceu tão contrário aos ideais pacifistas da época. Que o diga *Mad Max* (1978), de George Miller, com seu Armageddon no outback australiano – o campo de batalha entre hordas de bandidos e policiais como "Max", interpretado por Mel Gibson. A violência do primeiro filme foi "turbinada" na continuação, *Mad Max 2* (1981), feita com orçamento maior e já abertamente *science fiction*.

LUZ NO FIM DO TÚNEL

E quando parecia não haver mais formas inéditas de se mostrar o fim, os anos 1990 nos surpreenderam com duas fábulas distópicas que marcaram época: o exótico *Os Doze Macacos*, de 1995, e o popular *Matrix*, de 1999. Ambos faziam o gênero "ficção papo-cabeça", mas se saíram muito bem ao encenar suas visões do futuro. No primeiro caso, um vírus letal disseminado por ambientalistas fanáticos é o que leva o homem à beira da extinção. Bruce Willis é o herói incumbido de voltar ao passado e entender "como" isto aconteceu; no segundo, Keanu Reeves descobre que o mundo acabou há tempos... De fato, não existe mais mundo – estamos todos vivendo na "Matrix", ambiente virtual com o qual sonhamos coletivamente.

É pena que a maioria dos filmes do gênero realizados desde então tenha evitado esta senda mais sutil – em parte, por culpa dos efeitos de CGI, que deram uma dimensão tão lúdica e especial às catástrofes em celuloide que o enredo se tornou, no entendimento dos produtores, secundário. O gênero foi definhando a partir de *Armageddon*, de 1998 – uma das mais tolas variações já propostas sobre o tema. Mais bem-resolvido é *Impacto Profundo*, lançado quase simultaneamente: mesmo imperfeita, a trama cumpre sua promessa distópica (o que não ocorre em Armageddon, onde inventaram um forçado "final feliz"). A destruição de Nova York por ondas colossais é uma visão tão incômoda quanto fascinante.

Algo semelhante aconteceu em *O Dia Depois de Amanhã* (2004), um "fim do mundo" sintonizado à sustentabilidade ambiental: o degelo das regiões polares ocorre em tempo recorde, para que possamos testemunhar uma hecatombe digital mais formidável que as de *Armageddon* e *Impacto Profundo* – que o diretor Roland Emmerich promete aperfeiçoar ainda mais em *2012*, fantasia destrutiva que segue a ideia do fim do mundo na data-título segundo profecias no calendário maia. O problema é que não há muito mais para se ver: os conflitos dos personagens são pífios; o interesse é mostrar à platéia o que se pode fazer com uma tela verde e sofisticados softwares de composição 3D. Tudo é muito impressionante – mas "esquecível".

Há, porém, "luzes" no fim desse túnel. Que o diga um "coringa" puxado da manga por Alfonso Cuarón, em 2006: *Filhos da Esperança*. Trata-se de uma ficção científica que não envergonha o gênero e retoma algumas de suas dialéticas, abandonadas desde a filmografia distópica dos anos 60 e 70: a religião passada pelo microscópio – no futuro a humanidade é completamente infértil, até que mulher negra dá à luz um bebê que poderá redimir nossa espécie da extinção (o paralelo com a concepção de Cristo é delineado em tintas leves, mas está lá para ser notado e saboreado).

Seja qual for a arma de destruição em massa escolhida, o cinema já traçou nosso destino em uma galeria de apocalipses que refletem as apreensões de diferentes eras. Mas há uma ideia comum em todos esses pesadelos: promover "exercícios de simulação" que nos permitam avaliar, em cores muito reais, as dimensões das tragédias que podemos gerar com nossas escolhas e omissões. ■

Quando lançamos o Jornal quinzenais, teve gente que

Tudo sobre teatro em um só jornal

de Teatro com edições pensou que faltaria assunto...

JORNAL de Teatro

Leia e assine:

www.jornaldeteatro.com.br

Uma publicação aver editora

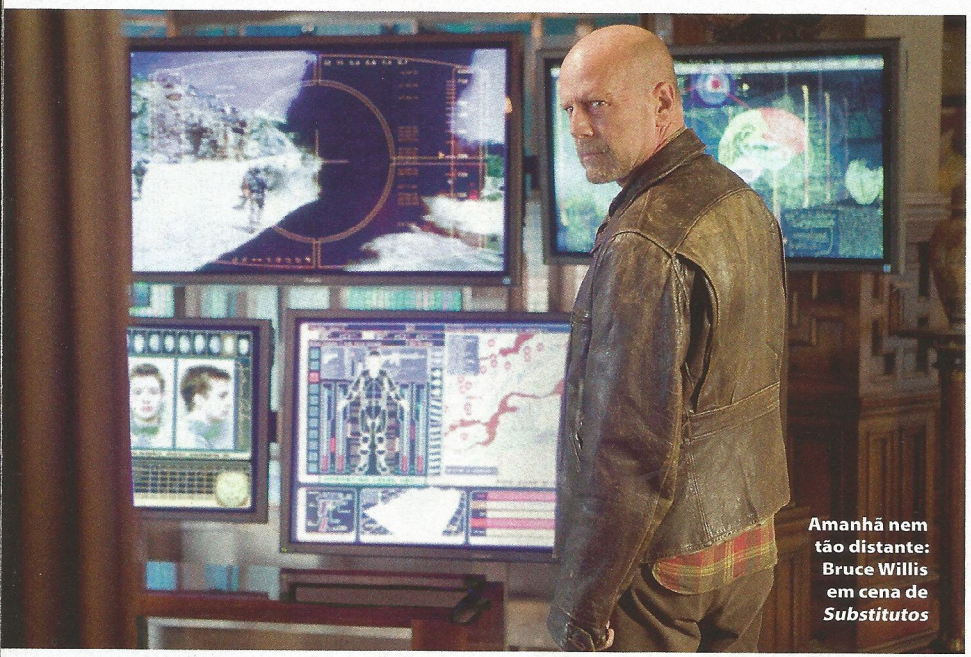
BRUCE WILLIS

De volta à ficção científica mais de uma década depois de *O Quinto Elemento*, um dos astros mais versáteis do cinema fala sobre o novo *Substitutos*, salvar o mundo e como aprendeu a levar a vida menos a sério

POR JOHANNES BONKE/IFA

Bruce Willis não para de trabalhar. Desde que começou na TV, que lhe deu seu grande sucesso na série *A Gata e o Rato*, com Cybill Shepherd, e depois com sua estreia no cinema pra valer em 1987 com *Encontro às Escuras*, em que tira a sorte grande de sair com Kim Basinger, o ator de 54 anos já contabiliza mais de oitenta longas, entre papéis como protagonista, pontas luxuosas ou emprestando seu nome para viabilizar projetos menos ambiciosos – como *Pulp Fiction*. Nessas duas décadas de carreira, ele revolucionou o cinema de ação, criando um herói vulnerável na figura de John McClane no brilhante *Duro de Matar*. Foi o primeiro dos vários policiais que ele interpretou, homens que o ator chama de "verdadeiros heróis deste mundo". Memorável como poucos, McClane firmou Willis como astro de filmes de ação, rótulo que ele tratou de desmistificar em filmes como *A Fogueira das Vaidades* (um fracasso criativo e financeiro monumental dirigido por Brian DePalma), a comédia *A Morte Lhe Cai Bem* ou a espetacular ficção científica *Os Doze Macacos*. Por treze anos, o astro foi casado com Demi Moore, com quem dividiu a cena em duas ocasiões: no suspense *Pensamentos Mortais* e em *Beavis e Butt-Head Detonam a América*. Embora o casamento tenha terminado em 2000, os dois permanecem grandes amigos, mesmo com Demi agora casada com outro ator, Ashton Kutcher, e Willis com a modelo Emma Heming. Consistente em suas escolhas, Willis nunca caiu no ostracismo e sempre que pode voltou à fórmula de *Duro de Matar* e dos heróis da vida real que tanto admira. Em 1999, ele embarcou na ideia de um diretor iniciante e encarou o papel de um psicólogo às voltas com um garoto que vê os mortos em *O Sexto Sentido*, um dos maiores sucessos da história – M. Night Shyamalan o convocou para seu filme seguinte, *Corpo Fechado*, que não experimentou o mesmo êxito comercial. Sem medo de revisitar o passado, ele voltou a assumir o papel de John McClane no ótimo *Duro de Matar 4*, e está com três filmes no gatilho: *Red*, ao lado de Morgan Freeman; a comédia de ação *A Couple of Dicks*, de Kevin Smith; e uma esperada participação em *Os Mercenários*, ao lado de outros ícones do cinema de ação, Sylvester Stallone e Arnold Schwarzenegger. *Substitutos*, dirigido por Jonathan Mostow (*O Exterminador do Futuro 3*) e baseado na série de quadrinhos, ainda inédita no Brasil, de Robert Venditti e Brett Weldele, é sua primeira ficção científica assumida desde a fantasia futurista *O Quinto Elemento*, que Willis fez com o diretor Luc Besson – e que é um de seus filmes favoritos, como ele fala na entrevista a seguir.

on Police



Amanhã nem tão distante: Bruce Willis em cena de *Substitutos*

FOTOS: BUENA VISTA

"Eu acho que meu visual como substituto é um pouco constrangedor. Eu não teria escolhido aquela peruca loira e quando vi meu rosto lisinho por causa da manipulação digital foi bem estranho.

O filme mostra um mundo futurista em que as pessoas vivem com suas versões mecânicas, que são sexy e fisicamente perfeitas, chamadas substitutos. Você interpreta um policial que investiga alguns assassinatos e descobre uma conspiração por trás dessa perfeição. Aquele visual seria o Bruce Willis ideal?

Não, eu acho até que meu visual como substituto é um pouco constrangedor. Eu não teria escolhido aquela peruca loira – foi uma opção do diretor. Quando eu vi meu rosto lisinho por causa da manipulação digital foi bem estranho. Estava parecido com um robô, e talvez fosse essa a intenção. Mas é estranho. Eu gosto de minha aparência, não tenho problemas com ela.

Qual cena você acha que melhor reflete ou simboliza a essência do filme?

Sabe, eu gostaria de explorar melhor as coisas que um substituto pode fazer, acho que só arranhamos o potencial. Mas gosto da cena no começo do filme em que um sujeito vai a uma boate, salta de dezenas de metros e sai caminhando depois da queda. Esse tipo de coisa me chama a atenção. Gosto da cena em que eu sou atingido por um caminhão. Mas o filme não tem sexo, não tem uma cena com os substitutos transando – quem não gostaria de ver isso? Ao menos ver de que forma eles fariam... (*risos*)

Você é bom com traquitanas eletrônicas?

Eu sei usar um computador, isso eu sei bem. Eu tenho um celular. Acho que é isso. Eu não sou o maior fã de tecnologia. Na verdade, eu acho que muitas das inovações tecnológicas foram prostituídas e não são usadas com o propósito que tinham quando inventadas, e sim para ganhar dinheiro. Um bom exemplo seria a televisão. Quando a televisão foi criada, ela poderia ser usada como instrumento para educar o mundo todo. Em vez disso, a usaram para vender sabão, comida, brinquedos e coisas assim. Eles ainda poderiam utilizá-la para educar o mundo, para fazer a diferença, mas optam por não fazê-lo. A meu ver, a tecnologia moderna é usada para coisas como Facebook ou Myspace e Twitter. O objetivo é mais fofocar do que ter informações. Mas eu leio as notícias na internet.

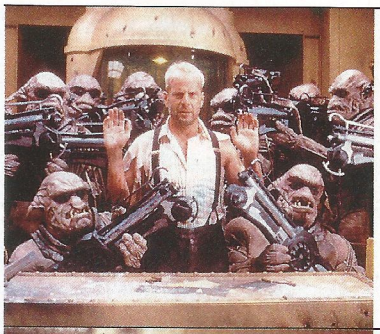
Confesso que fiquei surpreso em ver você como um personagem que, de certa forma, é o completo oposto do que a gente vê em *Duro de Matar*, que são fortes e prontos para a ação. Como foi para você ter seu lado vulnerável explorado por sua cópia?

Foi agradável (risos). Eu não acho que teria feito *Substitutos* se o centro da trama não fosse um homen que acabou de perder sua mulher. Se fosse só ficção científica, se fosse me ver como um efeito digital pulando em cima de ônibus e saltando sobre contêineres enormes, não seria interessante para mim. É muito simples, mas foi interessante explorar um aspecto diferente de um homem que busca superar seus obstáculos pessoais. Tudo que ele quer é ter sua mulher de volta. Eu não sei se é possível condensar esse lado e mais as questões que o filme levanta em noventa minutos. É muita informação.

O roteiro mudou muito de sua primeira leitura até as filmagens?

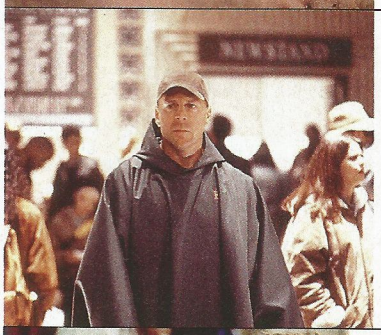
Um script muda continuamente, eu mesmo dei dezenas de sugestões. O que aconteceu foi que este filme começou a ser produzido logo depois do fim da greve dos roteiristas em Hollywood

TOP5



#5 O Quinto Elemento *(1997)*

Neste filme que bebe forte das histórias em quadrinhos europeias de ficção científica, ao melhor estilo da extinta antologia *Metal Hurlant*, Willis é o taxista Korben Dallas (homenagem ao desenhista Richard Corben), ex-militar (claro) que se vê como protetor do "quinto elemento", representado em forma humanoide por Milla Jovovich e que representa a única esperança da Terra, antes uma força destruidora cósmica. Embora o filme de Luc Besson pareça estranho e exagerado, é exatamente o tom cartunesco que o fez envelhecer bem, sendo a antítese de filmes do gênero, sempre sombrios ante o apocalipse. E é, no mímino, a melhor peruca que Willis já usou em seus filmes...

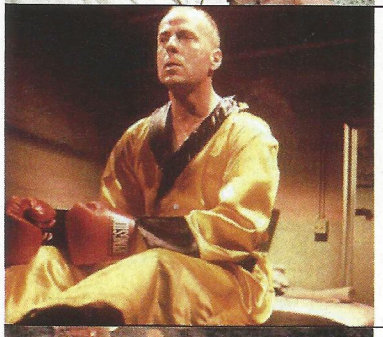


#4 Corpo Fechado *(2000)*

O *Sexto Sentido* pode ter se tornado um sucesso incomparável, mas foi em seu filme seguinte que M. Night Shyamalan apurou seu senso estético e sua narrativa enigmática. Embora o péssimo título nacional possa sugerir, *Corpo Fechado* (que seria melhor traduzido como Inquebrável) não tem tintas sobrenaturais. O astro é David Dunn, segurança de um estádio que, ao se tornar único sobrevivente de um desastre em que centenas morreram, descobre aos poucos ser detentor de superpoderes. É uma visão de um super-herói e seu antagonista vista com um realismo impressionante, o que faz da experiência mais impactante.

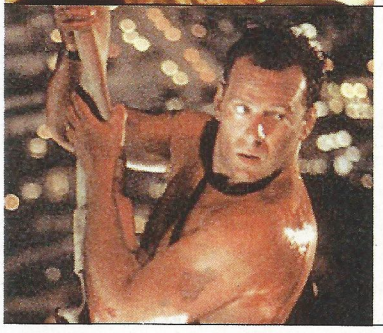
#3 Os Doze Macacos *(1995)*

Nas mãos do gênio Terry Gillian, Bruce Willis e Brad Pitt entregaram duas das melhores performances de sua carreira. Pitt ficou com o papel do louco que, nos dias de hoje, pode ter disparado o vírus que quase eliminou a raça humana. Willis é o viajante do tempo que, desnorteado no passado, precisa impedir a tragédia. Rodado com uma economia absurda de recursos – o futuro na visão de Gillian é feio, sujo e caótico –, *Os Doze Macacos* apresenta uma visão pessimista de nossa capacidade de mudar as coisas, e dos sacrifícios que temos de fazer – quando dada a oportunidade – para o bem maior. James Cole, personagem de Willis, que o diga.



#2 Pulp Fiction *(1994)*

O segundo filme de Quentin Tarantino representou a ressurreição artística de John Travolta e ajudou a consolidar as carreiras de Uma Thurman e Samuel L. Jackson. Bruce Willis ficou com um papel inusitado, o do boxeador Butch Coolidge, que depois de vencer uma luta que deveria entregar, tem de fugir de um criminoso e termina, a seu lado, no porão de uma dupla de pervertidos. A violência vem naturalmente, e é amplificada quando perpetrada por Willis, de longe o rosto mais reconhecível do elenco em seu lançamento. Um marco para o ator e o ponto de partida do cinema independente americano moderno

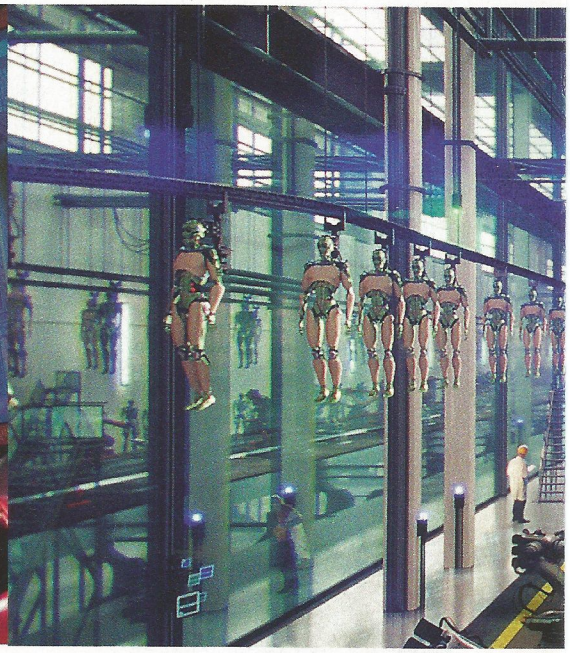


#1 Duro de Matar *(1988)*

Bruce Willis rodou *Duro de Matar* no início de sua carreira e criou um personagem inesquecível em uma produção não raro descrita como o melhor filme de ação de todos os tempos. O curioso é que a aventura, baseada no livro de Roderick Thorp, foi escrita com John Travolta na mente dos produtores para ser o protagonista, o policial John McClane. Mas a aposta foi em Willis, que era um sucesso na TV e só tinha dois filmes no currículo – para *Duro de Matar*, ele recebeu 5 milhões de dólares, um absurdo para a época. Rodado na sede da Fox em Los Angeles, o filme de John McTiernan fez escola, gerou centenas de imitações e transformou Bruce Willis em um ícone.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Plugado: Willis conecta-se a seu substituto, que são produzidos em série (à esq.)



"Não acho que o futuro será feito por máquinas com corpos de metal cobertos por borracha e um fluido verde saindo deles. Isso não é o futuro, é só entretenimento.

há três anos. Ninguém pode colocar as mãos no texto por quatro ou cinco meses. Então a greve terminou e a gente tinha de começar a filmar, mesmo que isso significasse que o roteiro teria de ser modificado e ajustado durante a filmagem, o que é sempre muito complicado. A gente nunca sabe se está fazendo a coisa certa ou tomando as decisões certas – mudanças que podem alterar o tom do filme. Por exemplo, a trama que aborda o impacto da perda do filho do meu personagem em seu casamento foi inventada durante as filmagens. A gente não sabia se era uma adição correta ou não, mas foi só uma das coisas que tivemos de fazer para manter a trama centrada.

As aparências são parte essencial do filme, esse culto à beleza que Hollywood perpetua e que o filme mostra como uma metáfora. Tendo mais de 50 anos, como você se relaciona com este culto à beleza?

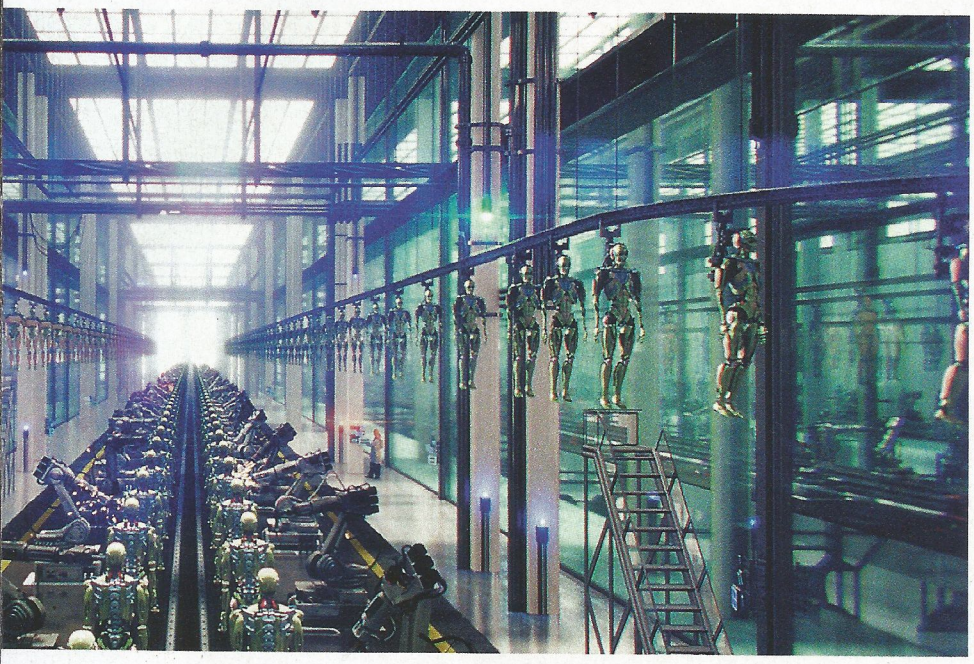
Como eu disse, eu gosto da minha aparência. Eu gosto das linhas em meu rosto. Eu fiquei chocado quando vi meu rosto liso, sem nenhuma linha. Eu acho que nunca tive aquela aparência, nem quando eu era garoto. Eu também nunca fui loiro, e meu cabelo nunca teve aquele estilo. Foi bem esquisito. Em relação à sua pergunta, Hollywood é na verdade o centro de toda tecnologia cosmética, é onde as pessoas de todo o país – e, se brincar, do mundo – vão para ter o rosto remendado. Mas isso nunca dura muito, e é aí que eu tenho um problema com todo esse movimento. Afinal, por que não gostamos de nós mesmos? É um negócio enorme e gastam-se rios de dinheiro com isso. Mas eu vou morrer com essa cara, é minha escolha não entrar na faca.

Você trabalhou com Ving Rhames em *Pulp Fiction*. Como foi retomar essa parceria?

Eu fiquei contente pra caramba em trabalhar com ele de novo. Eu gostaria que a gente tivesse mais cenas juntos, mas aquela parte da trama parece um pouco truncada, um pouco recortada demais. A gente tinha mais algumas cenas juntos que ficaram de fora por causa da metragem do filme. Eu adoro o Ving, ele é um grande ator, um sujeito sensacional, e eu gostei de tê-lo no filme. A trama envolvendo os dreads poderia ser mais bem explorada. Tenho certeza de que vamos trabalhar juntos novamente.

O que você ainda consegue aprender com o cinema depois de uma carreira tão extensa?

Eu estou aprendendo a não me levar tão a sério. Que eu sei menos sobre atuação do que eu achava que sabia. Ou então eu estava tentando fazer coisas



diferentes, e descartei tudo que fiz antes. Eu ainda me sinto atraído pelo mesmo tipo de personagem, o sujeito que tenta superar suas próprias deficiências. Muita gente me pergunta por que eu interpreto tantos policiais. Eu acho que eles são os verdadeiros heróis deste mundo. Acho que qualquer um que tem como parte do trabalho ser baleado é um herói. Qualquer pessoa que trabalhe no atendimento de emergência em um hospital é um herói. Quem trabalha em ambulâncias é um herói. Se pudesse, todos os meus filmes seriam sobre essas pessoas. Mas eu não me levo mais tão a sério. Eu adoro atuar e adoro tentar fazer as coisas de maneira diferente.

Você acha que estamos a caminho de um mundo desumanizado, mais plástico e robótico?

Não, acho que não. Eu acho que o futuro desse tipo de tecnologia, capaz de replicar uma pessoa, já existe. Eles já anunciaram que clonaram animais, que clonaram uma ovelha e clonaram um cachorro. Será que alguém ainda pensa que eles não tentaram clonar pessoas? Eu não acho que o futuro será feito por máquinas com corpos de metal cobertos de borracha e um fluido verde saindo deles. Esse não é o futuro, é só entretenimento. Isso é baseado numa *graphic novel*, não é um documentário sobre o amanhã.

O que você acha da clonagem?

Olha, eu gosto da ideia. Eu gosto da ideia de ter 95 anos de idade e transferir todo o conhecimento de meu cérebro para um corpo de 25 anos. Depois, viver mais uns cem anos e repassar as informações de novo. Seria bacana brincar com os meus tataranetos (*risos*).

O.k., então vamos supor que isso é possível. Que tipo de clone você seria, o que você gostaria de ser capaz de fazer?

Eu queria ser mais forte. Eu queria ser capaz de pegar um carro e jogar longe (*risos*). Mas a verdade é que eu hesitaria em ter um clone, ainda estou trabalhando em fazer sempre a coisa certa. Quando eu era mais jovem e tive sucesso como ator, eu não sabia me comportar, não tinha humildade e era um tremendo babaca. Eu era um idiota. E eu descobri que eu não quero ser aquele sujeito. Por isso que tento não me levar tão a sério, por isso que tento fazer a coisa certa. E todo mundo sabe o que é certo e errado em qualquer situação.

Você fica cansado de salvar o mundo?

Eu acho que essa é a décima vez que eu salvo o mundo? Eu acho que já está na hora de um desses sujeitos mais jovens tomar o meu lugar. Na verdade, não era isso que eu pensava quando comecei a trabalhar como ator, só que minha carreira tomou esse rumo. Uma vez me disseram que eu já tinha salvado o mundo sete vezes. Então, quantas outras vezes você acha que eu tenho de fazer isso de novo?

Não sei. Qual foi seu papel favorito quando salvou o mundo?

Bom, com o personagem de *Substitutos,* o bacana não é que eu salvo o mundo ou não, e sim que o filme não tem um final feliz. Ninguém agradece a plateia e fica sorrindo satisfeito por ter conseguido pegar o bandido e que tudo vai ficar bem. A impressão é que a gente encerra o filme se perguntando "tá legal, e agora?". Eu gosto desse final. Eu gosto de *O Quinto Elemento*, é um filme genial.

Em muitas adaptações de quadrinhos modernas existe um elemento sombrio, perturbador. Você acha fácil eliminar essa nuance na transposição da história para o cinema?

Sim, e eu gostaria que a gente tivesse mais elementos assim. Acho que muitas áreas deixaram de ser exploradas, e não pudemos pela pressão em condensar toda a história em uma hora e meia. Repito, eu queria ter visto os substitutos transando – eles falam sobre isso, mas nada é mostrado. Eu também queria ter visto uma cena estilo *Gladiador*, em que dois substitutos se arrebentam só por diversão. Eles entrariam numa arena e arrancariam os braços um do outro – então eles mandariam mais gladiadores para a arena. Seria divertido. Mas este sou eu. ■

Esta estréia você não poderá perder

CLUBE DO ASSINANTE SET

SUA REVISTA DE CINEMA em breve muito mais próxima de você!

Pré-estréias exclusivas para assinantes

Senha para a acesso a informações exclusivas no site

Newsletter semanal por e-mail

Fóruns de discussões sobre cinema e reportagens da revista

Descontos na loja virtual SET no nosso site

Se você já é assinante da SET, acesse **www.revistaset.com.br** e cadastre o seu e-mail agora mesmo.

Assine SET e faça parte deste clube!

★★★★★ excelente ★★★★ ótimo ★★★ bom ★★ regular ★ ruim

O amor é lindo: Joseph Gordon-Levitt e Zooey Deschanel são só alegria...

FOTO: FOX

(500) Dias Com Ela

Joseph Gordon-Levitt e Zooew Deschanel protagonizam uma história de amor realista até demais

★★★★ **(500) Days of Summer**, *EUA, 2009*. **Com** Marc Webb. Com Joseph Gordon-Levitt, Zooey Deschanel, Geoffrey Arend, Chloe Moretz, Clark Gregg. 95 min. www.foxsearchlight.com/500daysofsummer. Fox. **Romance**

Existe uma coisa decididamente irritante em comédias românticas (e eu uso o termo unicamente como rótulo, mas pense em algo mais abrangente) como *(500) Dias com Ela* que as torna ainda mais irresistíveis: elas são realistas ao extremo, mesmo que a realidade passe por um verniz fantástico e surreal para deixar a experiência mais confortável. O filme de Marc Webb, um conhecido diretor de vídeos musicais, traça o ciclo de vida de um romance e deixa bem claro, do primeiro frame, que a relação de Tom (Joseph Gordon-Levitt, frágil, charmoso e igual a seu melhor amigo) e Summer (Zooey Deschanel, mais irresistível a cada filme) tem começo, meio e fim. Mas Webb não tem interesse em mostrar essa vida a dois de forma linear, como em outro (ótimo) filme-petardo, *Separados Pelo Casamento*. Aleatoriamente, ele escolhe vários dias entre as cinco centenas em que os dois estiveram juntos, expondo dolorosamente os momentos exatos em que as fissuras se tornaram canyons – e por que não havia absolutamente nada que Tom pudesse fazer para salvar o barco. Sim, porque é também claro desde o começo que ele se entrega de cabeça, ele se apaixona de maneira tão completa e ingênua que é difícil não pintar Summer como vilã da história, a mulher que recebe um coração e o destroça. Mas o diretor também sabe que demonizar alguém quando um relacionamento se esfacela é um exercício de futilidade: pessoas são imprevisíveis, com suas regras de conduta e declarações calculadas de "sabemos exatamente o que estamos fazendo". Não sabemos, e alguém fatalmente quebra a cara.

O fato é que *(500) Dias com Ela*, como o nome já sugere, escolhe um ponto de vista, o masculino, e a partir daí mostra que, quando alguém deixa a emoção comandar o cérebro, o desastre não está longe. E é isso que faz desta comédia romântica (mais uma vez o termo, mas o filme é engraçado e emocionante, oras) tão saborosa: ao contrário de alguns filmes sobre relacionamentos recentes, como o brasileiro *Quanto Dura o Amor?*, a opção do diretor é pelo otimismo, não pela miséria. É uma lição clara, ditada com doçura: amar vale, sim, a pena. Não importa que acabe em lágrimas. Não importa que, mesmo amadurecido, o coração fique em frangalhos. Porque, depois, o ciclo reinicia – e quem sabe pode pintar um final feliz? ROBERTO SADOVSKI

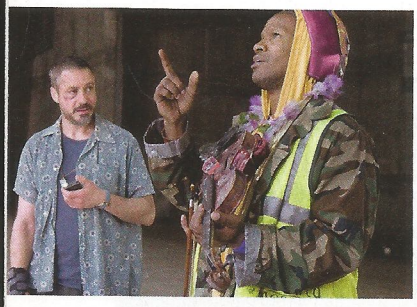


FOTO: UNIVERSAL

O Solista

★★★

The Soloist, *EUA, 2009.* **De** Joe Wright. **Com** Jamie Foxx, Robert Downey Jr., Chatherine Kenner, Tom Hollander. 117 min. www.soloistmovie.com. Universal. **Drama**

Entre uma megaprodução e outra, astros como Robert Downey Jr. e Jamie Foxx sempre arrumam tempo para um projeto menor, geralmente um bom drama onde podem exercitar seus talentos de interpretação. *O Solista* é baseado no livro homônimo do jornalista Steve Lopez (Downey Jr.), que escreve uma coluna de jornal sobre os personagens do cotidiano da cidade de Los Angeles. Na sua busca por assuntos ele encontra Nathaniel Ayers (Foxx), morador de rua que se revela um músico prodígio, mas sofre com problemas de esquizofrenia. O diretor Joe Wright (*Desejo e Reparação*) se dá bem com uma trama contemporânea, mas não alivia na angústia de seus protagonistas – a exemplo de seus trabalho de época, pessoas normais envolvidas em situações extraordinárias. Em *O Solista*, porém, ele pesa um pouco a mão, e o filme só não sofre mais pelo equilíbrio delicado de seu elenco, em especial Downey Jr., que desde que voltou com *Homem de Ferro* tem se mostrado no auge da forma. ROBERTO LARROUDE.

Caso 39

★

Case 39, *EUA/Canadá, 2009.* **De** Christian Alvart. **Com** Renée Zellweger, Bradley Cooper, Jodelle Ferland, Ian McShane. 109 min. www.case39movie.com. Paramount. **Suspense**

Pense por dez segundos sobre essa premissa: "criança com cara de boazinha é a encarnação do mal e todo mundo a seu redor começa a morrer sem grandes explicações". Se pelo menos três filmes não tiverem vindo à mente, pode ir aos cinemas ver *Caso 39*. Não que isso torne o suspense melhor. Mas a trama sobre uma garotinha (Jodelle Ferland) que é resgatada pela assistente social de Renée Zellweger prestes a ser assada por seus pais fica menos insuportável se o espectador nunca tiver ouvido falar de *A Profecia*, *O Chamado* e outras dezenas de longas estrelados por moleques assustadores. Aliás, citar *A Profecia* e *Caso 39* em um mesmo parágrafo é quase uma heresia. A produção do alemão Christian Alvart é uma aberração que ficou na geladeira por dois anos. Não há nada sutil na história, toda apoiada por trucagens vagabundas de som e câmera. Tudo para contar a mesma coisa de sempre: a menina é adotada pela assistente social, que começa a perder seus amigos de forma misteriosa (após atenderem a um telefonema com estranhas vozes... que original, não?) até finalmente perceber que a pirralha é a fonte da desgraça. E pensar que Bradley Cooper e Ian McShane caíram nesta armadilha. RODRIGO SALEM

Aconteceu em Woodstock

Ang Lee mostra (de longe) a criação do festival de rock que mudou uma geração

★★★★ **Taking Woodstock**, *EUA, 2009.* **De** Ang Lee. **Com** Demetri Martin, Emile Hirsch, Imelda Stauton, Henry Goodman, Eugene Levy, Jonathan Groff, Liev Schreiber. 110 min. www.takingwoodstockthemovie.com. Universal. **Drama**.

Fica evidente nos primeiros minutos de *Aconteceu em Woodstock* que o futuro do jovem Elliot Tiber não está no fim de mundo em que ele nasceu, e sim na metrópole – mas é para casa que ele é arrastado quando o dinheiro termina e o "hotel de luxo" de onde seus pais tiram sustento não passa de um muquifo de quinta. Nesse fim de mundo ele vê um amigo voltar levemente fora do eixo do Vietnã (Emile Hirsch, inspirado). E nesse fim de mundo ele vislumbra, com um ou outro ajuste burocrático, que seu modesto festival de verão pode abrigar um show de rock – o que significa mais gente e mais hóspedes para seu hotel. Como essa ideia se transforma numa festa que, em três dias de chuva e lama, atraiu meio milhão de pessoas, parece ser a última das preocupações de Ang Lee, diretor que sabe onde está a mola que impulsiona as ações do homem, o que ele retratou em filmes como *O Segredo de Brokeback Mountain*. O Festival de Woodstock, em suas mãos, é o pano de fundo para mostrar a transição de Tiber para a vida adulta – e todos os prós e contras que surgem no processo. A reconstrução da época é primorosa e os pequenos detalhes e personagens secundários (como Michael Lang, o jovem angelical que idealizou o evento, e Max Yasgur, dono da fazenda que foi palco da festa) fazem de *Aconteceu em Woodstock* uma pequena gema. Pena que Tiber seja mesmo o personagem menos interessante (Hirsch e o travesti interpretado por Liev Schreiber iluminam o filme quando estão em cena) e que a música, grande motor das mudanças perpetradas pelo festival, esteja dolorosamente ausente. ROBERTO SADOVSKIH

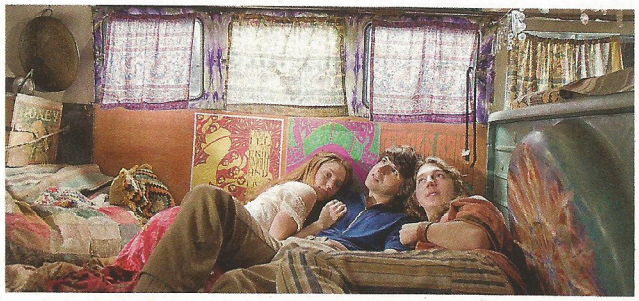


FOTO: UNIVERSAL

Viagem alucinante: a rapaziada aproveita Woodstock sem sair da van

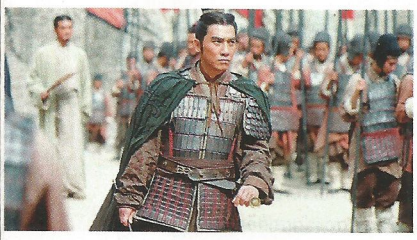


FOTO: EUROPA

A Batalha dos Três Reinos

★★★★

Red Cliff, *China, 2009.* **De** John Woo. **Com** Tony Leung, Takeshi Kaneshiro, Fengyi Zhang, Chen Chang. 142 min. chibi.sina.com.cn. Europa. **Aventura**

Quando John Woo chegou em Hollywood, patrocinado por Jean Claude Van Damme em *O Alvo*, ele já era considerado um gênio. *Fervura Máxima* ainda é o exemplo perfeito de seu estilo incomparável em mesclar violência com poesia visual. O cinemão ianque o recebeu de braços abertos, e ele fez a trinca *A Última Ameaça*, *A Outra Face* e *Missão Impossível 2*, apurando seu ofício com a grana de Hollywood. Daí vieramo equivocado *Códigos de Guerra* e *O Pagamento*. John Woo parecia cansado. Precisava se reinventar. Para isso, voltou para casa e, na China, fez *A Batalha dos Três Reinos*, um épico sangrento sobre a unificação de seu país nos últimos dias da dinastia Han. Detalhista, Woo mistura uma pesquisa histórica meticulosa e uma direção de arte riquíssima a cenas de batalha brilhantemente coreografadas. Pena que a versão original do diretor – quatro horas divididas em dois filmes – tenham experimentado uma condensação no Ocidente. O que não diminui o vigor do retorno de um diretor genial. ROBERTO SADOVSKI

Besouro

Aventura mágica brasileira bem que tenta, mas não alça voo

★★ *Brasil, 2009.* **De** João Daniel Tirhomiroff. **Com** Ailton Carmo, Jessica Barbosa, Anderson Santos de Jesus, Flavio Rocha, Irandhir Santos. www.besouroofilme.com.br. Buena Vista. **Aventura**

Quando o trailer de *Besouro* apareceu na internet, muita gente achou que seria uma versão brasileira de *O Tigre e o Dragão* – o voo dos personagens indicava que o clima mágico seria similar, trocando o kung-fu pela capoeira. Mas fazer cinema no Brasil ainda é uma equação complicada. Não fossem as leis de incentivo fiscal e uma abonada estatal petrolífera, a atividade seria absolutamente imopossível e raramente veríamos uma grande produção nacional nas telonas. Com um orçamento de aproximadamente 10 milhões de reais, *Besouro* é o mais novo produto dessa fórmula mágica dos filmes brasileiros que parecem não ter o lucro como objetivo – mesmo sendo coproduzido pelo braço cinematográfico de uma grande rede de televisão. Baseado no livro *Feijoada no Paraíso*, de Marco Carvalho, o longa dirigido por João Daniel Tirhomiroff (renomado diretor publicitário que faz sua estreia no cinema) conta a história de um famoso capoeirista que lutou contra o coronelismo autoritário do Recôncavo Baiano dos anos 1920, após a escravidão ser abolida no país. A produção conta com a preparadora de atores Fátima Toledo, o diretor de fotografia equatoriano Enrique Chediak e, para garantir boas cenas de ação, o coordenador de lutas Huen Chiu Ku – o mesmo de *Matrix* e *Kill Bill*. O pedrigree está no lugar, mas faltou cuidado maior com roteiro e também apurar a direção dos atores. *Besouro* é o caso de estilo sem substância, um exercício de técnica que ainda precisa desenvolver (e muito) os personagens, desenhar suas subtramas e injetar gordura na história como um todo – o básico quando a ideia é fazer um filme que as pessoas lembrem quando as luzes se acendem. Do jeito que ficou, a aventura simplesmente se apoia em sinuosos passeios com a câmera e algumas cenas de ação que podem ser inovadoras para o padrão brasileiro de produção, mas que qualquer frequentador de cinema que se preze está careca de assistir. ROBERTO LARROUDE

É fogo!: ***Besouro*** **traz muita ação (e pouca substância) para o cinema brasileiro**

FOTO: BUENA VISTA

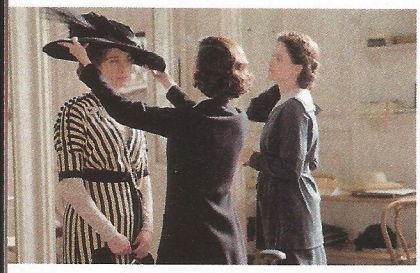


FOTO: WARNER

Coco Antes de Chanel

★★★★

Coco Avant Chanel, *França, 2009.* **De** Anne Fontaine. **Com** Audrey Tautou, Benoît Poelvoorde, Alessandro Nivola, Marie Gillain, Emmanuelle Devos. 105 min. wwws.warnerbros.fr/cocoavantchanel. Warner. **Drama**

A biografia da estilista Coco Chanel, aqui interpretada com firmeza por Audrey Tautou, não foge da fórmula de produções similares. Acompanhamos a desgraça da moça (abandonada pelo pai num orfanato ao lado da irmã), sua fibra em sair das adversidades (ela combate a pobreza se alojando de mala e cuia na casa de um nobre) e o despertar de seu talento (indignada com as roupas cheias de frufrus do mulherio da época, tratou, começando por chapéus, de criar algo que não ofendesse seus olhos). Amor e tragédia também fazem do pacote, que invariavelmente é fechado com um testemunho de seu triunfo. Apesar do esquemão da narrativa, é fascinante acompanhar os passos de uma mulher que pode ser creditada como uma das inventoras do século 20 com sua criatividade e coragem de quebrar padrões – o charme natural de Audrey ajuda a acertar a fórmula. Para os fashionistas, momentos fundamentais, como a criação do pretinho básico, farão diferença – assim como o final, um desfile em que todas as mulheres na sessão que eu acompanhei suspiraram longamente. R.S.

Julie & Julia

★★★

EUA, 2009. **De** Nora Ephron. **Com** Meryl Streep, Amy Adams, Stanley Tucci, Chris Messina. 123 min. www.julieandjulia.com. Sony. **Comédia**

Quatro anos depois do show de horrores que foi a adaptação de *A Feiticeira*, a diretora e roteirista Nora Ephron se recupera dos arranhões sofridos com uma comédia sobre seu assunto preferido: comida. Raposa velha, a autora de *Mensagem para Você* e *Sintonia de Amor*, duas comédias românticas obrigatórias da década passada, juntou uma personagem carismática (Julia Child, mulher que revolucionou a cozinha americana), uma atriz talentosa ainda mais carismática (Meryl Streep) e uma estrela em ascensão rápida (Amy Adams). A receita é infalível, apesar de não ser inteiramente deliciosa. Nora escreve de forma leve e agradável, porém formulaica em certos momentos. O que não deixa de ser um alívio, já que estamos tratando de um gênero em baixa no cinema atual e da dificuldade de adaptar dois livros diferentes em apenas um longa. O drama ganha, então, duas linhas narrativas: uma mostrando a vida de Julia Child (Meryl, perfeita) na França, quando começou a aprender os segredos da culinária local, e outra sobre Julie Powell (Amy, que não compromete), uma escritora frustrada que decide fazer um blog com o desafio de cozinhar as receitas de Julia no espaço de um ano. Os trechos modernos perdem em relação ao charme parisiense dos anos 50, mas servem como uma pitada de identificação para a nova geração. R.S.L.

FOTO: SONY

À Procura de Eric

Ken Loach faz comédia surreal com tom... realista

Hora de comemorar: o futebol toma o centro do novo filme de Ken Loach

FOTO: CALIFÓRNIA

★★★★ **Looking for Eric**, *Inglaterra/França/Itália/Bélgica/Espanha, 2009.* **De** Ken Loach. **Com** Steve Evets, Eric Cantona, Stephanie Bishop, Gerard Kearns, Stefan Gumbs. 116 min. www.iconmovies.co.uk/lookingforeric. California. **Drama**

À Procura de Eric pode não se encaixar, a princípio, na filmografia de Ken Loach (*Ventos da Liberdade*). A começar pela improvável parceria que ele faz com Eric Cantona. Mal dá para imaginar o cineasta britânico e o ex-jogador de futebol francês na mesma frase... Mas a história do carteiro cinquentão em crise (Steve Evets) não perde o tom realista, apesar de o protagonista conversar com o craque que estampa o pôster no seu quarto, como se Cantona estivesse lá. E o jogador está mesmo, passando a fazer parte da vida do carteiro naturalmente. Infeliz com o rumo que sua vida tomou (com dificuldades financeiras, questões amorosas pendentes e problemas com os filhos), o protagonista só esquece as frustrações tomando cerveja com os amigos, nos campos de futebol ou na companhia do seu ídolo – ao lado do qual vive as situações mais surreais. O universo ainda é o de Loach, eterno porta-voz dos excluídos, das classes trabalhadoras e das vítimas dos regimes antidemocráticos. A diferença está no humor, que permeia toda a história e deixa tanto o carteiro quanto o espectador com aquela sensação de que no final a vida vale a pena. Por mais difícil que seja. ELAINE GUERINI

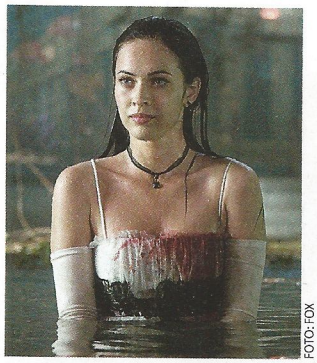


FOTO: FOX

Garota Infernal

★★★

Jennifer's Body, *EUA, 2009.* **De** Karyn Kusama. **Com** Megan Fox, Amanda Seyfried, Johnny Simmons, J.K. Simmons, Amy Sedaris, Adam Brody. 102 min. www.jennifersbody.com. Fox. **Terror**

Depois do superestimado *Juno*, que lhe rendeu um Oscar, a roteirista Diablo Cody se tornou a bola da vez no cinemão. *Garota Infernal* vai manter os fãs da moça felizes. O texto é uma delícia, afiado, esperto, coalhado de referências pop. Igualzinho a *Juno*. E, igualzinho a *Juno*, nenhum dos personagens parece com gente de verdade. Aqui, claro, o estrago é menor, já que não se trata de um drama engraçado sobre uma adolescente grávida, e sim um terrorzão engraçado sobre uma adolescente que devora seus colegas. Jennifer (Megan Fox) é a gostosona de uma cidade minúscula que é possuída por um demônio quando um ritual satânico não sai exatamente como esperado (a moça, obviamente, não é virgem). Cabe à sua melhor amiga (Amanda Seyfried, de *Mamma Mia!*) resolver o caso – seja com diálogos inspirados, seja com muito sangue. Apesar do pedigree, *Garota Infernal* não vai muito além de genéricos de *Pânico*, série símbolo do terror dos anos 1990 que trazia diálogos igualmente espertos. Mas tinha no timão um mestre do gênero: Wes Craven. Aqui a bola está com a diretora de... *Aeon Flux*. R.S.

Amor Extremo

★★★★

The Edge of Love, *Inglaterra, 2008.* **De** John Maybury. **Com** Keira Knightley, Matthew Rhys, Sienna Miller, Cillian Murphy. 110 min. www.theedgeoflove.co.uk. Imagem. **Drama**

Apontado por muitos como um dos maiores poetas da língua inglesa no século 20, Dylan Thomas (1914-1953) é retratado de modo desfavorável neste melodrama ambientado durante a Segunda Guerra Mundial. Boêmio, sarcástico e mentiroso, o escritor (Matthew Rhys) se vê amado por duas mulheres: a amoral Caitlin (Sienna Miller) e a cantora de cabaré Vera (Keira Knightley). Mas esta acaba unindo-se ao militar William (Cillian Murphy). É quando este retorna do front, mais amargo e menos tolerante com a libertinagem e o irônico antihhhbelicismo de Dylan, que o conflito se instala forte. Bem contado, *Amor Extremo* tem uma primorosa direção de John Maybury (*Camisa de Força*). Sob seu controle, a beleza visual jamais anula a emoção, o calor humano. ALFREDO STERNHEIM

FOTO: IMAGEM

Soltando a voz: Keira Knightley é um dos vértices de um triângulo amoroso

FOTO: WARNER

Menino lobo: Jacob tenta ganhar o amor de Bella ao revelar que é um monstro

Lua Nova

Continuação de *Crepúsculo* é mais do mesmo

★★ **New Moon**, *EUA, 2009.* **De** Chris Weitz. **Com** Robert Pattinson, Kristen Stewart, Taylor Lautner, Billy Burke, Ashley Greene. 130 min. www.newmoonthemovie.com. Paris. **Aventura**

Verdade absoluta: *Lua Nova*, segunda parte da saga *Crepúsculo*, é um filme à prova de críticas. É mediocre, o que não faz a menor diferença para as fãs de Edward Cullen (Robert Pattinson). A adaptação do texto de Stephenie Meyer fracassa em sua premissa: em nenhum momento o amor quase doentio de Bella (Kristen Stewart) pelo vampiro Edward é sentido ou mostrado ou sequer sugerido. Em seu lugar, vemos uma adolescente tendo ataques quando leva um fora do amado. Ou não. Assim, Edward é ejetado por boa parte de *Lua Nova*, substituído por uma versão Gasparzinho que surge para Bella quando a moça encontra-se em situações perigosas – nem é preciso dizer que ela corre atrás do perigo. No meio tempo, seu melhor amigo (e amor de armário) Jacob (Taylor Lautner) descobre que é um lobisomem, e Bella, por um motivo que nunca fica claro, precisa ir até a Itália salvar Edward da morte nas mãos de um clã de vampiros – os Volturi, liderados por Michael Sheen, melhor coisa da aventura. É quando *Lua Nova* finalmente ganha impulso – e também quando o filme termina. Vai entender. ROBERTO SADOVSKI

Depp como Dillinger: materializando o bom bandido

FOTO: UNIVERSAL

Inimigos Públicos

Michael Mann faz a crônica de um amor bandido com apoio de Johnny Depp e Christian Bale

Public Enemies, *EUA, 2009.* **De** Michael Mann. **Com** Johnny Depp, Christian Bale, Marion Cotillard, Billy Crudup, Jason Clarke, Stephen Dorff, Giovanni Ribisi. 140 min. DVD Universal. **Drama**

A câmera de Michael Mann se aproxima com intimidade de John Dillinger, bandido tratado como herói durante a Depressão dos anos 1930. Ora ágil, ora lânguida, a fotografia se alterna como a habilidade do gângster capaz de assaltar um banco em menos de dois minutos e de amar com devoção. Dillinger ganhou notoriedade não só pela rapidez com que realizava os saques às instituições financeiras acusadas da derrocada do sistema norte-americano, como também pela inteligência com que driblava seus perseguidores, e Johnny Depp incorpora tal personalidade com propriedade. A história de Mann, adaptada do romance que relata a onda de crimes na década de 30 e o nascimento do FBI nos EUA, começa com a sequência da morte de Pretty Boy Floyd em locações originais – onde integrantes da equipe do cineasta garantem ter encontrado cartuchos da época dos duelos reais entre os primeiros agentes federais e as celebridades. A partir daí, a parceria entre Mann e o diretor de fotografia, Dante Spinotti, acompanha com uma câmera digital e incidental a trajetória de Dillinger e seu antagonista, o policial Melvin Purvis (Christian Bale): Dillinger, conciliando novos assaltos com o amor por Billie Frechette (Marion Cotillard); Purvis, organizando estratégias de investigação e ação da inteligência. Granulação e saturação conferem drama ainda maior às perseguições e desencontros no mundo de um marginal que só parecia querer tirar um pouco dos ricos para aproveitar a vida com sua garota.

JULIANA PEREIRA

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A.

Short Cuts – Cenas da Vida

Short Cuts, *EUA, 1993.* **De** Robert Altman **Com** Andie MacDowell, Matthew Modine, Jack Lemmon, Tom Waits, Julianne Moore. 184 min. DVD Lume. **Drama**

Para contar várias histórias ao mesmo tempo, fazendo diferentes personagens se cruzarem e, assim, criar um painel que estampa as diversas faces do ser humano, Robert Altman é o cara. Aqui, o cineasta adaptou oito contos de Raymond Carver para traçar um panorama de Los Angeles marcado por desentendimentos amorosos, crises existenciais, taras e fatalidades. Do atropelamento de uma criança a um terremoto, o abalo físico e emocional que atinge as pessoas faz a gente pensar que a vida não faz muito sentido. E ainda dá vontade de ver o filme de novo na sequência. PAULO CABRAL

Filme: ★★★★★
Extras: N.A.

À Deriva

Brasil, 2009. **De** Heitor Dhalia. **Com** Vincent Cassel, Débora Bloch, Camila Belle, Laura Neiva, Cauã Raymond. 97 min. DVD Universal. **Drama**

Nem só de comédias da Globo Filmes se faz o cinema nacional. *À Deriva* é o terceiro longa do diretor e roteirista Heitor Dhalia, que já havia demonstrado seu talento em *Nina* e *O Cheiro do Ralo*. Dhalia fez um filme quase europeu, lento, arrastado, mas também bastante bonito, com uma bela fotografia. Num verão dos anos 1980, a jovem Filipa (Laura Neiva) passa as férias em Búzios com os pais, cujo casamento está em crise. Enquanto a adolescente vive um romance com um garoto da turma da praia, descobre a infidelidade do pai (o francês Vincent Cassel). O elenco afiado possibilita o destaque de Débora Bloch (a mãe Clarice), há algum tempo ausente do cinema, e revela Laura Neiva, uma garota bonita e promissora com apenas 14 anos, que foi descoberta pelo Orkut. FELIPE GOULART.

FOTO: UNIVERSAL

Filme: ★★★
Extras: N.A.

Pocilga

Porcile, *Itália/França, 1969.* **De** Pier Paolo Pasolini. **Com** Jean-Pierre Léaud, Pierre Clémenti, Ugo Tognazzi, Marco Ferreri. 99 min. DVD Cult Classic. **Drama**

Em mais uma alegoria da decadência burguesa, o falecido cineasta italiano apresenta duas histórias que correm paralelas. Uma sobre um jovem canibal que acaba comendo o próprio pai, e outra sobre o filho de um magnata alemão que prefere viver entre os porcos a se aproveitar do conforto familiar. Jean-Pierre Léaud como o rapaz que se esbalda no chiqueiro mantém aqui sua fama de *enfant térrible* que conquistou na nouvelle vague, principalmente como o *alter ego* de François Truffaut. Associado à gana de chocar de Pasolini, a dupla acaba soando óbvia. P.C.

Filme: ★★★★
Extras: N.A.

Veronika Decide Morrer

Veronika Decides To Die, *EUA, 2009.* **De** Emily Young. **Com** Sarah Michelle Gellar, Jonathan Tucker, David Thewlis, Melissa Leo. 103 min. DVD Imagem. **Drama.**

A segunda adaptação cinematográfica do livro de Paulo Coelho (a primeira foi feita no Japão em 2005) não oferece certas conotações esotéricas frequentes na obra do mais popular dos escritores brasileiros. Em vez disso, mergulha no mundo da insanidade a partir da tentativa de suicídio de Veronika (Sarah Michelle Geller em atuação contida). As consequências de seu ato geram um drama seco, não tanto pela história, onde anseios reais e fantasiosos se cruzam na clínica de doentes mentais, mas pelo tom da direção da inglesa Emily Young. ALFREDO STERNHEIN

Filme: ★★★
Extras: N.A.

Star Trek

A série é reinventada com inteligência e ousadia

EUA, 2009. **De** J.J. Abrams. **Com** Chris Pine, Zachary Quinto, Leonard Nimoy, Eric Bana, Bruce Greenwood, Karl Urban, Zoe Saldana. 127 min. DVD/Blu-ray Paramount. **Ficção científica**

Esqueçam os dez filmes que *Jornada nas Estrelas* gerou para o cinema desde 1979. Limpe de sua mente todas as séries para a TV com a marca, à exceção da original, exibida entre 1966 e 1969. Nas mãos de J.J. Abrams (*Lost*), *Star Trek* abraça os conceitos do programa criado por Gene Roddenberry e desdobra-se em velocidade warp como uma aventura espetacular, honrando a longa tradição da série (e dos filmes) em observar a condição humana sob a ótica da ficção científica. *Star Trek* é, portanto, um novo começo para a recém-formada tripulação da Enterprise, ainda sem o comando de James Kirk (Chris Pine, puro charme). É o atrito entre o cadete e o oficial de ciência da espaçonave, o vulcano Spock (Zachary Quinto), a mola que impulsiona a aventura, envolvendo, na melhor tradição trekker, ameaças em escala planetária, viagens no tempo e até o Spock original, Leonard Nimoy, parte fundamental da trama. Abrams abre caminho para um futuro em que a jornada é, pela primeira vez em anos, empolgante. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★★ **Extras:** N.A.

FOTO: PARAMOUNT

A nova tripulação da Enterprise, James Kirk no comando, toma seu lugar

FOTO: CULT CLASSIC

O Magnífico

Le Magnifique, *França/Itália,* 1973. **De** Philippe de Broca **Com** Jean-Paul Belmondo, Jacqueline Bisset, Vittorio Caprioli, Hans Meyer. 95 min. DVD Cult Classic. **Comédia**

Nesta brilhante comédia de ação, Jean-Paul Belmondo é o espião Bob Saint-Clair, que salva o mundo na mesma velocidade em que conquista mulheres estonteantes e desfruta uma vida vertiginosa. A verdade é que Saint-Clair – uma óbvia paródia a James Bond – é fruto da imaginação do escritor François Merlin (Belmondo, em papel duplo), que tenta colorir no papel sua vida cinza, fazendo do espião um *alter ego* capaz de fazer tudo que ele jamais conseguiria. Para deixar a coisa ainda mais confusa, ele coloca personagens de sua vida real como coadjuvantes em seus romances, fazendo com que realidade e ficção se confundam. Embora algumas piadas soem datadas três décadas depois, *O Magnífico* (que foi refilmado sem sucesso em 1998) mantém uma certa ingenuidade que realça a empatia com Belmondo, segurando o filme na base do charme. Programão nostálgico para uma tarde chuvosa. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★

Extras: N.A

Infâmia

The Children Ls Hour, *EUA, 1961.* **De** William Wyler. **Com** Audrey Hepburn, Shirley MacLaine, James Garner, Fay Bainter, Mirian Hopkins. 108 min. DVD Versátil. **Drama**

Infâmia é a segunda versão que William Wyler fez da peça de Lillian Helman. A primeira, com Merle Oberon e Mirian Hopkins (que aqui retorna como a tia Lily), ficou prejudicada pelos pudores dos estúdios em 1936. Afinal, uma história envolvendo a acusação de lesbianismo sobre duas professoras e amigas era forte para a época. Mas já neste drama em preto-e- branco, o grande cineasta pode ser mais franco. E sem nenhum diálogo ou gesto explícito a respeito, conseguiu perturbar o espectador não só com a força destrutiva da calúnia, mas com o poder dos sentimentos latentes e represados. A extraordinária intensidade foi obtida com uma direção que valoriza o ótimo elenco, por meio de closes e ângulos que enfatizam as angústias e incertezas. Caso, por exemplo, em que a idosa Amelia (Fay Bainter, incrível) se debate interiormente entre dúvidas e crenças enquanto ouve as duas crianças. Uma das grandes sequências dessa obra-prima, mais uma de William Wyler. A.S.

Filme: ★★★★★

Extras: ★★

FOTO: VERSÁTIL

O Exterminador do Futuro – A Salvação

Quarta parte da série tem boa premissa, mas perde o pulso (quase) sem Schwarzenegger

Terminator Salvation, *EUA/Alemanha/Inglaterra/itália,* 2009. **De** MgC. **Com** Christian Bale, Sam Worthington, Moon Bloodgood, Anton Yelchin, Bryce Dallas Howard, Common. 115 min. DVD/Blu-Ray Sony. **Ação**

A quarta parte da série iniciada em 1984 – e a primeira sem Arnold Schwarzenegger como protagonista – tinha todas as ferramentas para reiniciar a saga dos robôs assassinos do futuro em grande estilo. John Connor, esperança da Terra para sobreviver a um amanhã dominado pelas máquinas, ganhou a interpretação de Christian Bale – um ano depois de ele ter dominado o planeta como o Batman em *O Cavaleiro das Trevas*. Em vez de repetir a mesma situação das aventuras anteriores, em que Connor é alvo de um matador enviado do futuro, os produtores ousaram ao ambientar o filme numa terra já devastada pelo *Dia do Julgamento*, em que sobreviventes começam a organizar a resistência, e Connor mostra aos poucos traços do líder que um dia ele pode se tornar. Além disso, *A Salvação* traz outro protagonista bacana, Marcus (Sam Worthington), no corredor da morte em 2003, que acorda em 2018 sem saber o que aconteceu – seu destino e o de Connor estão interligados, e é nele que repousa o futuro da humanidade. Em algum lugar do caminho, porém, o diretor McG perdeu o pulso. *A Salvação* abandona a premissa original para se tornar uma coleção de cenas de ação – algumas bem orquestradas, outras nem tanto – que amarram um plot implausível (até para uma ficção científica originada em viagens no tempo), caminhando para um anticlímax decepcionante. A lição que fica? Ouvir a gritaria dos fãs pode prejudicar o trabalho de um diretor preocupado demais em agradar, e um final realmente espetacular fica na gaveta para não deixar a turma da internet fazendo careta. Não que faça diferença. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★ **Extras:** N.A

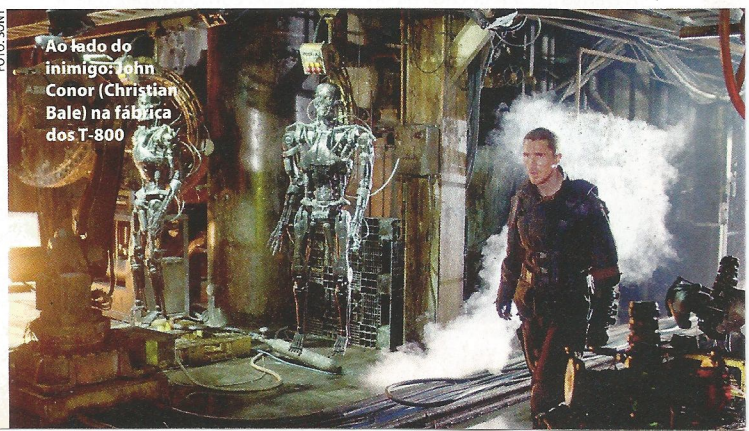


FOTO: SONY

Ao lado do inimigo: John Conor (Christian Bale) na fábrica dos T-800

O argentino tupiniquim

Entre setembro e novembro, cinco longas do cineasta Hector Babenco estão sendo distribuídos em DVD para locação.

Em nosso país, Hector Babenco ocupa um lugar especial na criação cinematográfica. Diferente e ambicioso, ele dirigiu filmes que lhe garantiram o justo respeito e a admiração não só no Brasil, mas também no exterior. Dele, a Europa Filmes está lançando um pacote com cinco longas em DVD, restaurados e remasterizados nos Estados Unidos. Cronologicamente, na ordem de realização, o primeiro é *O Rei da Noite* (1975), que já está nas locadoras. É o seu trabalho de estreia como diretor de longa com história. Com humor e drama, embora vacilante no ritmo, começa nos anos de 1940 e acompanha a vida de um homem (Paulo José) até a velhice, dividido entre vários amores.

Dois anos depois, Babenco envereda pela terreno da criminalidade. Em *Lúcio Flávio, Passageiro da Agonia*, ele enfoca um bandido mítico que, de fato, existiu. Mais que expor seus crimes, o cineasta preocupou-se em retratar com incômodo realismo o lado podre da polícia. Esse tom de denúncia viria mais forte em *Pixote, a Lei do Mais Fraco*. É o mais consagrado dos filmes de Babenco Por meio de *Pixote* (Fernando Ramos da Silva) e seus pobres companheiros, o cineasta fez o drama mais profundo do nosso cinema sobre a incompreensão que cerca a delinquência entre crianças e adolescentes. E sem deixar o espectador respirar na sufocante saga de *Pixote*, mostrou o protagonista em cenas ousadas, mas poéticas, como a que o garoto se abraça aos seios de Sueli (Marília Pêra).

O quarto título do pacote é a sua primeira co-produção estrangeira. *O Beijo da Mulher* Aranha centraliza-se na convivência de dois prisioneiros bem antagônicos numa mesma cela: Valentin (Raul Julia), detido por crimes políticos, e Molina (William Hurt em desempenho premiado com o Oscar), um homossexual acusado de corrupção de menores. Sua história possibilitou a Babenco fazer a sua realização mais exuberante, onde, por meio das fantasias de Molina, pode dar vazão ao seu lado cinéfilo. *Brincando nos Campos do Senhor* é o de apreciação mais difícil neste pacote. Não tanto pelas suas três horas de duração, mas por ter um roteiro que não facilita compreender plenamente a conduta impositiva dos religiosos e as diferenças entre o mais puro deles (Aidan Quinn) e o mais arrogante (John Litgwood). Filmado nas selvas do Pará, o longa é uma sucessão de imagens belas e empolgantes que transmitem a força da natureza e a reação dos indígenas quando provocados pela estupidez do homem branco. ALFREDO STERNHEIM

O Rei da Noite
★★
Brasil, 1975. **Com** Paulo José, Marilia Pêra, Vic Militello, Cristina Pereira. 98 min. **Drama**

Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia
★★★★
Brasil, 1977. **Com** Reginaldo Faria, Milton Gonçalves, Ivan Cândido, Ana Maria Magalhães. 125 min. **Drama**

Pixote, a Lei do Mais Fraco

FOTOS: EUROPA

★★★★★
Brasil, 1980. **Com** Fernando Ramos da Silva, Marília Pêra, Jardel Filho, Elke Maravilha. 127 min. **Drama**

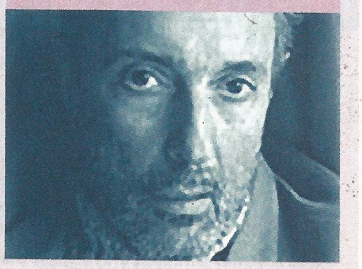
O Beijo da Mulher Aranha
★★★★

Kiss of the Spider-Woman, *Brasil/EUA, 1985.* **Com** William Hurt, Raul Julia, Sônia Braga, José Lewgoy, Miloton Gonçalves. 120 min.

Brincando nos Campos do Senhor
★★★
At Play in the Fields of the Lord, *Brasil/EUA, 1991.* **Com** Tom Berenger, Aidan Quinn, Daryl Hannah, John Lithgow, Kathy Bates. 186 min. **Drama**

Cineasta cosmopolita

Nascido em 7 de fevereiro de 1946 na cidade argentina de Mar Del Plata (onde se realizava anualmente um festival internacional de extrema importância), mas radicado desde a juventude no Brasil, onde naturalizou-se, Hector Babenco fez a maioria de seus longas entre nós. Porém, não se prendeu a um nacionalismo exacerbado e fez vários longas falados em outros idiomas, alguns até no exterior. E foi lá, precisamente nos westerns de produção italiana, que ele deu seus primeiros passos cinematográficos, fazendo pontas. De volta ao Brasil, estreou em 1973 na codireção de *O Fabuloso Fittipaldi*, junto de Roberto Faria. Em 1975, fez a sua primeira direção solo em *O Rei da Noite*. De lá até hoje, são dez longas, sendo seus maiores êxitos de crítica e de bilheteria *Pixote* e *Carandiru*. O seu lado mais cosmopolita se manifesta em *O Beijo da Mulher Aranha* e *Brincando nos Campos do Senhor* (co-produções americanas), *Ironweed* (rodado nos EUA com Meryl Streep e Jack Nicholson), *Coração Iluminado* e *O Passado*, ambos falados em espanhol e com conotações mais pessoais, especialmente o segundo, que foi lançado em 2007, com Gael Garcia Bernal à frente do elenco.



A Noiva Estava de Preto

La Mariée Était em Noir, *França, 1968.* **De** François Truffaut. **Com** Jeanne Moreau, Jean-Claude Brialy, Charles Denner, Michel Bouquet. 108 min. DVD Versátil. **Suspense**

Crítico e diretor, François Truffaut resolveu dar uma de Alfred Hitchcock, que ele sempre admirou e valorizou. E até contratou para a trilha musical o compositor Bernard Hermann, que desenvolveu alguns dos seus temas em *Um Corpo que Cai*. Como em vários dos filmes do mestre do suspense, aqui o espectador sabe quem é o criminoso: Julie Kohler (a sempre extraordinária Jeanne Moreau). Mas desconhece, até certa cena, a razão dos seus assassinatos em série. Importa saber como ela será descoberta. Há soluções temáticas surpreendentes, e Truffaut, com elegância, mantém o interesse do espectador. A.S.

Filme: ★★★★

Extras: ★★

Uma Garota de Programa

The Girlfriend Experience, *EUA, 2008.* **De** Steven Solderbergh. **Com** Sasha Grey, Chris Santos, Philip Eytan, Peter Zizzo. 77 min. DVD Paris. **Drama**

Steven Soderbergh fez feio ultimamente. Primeiro no pretensioso *Che*. Depois, neste registro frio do dia a dia da prostituta Chelsea (Sasha Grey), que atende gente de alto poder aquisitivo. O diretor inovou ao contratar para o papel central uma premiada atriz de filmes de sexo explícito, mas não soube aproveitar a sua bela presença. Preguiçoso, ele acomodou-se em planos de longa duração e ângulos canhestros. Como em uma cena com Chris (Chris Santos), em que Chelsea deita-se no sofá; o encosto a esconde da câmera. O público fica um bom tempo só ouvindo-a. A.S.

Filme: ★

Extras: N.A

Harry Potter e o Enigma do Príncipe

Harry Potter and the Half-Blood Prince, *Inglaterra/EUA, 2009.* **De** David Yates. **Com** Daniel Radcliffe, Rupert Grint, Emma Watson, Michael Gambon, Alan Rickman, Jim Broadbent. 153 min. DVD/Blu-Ray Warner. **Aventura**

O Enigma do Príncipe, sexta (já?) aventura do bruxo inglês nos cinemas, sofre de "síndrome do filme do meio". Ao contrário das produções anteriores, aqui a trama não se completa, e as perguntas ficam mais ainda sem resposta. O que não diminui seu brilhantismo, testemunho do talento do diretor David Yates (que assumiu o comando em *A Ordem da Fênix* e não solta até o final) em não deixar a longa narrativa dos livros se tornar enfadonha em cena – toda a trama é costurada com cenas de ação excelentes, mais intensas com a proximidade dos dois últimos filmes, que condensam a narrativa do livro sete, *As Relíquias da Morte*. Com o mundo ciente da volta de Voldemort, Harry vai aprender o significado de sacrifício e o preço a ser pago para vencer o senhor do mal. Entre lágrimas e expectativas, o cenário está montado para o clímax. Que venha 2010 (e 2011). R.S.

Filme: ★★★★

Extras: N.A

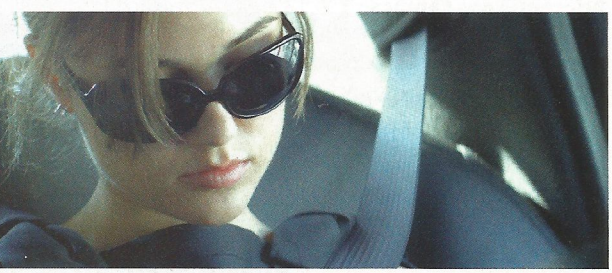


FOTO: PARIS

É atriz ou não é?: Sasha Grey, estrela pornô sob a direção de Soderbergh

FOTO: IMOVISION

Visceral: Daniel de Oliveira exibe seus poderes divinos

A Festa da Menina Morta

O ator Matheus Nachtergaele vai para trás das câmeras e estreia na direção neste drama bizarro

Brasil, 2008. **De** Matheus Nachtergaele. **Com** Daniel de Oliveira, Jackson Antunes, Cássia Kiss, Dirá Paes, Paulo José, Juliano Cazarré. 110 min. DVD Imovision. **Drama**

Das parcerias com Cláudio Assis, ao atuar em *Amarelo Manga* e *Baixio das Bestas*, Matheus Nachtergaele herdou, na estreia atrás das câmeras, apuro na direção de atores e gosto pelo naturalismo. Assim, galinhas degoladas, jacarés putrefatos e carcaças de porcos pontuam, aqui e ali, a história da afeminada figura de Santinho (Daniel de Oliveira, em interpretação visceral), cujos supostos poderes divinos regem o cotidiano de uma comunidade às margens do rio Negro (a filmagem deu-se em Barcelos, no Alto Amazonas), durante a preparação de cerimônia em homenagem à menina morta do título. Em roteiro escrito com Hilton Lacerda, outro colaborador de Assis, Nachtergaele explora bem rostos consagrados (Paulo José, Cássia Kiss, Dirá Paes e o subestimado Jackson Antunes, que faz o pai de Santinho e tem com ele relacionamento incestuoso) e amadores, entregando filme tenso, bonito, cheio de bizarrices. Caso da cena em que populares dançam break ao som de "Samba da Pergunta", de Pingarrilho e Vasconcellos. LUIZ FELIPE MAZZONI

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A

A Teta Assustada

Vencedor do Urso de Ouro expõe uma situação delicada e violenta

La Teta Assustada, *Peru/Espanha, 2009.* **De** Claudia Llosa. **Com** Magaly Solier, Susi Sanchéz, Efraín Solis, Marino Ballon. 94 min. DVD Paris. **Drama**

O título é impactante e pode remeter alguns desavisados para a comédia maliciosa. Mas tem um sentido dramático que é esclarecido nos primeiros dez minutos. Trata-se da denominação que, sem comprovação científica, foi dada a certas doenças transmitidas pelo leite materno de mulheres violadas por terroristas no Peru. Quando o filme começa, a jovem e angustiada Fausta (Magaly Solier) é informada em um hospital público que há um tubérculo na vagina, fato que exige uma cirurgia. Mas a moça evita e ela sabe que, como outras de sua faixa etária, tem desde criança uma batata colocada pela mãe para evitar que sofresse os estupros constantes nos dias de tensão e medo. Uma situação bizarra que, talvez, tenha pesado para o filme ser o vencedor do Urso de Ouro no último festival de Berlim. Além disso, o segundo longa de Claudia Llosa nos coloca diante de um modo de vida pouco conhecido e exótico. Pena que o embate entre a crendice e a busca de Fausta por uma existência menos travada fica diluído devido ao ritmo, tão vagaroso quanto ao da conduta da protagonista. ALFREDO STERNHEIM

Filme: ★★★ **Extras:** N.A

Observando com cautela: violência e ignorância no mundo de *Teta*

FOTO: PARIS

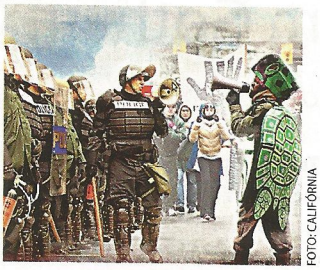


FOTO: CALIFÓRNIA

A Batalha de Seattle

Battle in Seattle, *EUA, 2007.* **De** Stuart Townsend. **Com** Martin Henderson, Charlize Theron, Woody Harrelson, Michelle Rodriguez. 98 min. DVD Califórnia. **Drama**

Em 1999, na cidade americana de Seattle, aconteceu a reunião anual da Organização Mundial do Comércio (OMC). Foram cinco dias perturbados por protestos, repressão e violência. O primeiro longa do ator Stuart Townsed (*A Liga Extraordinária*) encena esse clima de tensão e ideologia, concatenando bem os comportamentos tão antagônicos. Só na meia hora final, perde de vista o coletivo e demora-se nos conflitos pessoais de alguns ativistas e policiais. Mesmo assim, o filme vale como esclarecimento sobre um importante fato verídico e político. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A

Meu Trabalho é um Parto

Labor Pains, *EUA, 2009.* **De** Lara Shapiro. **Com** Lindsay Lohan, Chris Parnell, Cheryl Hines, Aaron Yoo, Luke Kirby. 89Min. DVD Imagem. **Comédia**

Contrariando a maioria das experiências de mamães de primeira viagem, a gravidez de Thea (Lindsay Lohan) parece resolver a bagunça em que se encontra sua vida. Ela é uma secretária editorial subordinada a um chefe equivocado, que tolera para sustentar a irmã caçula após a morte dos pais. Com a gravidez inventada, Thea

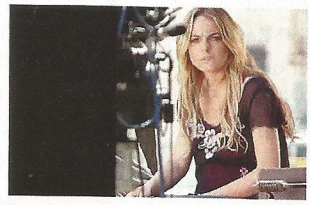


FOTO: IMAGEM

ganha a simpatia e o cuidado dos colegas de trabalho e uma oportunidade de mostrar seu talento. A questão nesse passatempo açucarado de uma hora e meia é que a farsa tem prazo de validade: nove meses, aqui tratados com bom humor e romantismo. J.P.

Filme: ★★★

Extras: N.A

Test Drive

Operação Valquíria **Blu-Ray**

FOTO: FOX

Mais de um ano depois de estar pronto, este drama de guerra dirigido por Bryan Singer (*X-Men, Superman – O Retorno*) chegou ao cinema – e trouxe Tom Cruise ao Brasil. A viagem relâmpago do astro não está registrada no lançamento em blu ray de *Operação Valquíria*, mas o disco compensa com a qualidade habitual da alta definição. No caso de *Valquíria*, a profundidade e os detalhes acrescentam vigor ao conjunto – em especial no ataque em que o personagem de Cruise é mutilado, cena esmiuçada em um dos extras do disco. Os suplementos também incluem um tour pelos lugares reais frequentados pelo coronel Claus von Stauffenberg (Cruise), um olhar sobre os cenários e a reconstrução de época e entrevistas com Cruise e com Singer.

Tudo azul em Gotham City

Batman por Tim Burton, Joel Schumacher e Christopher Nolan ganham discos em alta definição

Batman – O Cavaleiro das Trevas é provavelmente um dos lançamentos mais espetaculares em Blu-Ray, com as cenas rodadas com câmeras Imax preenchendo a tela com detalhismo e esplendor vigorosos. Agora a Warner completa o pacote colocando no mercado o sensacional **Batman Begins**, que retomou a reinvenção cinematográfica do Homem-Morcego, além dos dois longas dirigidos por Tim Burton e os outros dois comandados por Joel Schumacher. **Batman** (*1989*, ★★★) foi a aventura que mostrou ao mercado que os heróis dos quadrinhos ainda tinham fôlego para levar multidões aos cinemas. Atrás do capuz do herói, Michael Keaton tenta manter o controle, esfacelado sempre que Jack Nicholson entra em cena no papel de.... Jack Nicholson, só que maquiado como o Coringa. A atmosfera gótica imaginada por Tim Burton e materiailzada pelo designer Anton Furst fazem de Gotham City uma cidade caótica, tão protagonista quanto as pessoas de verdade que surgem em cena. Em **Batman – O Retorno** (*1992*, ★★★★), Burton aperfeiçoou a fórmula e criou uma aventura icônica, abrilhantada pela performance de Michelle Pfeiffer, perfeita como a Mulher-Gato. O clima sexy e sombrio, porém, não se traduziu em números, fazendo com que o estúdio mudasse a direção para **Batman Eternamente** (*1995*, ★★★), que colocou Val Kilmer no papel do herói e serviu para Joel Schumacher fazer da série um desfile carnavalesco de luzes e neon. Com a confusão causada por tantos protagonistas (Tommy Lee Jones, Jim Carrey, Chris O LDonnell e Nicole Kidman), sobrou pouco espaço para a trama, que tenta entender o que faz de Bruce Wayne o Cavaleiro das Trevas. Mas qualquer sutileza foi para o buraco com **Batman & Robin** (*1997*, ★), um desastre pontuado por uma sucessão de equívocos, que coloca George Clooney encarando Arnold Schwarzenegger para ver quem vende mais brinquedos. Quase uma década se passou até Christopher Nolan acertar o tom, o elenco e o roteiro com **Batman Begins** (*2005*, ★★★★), que se tornou a base para o filme de super-herói moderno que se pretende realista. As versões em Blu-Ray trazem documentários completíssimos sobre a gênese do projeto de levar o herói para o cinema e as particularidades de cada filme – inclusive Joel Schumacher pedindo desculpas por *B&R*. Para os completistas, falta a Warner e a Fox entrarem num acordo e colocar no mercado a hilariante série de TV dos anos 1960. Pow! ROBERTO SADOVSKI

FOTOS: WARNER

As faces do Morcego: Michael Keaton, Val Kilmer, George Clooney e Christian Bale vestem o capuz do Batman em cinco filmes muito distintos

Tira - Teima

Watchmen **The Director's Cut**

Mais um motivo para os fãs brasileiros de adaptações de HQs chiarem: o Blu-Ray de *Watchmen*, adaptação da série fundamental de Alan Moore e Dave Gibbons, não traz a versão do diretor, que expande em 24 minutos a metragem original do filme. E não é puro capricho: com os adendos, a trama fica mais amarrada, e personagens fundamentais, como o Coruja original, ganham o destaque merecido. Infelizmente, esta versão por enquanto só está liberada pelo estúdio para o território americano – mas vale torcer pelo lançamento brasileiro do corte definitivo, que chega na gringa em dezembro, incorporando na narrativa a animação *Contos do Cargueiro Negro*.

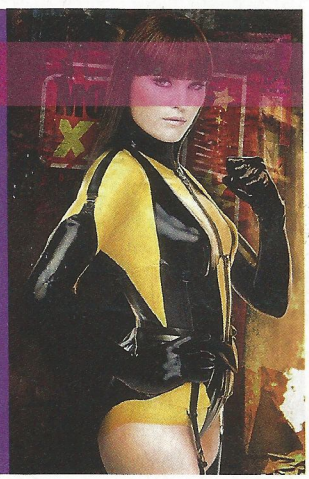


FOTO: PARAMOUNT

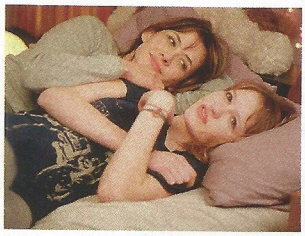


FOTO: IMAGEM

Rindo à Toa

LOL (Laughing Out Loud), *França, 2008.* **De** Lisa Azuelos. **Com** Sophie Marceau, Christa Theret, Jérémy Kapone, Marion Chabassol, Lou Lesage, Émile Bertherat. 103 min. DVD Imagem. **Comédia**

Mais do que explorar as relações contemporâneas através da linguagem instantânea, como sugere o título original – *LOL* significa laughing out loud = morrendo de rir, gargalhando, na gramática do MSN. *Rindo à Toa* traça um paralelo entre as relações de Lola, 15 anos, e Anne, sua mãe de 40. A adolescência é protagonista dessa comédia francesa, cuja coadjuvante é a retomada de relações da mãe quarentona. As duas vivem às voltas com as mesmas questões – drogas, traições, sexo, relações familiares, amistosas, amorosas, Lola administrando tudo com frescor e intensidade, e Anne com sabedoria e delicadeza. Um filme suavemente real e envolvente. JULIANA PEREIRA

Filme: ★★★★★

Extras: N.A

Stella

França, 2008. **De** Sylvie Verheyde. **Com** Léora Barbara, Melissa Rodriguez, Karole Rochner, Guillaume Depardieu. 103 min. DVD Imovision. **Drama**

O rito da passagem, várias vezes visto no cinema, tem aqui louvável espontaneidade. O roteiro, da própria diretora, é sob a ótica de uma garota de onze anos, Stella (Léora Barbara). Ela vive entre as emoções na escola e no bar de seus pais, junto da residência. Mas presta pouca atenção nas aulas e nem se choca com as atitudes rudes dos outros. Narrado na primeira pessoa, o filme pode frustrar aos que esperam mais de certos conflitos que se esboçam. Em vez de desenvolvê-los, Sylvie Verheyde fica no tom distante da crônica. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A

Jean Charles

Brasil, 2009. **De** Henrique Goldman. **Com** Selton Mello, Vanessa Giácomo, Daniel Oliveira, Luis Miranda, Patricia Armani, Sidney Magal, Maurício Varlotta. 90 min. DVD Imagem. **Drama**

A breve história do cotidiano de Jean Charles, que antecede a perseguição e seu assassinato por agentes do serviço secreto britânico no metrô de Londres, em 2005, parece quase justificar que os trambiques do eletricista matuto não o levariam a um destino muito diferente em consequência de seus próprios atos. O mineiro vivia de mascate e de levar vantagem sobre os amigos em pequeninos golpes – mas nunca sobre seus familiares, como a prima que chega à capital inglesa com sonhos de imigrantes. *Jean Charles* não tem relevância nem como ficção nem sob a desculpa de ser "baseado em fatos reais", é simplesmente uma obra oportunista. J.P.

Filme: ★★

Extras: N.A

O Elo Perdido

Land of the Lost, *EUA, 2009.* **De** Brad Silberling. **Com** Will Ferrell, Danny McBride, Anna Friel, Jorma Taccone. 101 min. DVD Universal. **Comédia**

Em minha memória afetiva, a série *O Elo Perdido*, além de ser uma aventura bacana entre criaturas bizarras e dinossauros, promovia uma integração familiar inusitada, quando dois irmãos e seu pai se perdem num buraco no tempo e vão para na "terra perdida" do título. Obrigado por arruinar minha infância, Will Ferrell! Na versão em ácido de Brad Silberling (*Desventuras em Série*) não sobrou nada da inocência do programa criado por Syd e Marty Krofft (que, como produtores do novo filme, tem culpa no cartório), substituída pela histeria do cientista interpretado por Farrell, que é arremessado neste mundo misterioso ao lado de uma admiradora e de... bom, de Danny McBride, único engraçado de verdade neste desastre sobre criaturas que querem invadir a Terra, dinossauros domesticados (o.k., os efeitos são bárbaros) e piadas sexistas. É pouco. R.S.

Filme: ★★

Extras: N.A

Lost 5ª Temporada

Lost – Season Five, *EUA, 2009.* **De** Stephen Williams, Jack Bender e outros. **Com** Matthew Fox, Naveen Andrews. Jeremy Davies, Michael Emerson. 732 min. DVD Disney. **Ficção científica**

A quinta temporada de *Lost* ganhou em DVD o subtítulo de *A Jornada de Volta*. São dezessete episódios em cinco DVDs, com vários extras. Aqui a série chega no ápice da maluquice, com as viagens tempo/espaço tanto da ilha quanto dos personagens. Mas também é uma temporada de tirar o fôlego, solucionando muitos dos mistérios e preparando o espectador para o *grand finale*, que será exibido nos EUA em janeiro. Começa com Ben (Michael Emerson) movendo a ilha de lugar e, três anos depois, em Los Angeles, convencendo o Oceanic 6 voltar à ilha. Ao final, conhecemos um pouco da história de Jacob (sim, ele existe!) e qual a participação dele em tudo (ao que parece, tudo mesmo!) que já aconteceu na série. Apesar de vários enigmas serem desvendados, *Lost* ainda tem muita coisa para ser explicada. F.G.

Filme: ★★★★

Extras: N.A

FOTO: DISNEY

Lost: mistérios resolvidos com a série na reta final

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Tudo calmo no ano-novo: o U2 é uma das atrações da TV no reveillon

Tempo de música

Nas festas de Natal e Ano Novo, os shows ganham destaque

POR ALFREDO STERNHEIM

É sempre assim. Tanto na TV aberta como nos canais pagos, o Natal e a passagem do ano costumam ser festejados com programas musicais. Nesse tempo de paz e amor, ídolos e conjuntos populares são figuras centrais de vários programas. SET selecionou alguns nas emissoras a cabo.

Um é o 2009 Rock and Roll Hall of Fame Concert, na TNT. Trata-se de um concerto em comemoração ao 25º Aniversário do Rock and Roll Of Fame, hoje organizado por uma entidade estabelecida na cidade americana de Cleveland. Mas a celebração aconteceu nos dias 29 e 30 de outubro no imenso Madison Square Garden, em Nova York. Para essas duas noites, os responsáveis fizeram uma apurada seleção dos convidados, levando em conta a

importância histórica dos artistas e a capacidade deles em prol de um espetáculo eclético e original. Além dos grupos U2 e Metallica, a rainha do soul Aretha Franklin, Stevie Wonder, Bruce Springsteen e o The E Street Band, Eric Clapton e Simon & Garfunkel fazem parte desse elenco. A apresentação do especial vai ao ar no dia 7 de dezembro, às 20h. As reapresentações acontecem nos dias 12 (17h15) 15 (0h10), 20 (1h15), 22 (0h25) e 31 (0h10).

Já o canal A&E tem uma maratona que começa no dia 24, a partir das 16h. A estréia se dá com Beyoncé: The Beyoncé Expérience, o show que essa beldade promoveu durante seis meses pelo planeta para divulgar o seu CD B´Day, que tem participações de Shakira, Alejandro Fernández e Jay-Z. Em seguida, Rihanna: Good Girl Gone Bad, onde a cantora de 21 anos que, há pouco, ganhou espaço na mídia por conta da agressão de seu namorado Chris Brown, interpreta "Breakin´Dishes", "Umbrella" e outros de seus êxitos. Emendado ao seu programa, está Christina Aguillera: Stripped Alive, compilação de um espetáculo que a jovem estrela americana apresentou na Inglaterra em 2003. A maratona do dia 24 termina com Gal Costa: Interpretando Tom Jobin e Emmerson Nogueira: Ao Vivo, onde o cantor e compositor mineiro envereda pelo rock com sua viola.

Os brasileiros predominam na programação do dia 31, no A&E, a partir das 15 h. O festival de fim de ano começa com Ara Ketu, seguido por Belo: Seu Fã, com o cantor no espetáculo apresentado em São Paulo após ele cumprir parte de sua condenação judicial, Bruno & Marrone: Acústico e Leonardo: Acústico em que o ídolo da canção romântica interpreta êxitos como "Meu Mel", "Não Aprendi a Dizer Adeus" e "Entre Tapas e Beijos".

A maratona termina reapresentando Michael Jackson: 30th Anniversary Celebration. Esse histórico espetáculo gravado em Nova York e exibido com estrondosa audiência pela TV americana em 13 de novembro de 2001, reuniu o famoso cantor pop ao lado de celebridades de diversas gerações. Como as veteranas Jane Powell, Cyd Charisse, Debbie Reynolds, Dionne Warwyck, a exuberante Liza Minnelli, Gloria Estefan, Justin Timberlake. Na ocasião, Jackson, que morreu em 25 de junho de 2009 pouco antes de completar 51 anos, voltou a se apresentar com The Jacksons 5, após uma interrupção que durou vinte anos.

No VH1, termina As Melhores Canções dos Anos 90. Os dois últimos episódios da série que fez um apanhado daquelas que foram apontadas por especialistas como as maiores músicas dos anos 90 traz Christina Aguillera no programa do dia 6 (22h) e um apoteótico final no dia 13 (22h) que inclui, entre outros, Alanis Morisette, Hanson e o Metallica. Mas, na escolha das 20 maiores da década, a luta pelo primeiro lugar ficou entre Nirvana, U2 e Backstreet Boys.

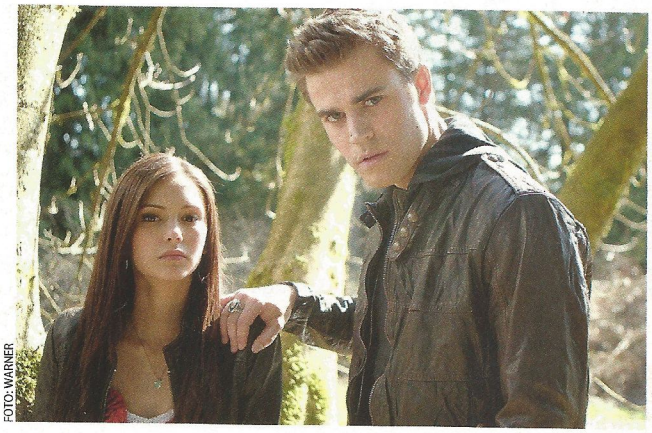


FOTO: WARNER

O monstro da moda: mais vampiros em *The Vampire Diaries*

Vampiros e paramédicos na Warner

Entre outubro e novembro, a Warner Channel terá, além de oito novas temporadas, a estréia de duas séries. A primeira é *The Vampire Diaries!* (dia 22 de outubro, às 22h). Na cola de *Crepúsculo*, apóia-se em uma relação romântica entre jovens estudantes. Baseada na obra literária de L.J. Smith, a história passa-se na pequena cidade de Mystic Fall, onde surge o mútuo interesse entre a garota Elena (a búlgara Nina Dobrev) e o vampiro Stefan (Paul Wesley). Como o personagem de Robert Pattinson em *Crepúsculo*, Stefan é bonito e não dá pista do vampiro que existe dentro de si há séculos. Essa luta para reprimir os seus impulsos é perturbada por um irmão perverso, Damon (Ian Somerhalder, o Boone Carlyle da série *Lost*). Em novembro (dia 4, às 22h), é a vez de *Trauma*. Como disse Wilma Maciel, diretora de programação da Warner, "é uma espécie de *ER - Plantão Médico* ao ar livre." A comparação tem sentido, já que a nova série, que estreou em setembro nos Estados Unidos, tem como foco o dia a dia dos paramédicos em São Francisco. A criação de Dario Scardapane, que até então só escreveu roteiros para dois telefilmes, um longa e um curta para o cinema, tem nos papeis principais Cliff Curtis (o islâmico Hamid do recente *Território Restrito*), a loira Anastásia Griffith, o veterano Jamey Sheridan (que ganhou vários prêmios em teatro) e o afro-americano Derek Luke, há pouco visto como o sofrido sargento Stamps de *Milagre em Sta.Anna*, de Spike Lee.

Retratos Brasileiros - Marlene França

O documentário dirigido por Alberto Russo traz a vida dessa filha de retirantes nordestinos nascida em agosto de 1943 na Bahia. Lá, foi descoberta em 1955 pelo crítico e cineasta Alex Vianny que a incluiu no elenco do episódio brasileiro do filme alemão *Die Windrose*. Começava uma carreira que se fez mais em São Paulo, em filmes como *O Cabeleira, Caçada Sangrenta, Mulher Desejada* e *Quincas Bor-*

Marlene França: uma vida a serviço do cinema brasileiro

bas, dirigidos respectivamente por seu ex-marido Milton Amaral, Ozualdo Candeias, Alfredo Sternheim e Roberto Santos. Deixando de lado a atuação, Marlene, que foi militante do partido comunista durante a ditadura militar, dirigiu na década de 1980 três documentários de cunho social que lhe valeram o prêmio Margarida de Prata, outorgado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Ela fala de seu engajamento político, da sua vida e da sua paixão pelo cinema no programa que inclui depoimentos de outras personalidades.
Canal Brasil, dia 27, às 18h.

Behind The Scenes: The Informant

Aos 46 anos, Steven Soderbergh tem mostrado muita atividade como diretor. Nos últimos dois anos fez o ambicioso *Che*, composto por dois longas sobre o revolucionário

Pinóquio: Matt Damon mente até cansar em *O Desinformante!*

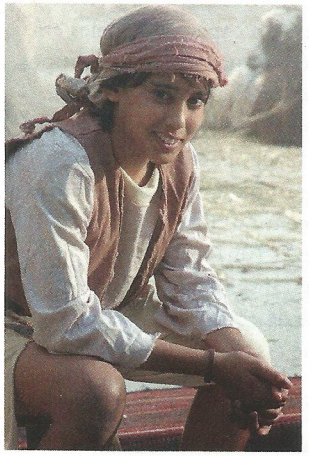
Ernesto Che Guevara, o semi-documentário *Confissões de uma Garota de Programa* e, mais recentemente *O Desinformarte!*, com Matt Damon no papel principal. O programa mostra os bastidores da filmagem dessa mirabolante intriga bem humorada que mescla investigação policial e malandragem.
E!, Dia 13, às 17h30

Plantão do Tas

Um conhecido jornalista de carne e osso vai invadir a programação destinada ao público infantil do Cartoon Network. Trata-se do multimídia Marcelo Tas. Famoso também por sua peculiar irreverência, ele vai ser o âncora do *Plantão do Tas*. Com duração média de dois minutos, o programa será diário e vai apresentar notícias inventadas ou não que estimulam as crianças ter interesse por cidadania, meio ambiente e outros assuntos. A estréia, diferente, fará em meia hora uma retrospectiva de 2009. *Plantão do Tas* foi co-produzido com a Cuatro Cabezas, empresa responsável pelo programa *CQC*. Nessa nova área, Tas achou uma delícia trabalhar com o público infantil. "Eles são dotados daquela sinceridade muito divertida. E também são muito exigentes com relação ao conteúdo que consomem na TV, nos gibis e no videogame."
Cartoon, Dia 31, às 19h

Quem Foi Jesus?

Em uma viagem pela Terra Santa na companhia de três especialistas, o documentário



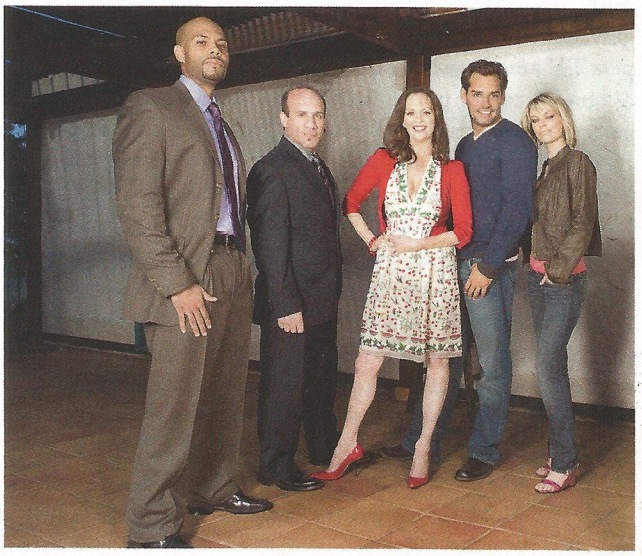
Cristo jovem: o filho do Homem surge em *Quem Foi Jesus?*

Quem Foi Jesus? tenta oferecer um amplo retrato da vida do fundador do Cristianismo. São três partes com uma hora cada, todas apoiadas em evidências históricas e arqueológicas. A primeira, que tem o título de *A Infância*, apresenta um retrato do ambiente que moldou o seu crescimento natural. A segunda, *Sua Missão*, mostram o protagonista adquirindo maior conscientização da miséria humana e das injustiças.

A terceira, *Seus Últimos Dias*, acompanha Cristo desde a sua chegada a Jerusalém na derradeira semana de sua vida, com ênfase no clima que precedeu a crucificação.
Discovery, Dia 20, às 19h.

In Plain Sight

Termina a segunda temporada dessa série em torno da agente Mary Shannon, interpretada pela loira Mary McComarck, que vem do teatro. A personagem enfrenta situações perigosas na sua missão secreta no programa de proteção a testemunha em processos federais. Sua tensa rotina tem que se equilibrar com as complicações provocadas por sua família e seus romances. O episódio final, "Don't Cry For Me Albuquerque", enfoca uma ativista latino-americana que exige muito da heroína. Criada por David Maples, *In Plain Sight* estreou na TV americana em junho de 2008.
AXN, Dia 18, às 21h



***In Plain Sight*: final de temporada entre o dever e a família**

POR TRÁS DO CINEMA NACIONAL, EXISTE UM BANCO QUE VALORIZA A CULTURA BRASILEIRA.

BNDES. O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO.

O BNDES é um dos principais parceiros do cinema nacional. Está presente desde a produção e distribuição de filmes até o patrocínio de festivais e o financiamento de salas de exibição. Por tudo isso, o BNDES já pode ser considerado um protagonista da indústria brasileira do audiovisual, mesmo atuando por trás das câmeras.

Ouvidoria: 0800 702 6307
www.bndes.gov.br

BNDES

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Próximas atrações

FOTO: WARNER

SHERLOCK HOLMES

Robert Downey Jr. é o detetive mais famoso da história na reinvenção do personagem comandada por Guy Ricthie

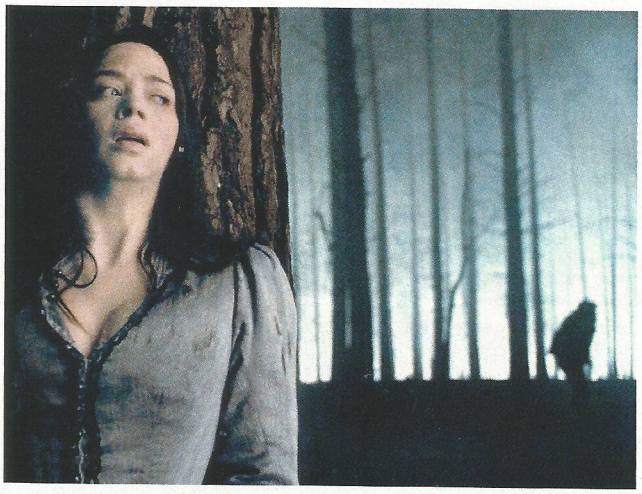


FOTO: UNIVERSAL

O LOBISOMEM

Um dos monstros clássicos da Universal ganha roupagem do novo milênio com Benício Del Toro no papel do homem atormentado por uma maldição que o transforma numa criatura assassina

CLUBE DO ASSINANTE

CONHEÇA OS PRIVILÉGIOS DOS ASSOCIADOS E EMBARQUE NESTE VOO!

- Senha para acessar o conteúdo exclusivo no site.
- Newsletter semanal por e-mail.
- Fórum de discussões sobre o universo da aviação.
- Descontos na loja virtual

Acesse **www.aviacaoemrevista.com.br** e cadastre o seu e-mail. Faça sua assinatura.

E-mail: aver@avereditora.com.br

AVIAÇÃO EM REVISTA

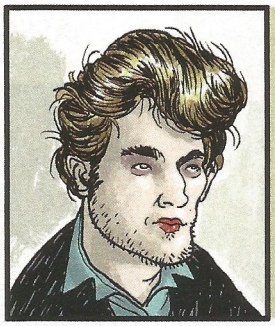
FÁBRICA DE QUADRINHOS COM BR

no cinema com a

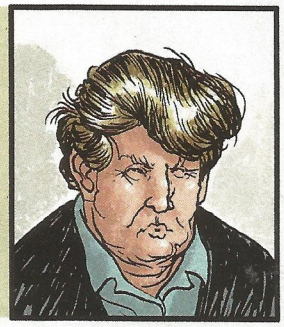
CURIOSIDADES NÃO-PUBLICADAS SOBRE EDWARD CULLEN

POR: RAPHAEL SALIMENA

JOVEM, BONITO, VAMPIRO, VEGETARIANO, VIRGEM. ELE ESTÁ EM TODAS AS NOTÍCIAS, EM TODOS OS LUGARES, EM TODAS AS CAPAS DE REVISTA, (INCLSIVE NESSA!) E NEM SEQUER EXISTE. MUITO VEM SENDO DITO SOBRE ESSE HOMEM, MAS APSAR DISSO AINDA RESTAM ALGUMAS



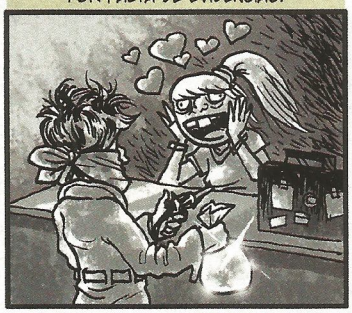
. EDWARD CULLEN FOI ORIGINALMENTE BASEADO NA JUVENTUDE DO EMPRESÁRIO DONALD TRUMP, MAS PROBLEMAS DE DIREITOS AUTORAIS PEDIRAM MUDANÇAS NO NOME E NA HISTÓRIA DO PERSONAGEM. APENAS O CABELO DO ORIGINAL FOI MANTIDO, COMO UMA HOMENAGEM.

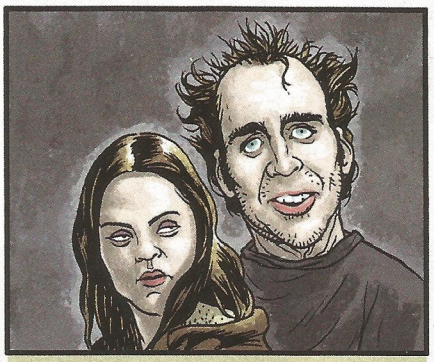


. UM NORTE-AMERICANO DE 22 ANOS DESAPARECEU APÓS PASSAR POR UMA SÉRIE DE CIRURGIAS PLÁSTICAS NO INTUITO DE TORNAR-SE SÓSIA DE EDWARD CULLEN. SEGUNDO OS MÉDICOS, OS PROCEDIMENTOS FORAM BEM-SUCEDIDOS, MAS O PARADEIRO DO JOVEM É UM MISTÉRIO.

. GRUPOS DE VEGETARIANOS TÊM USADO A IMAGEM DE EDWARD EM SUAS CAMPANHAS, COM RESULTADOS ESPANTOSOS: *"AS MENINAS TÊM COMIDO VERDURAS COMO NUNCA ANTES! ELE É O NOVO POPEYE"*, DISSE UM MILITANTE QUE NÃO QUIS SE IDENTIFICAR.

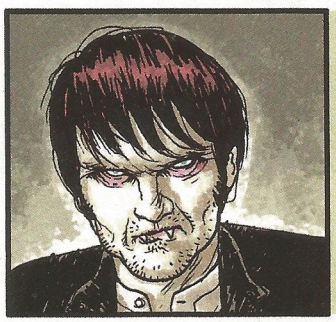
. UMA COMERCIANTE DO ESTADO DE KENTUCKY (EUA) REGISTROU UM BOLETIM DE OCORRÊNCIA ALEGANDO QUE SUA LOJA DE ARTIGOS PARA FESTAS FOI ROUBADA POR EDWARD CULLEN. O RAPAZ TERIA LEVADO UM SACO DE PORPURINA E UM LÁPIS DE OLHO. O CASO FOI ABANDONADO POR FALTA DE EVIDÊNCIAS.





. VÁRIOS FAMOSOS FIZERAM TESTE PARA O PAPEL, QUE ACABOU FICANDO NAS MÃOS DO INICIANTE ROBERT PATTINSON. DENTRE ELES NICHOLAS CAGE, QUE EM ENTREVISTA RECENTE MOSTROU A TATUAGEM DE EDWARD QUE TEM NO BRAÇO ESQUERDO: *"ERA MEU SONHO REPRESENTÁ-LO. SOU FÃ DESDE CRIANÇA"*.

. NOS EUA, 48 ADOLESCENTES DIZEM TER SIDO FECUNDADAS PELO VAMPIRO FICTÍCIO, QUE SEGUNDO OS RELATOS APARECIA EM SUAS JANELAS NU E COM O CORPO RELUZINDO AO SOL, COMO NO FILME.



. O VAMPIRO BILL COMPTON, DO SERIADO *TRUE BLOOD*, É FÃ DE CULLEN: *"ELE É TUDO O QUE EU QUERIA SER E MUITO MAIS. É UM ORGULHO PARA A RAÇA"*. ELE REVELOU AINDA DETALHES DE SUA INTIMIDADE COM A NAMORADA SOOKIE: *"ELA ME CHAMOU DE ED UMA VEZ, DURANTE... VOCÊ SABE. FINGIU QUE NÃO ERA NADA, MAS EU ENTENDI O RECADO"*.

UM FILME DE ROLAND EMMERICH
2012
NÓS FOMOS AVISADOS
COLUMBIA PICTURES APRESENTA UMA PRODUÇÃO CENTROPOLIS "2012" JOHN CUSACK CHIWETEL EJIOFOR AMANDA PEET OLIVER PLATT THANDIE NEWTON COM DANNY GLOVER E WOODY HARRELSON MÚSICA DE HARALD KLOSER E THOMAS WANDER
CO-PRODUTORES VOLKER ENGEL MARC WEIGERT DESENHISTA DE PRODUÇÃO SHAY CUNLIFFE MONTAGEM POR DAVID BRENNER, A.C.E. PETER S. ELLIOT DESENHISTA DE PRODUÇÃO BARRY CHUSID DIRETOR DE FOTOGRAFIA DEAN SEMLER ASC, ASC PRODUTORES EXECUTIVOS ROLAND EMMERICH UTE EMMERICH MICHAEL WIMMER
Trilha Sonora Disponível
ESCRITO POR HARALD KLOSER & ROLAND EMMERICH PRODUZIDO POR HARALD KLOSER MARK GORDON LARRY FRANCO DIRIGIDO POR ROLAND EMMERICH
COLUMBIA PICTURES
2012ofilme.com.br
13 DE NOVEMBRO NOS CINEMAS
VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
SONY
make.believe

Já na primavera, sol, praia, cultura, festas, shows, gastronomia, natureza e esporte. A Bahia é muito mais.

OUTUBRO

20 - Chegada da Regata Internacional Transat 6.50 Salvador

25 - Parada Gay – Salvador

26 - Rodin na Bahia: Abertura do Museu Rodin com exposição das peças do Museu Rodin de Paris – Salvador

27 a 30 - Fispal Bahia – Salvador

29 a 05/12 - Festival de Bar em Bar – Salvador e mais oito municípios

30/10 a 01/11 - Sauípe Fest Costa de Sauípe

NOVEMBRO

09 a 15 - Pan-Americano de Surf Games – Ilhéus

12 a 15 - Festival de Música Mestiça – Salvador

13 e 14 - Festival Internacional de Música do Descobrimento Porto Seguro

Música no Pelourinho todos os dias.

De outubro a dezembro, todas as semanas em Salvador, os shows e ensaios da Timbalada, Gerônimo, Olodum, Voa Dois, Harmonia do Samba, Vixe Mainha, Araketu e muito mais. Veja no site: www.bahia.com.br

Aproveite as vantagens exclusivas dos pacotes Primavera Verão.

*Programação sujeita a modificações sem aviso prévio.

TUDO SOBRE A BAHIA EM PORTUGUÊS, ESPANHOL E INGLÊS.

DISQUE BAHIA TURISMO
71 3103.3103
24H

www.bahia.com.br

Bahia
TERRA DE TODOS NÓS
Secretaria do Turismo
Bahiatursa